

**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**Fundação Biblioteca Nacional**  
*Departamento Nacional do Livro*

**SUSPIROS POÉTICOS E SAUDADES**  
*Domingos José Gonçalves de Magalhães*

Lede

Pede o uso que se dê um prólogo ao livro, como um pórtico ao edifício; e como este deve indicar por sua construção a que divindade se consagra o templo, assim deve aquele designar o caráter da obra. Santo uso de que nos aproveitamos para desvanecer alguns preconceitos, que talvez contra este livro se elevem em alguns espíritos apoucados.

É um livro de poesias escritas segundo as impressões dos lugares; ora sentado entre as ruínas da antiga Roma, meditando sobre a sorte dos impérios; ora no cimo dos Alpes, a imaginação vagando no infinito como um átomo no espaço; ora na gótica catedral, admirando a grandeza de Deus e os prodígios do cristianismo; ora entre os ciprestes que espalham sua sombra sobre túmulos; ora, enfim, refletindo sobre a sorte da pátria, sobre as paixões dos homens, sobre o nada da vida. São poesias de um peregrino, variadas como as cenas da natureza, diversas como as fases da vida, mas que se harmonizam pela unidade do pensamento e se ligam como os anéis de uma cadeia; poesias d'alma e do coração, e que só pela alma e o coração devem ser julgadas.

Quem ao menos uma vez separou-se de seus pais, chorou sobre a campa de um amigo, e armado com o bastão de peregrino, errou de cidade em cidade, de ruína em ruína, como repudiado pelos seus; quem no silêncio da noite, cansado de fadiga, elevou até a Deus uma alma piedosa, e verteu lágrimas amargas pela injustiça, e misérias dos homens; quem meditou sobre a instabilidade das coisas da vida e sobre a ordem providencial que reina na história da humanidade, como nossa alma em todas as nossas ações; esse achará um eco de sua alma nestas folhas que lançamos hoje a seus pés, e um suspiro que se harmonize com o seu suspiro.

Para bem se avaliar esta obra, três coisas releva notar: o fim, o gênero e a forma.

O fim deste livro, ao menos aquele a que nos propusemos, que ignoramos se o atingimos, é o de elevar a poesia à sublime fonte donde ela emana, como o eflúvio d'água, que da rocha se precipita, e ao seu cume remonta, ou como a reflexão da luz ao corpo luminoso; vingar ao mesmo tempo a poesia das profanações do vulgo, indicando apenas no Brasil uma nova estrada aos futuros engenhos.

A poesia, este aroma d'alma, deve de contínuo subir ao Senhor; som acorde da inteligência deve santificar as virtudes e amaldiçoar os vícios. O poeta, empunhando a lira da razão, cumpre-lhe vibrar as cordas eternas do santo, do justo e do belo.

Ora, tal não tem sido o fim da maior parte dos nossos poetas; e o mesmo Caldas, o primeiro dos nossos líricos, tão cheio de saber e que pudera ter sido o reformador da nossa poesia, nos seus primores d' arte, nem sempre se apoderou desta idéia; compõe-se uma grande parte de suas obras de traduções; e quando ele é original causa mesmo dó que cantasse o homem selvagem de preferência ao homem civilizado, como se aquele a este superasse, como se a civilização não fosse obra de Deus, a que era o homem chamado pela força da inteligência com que a Providência dos mais seres o distinguira!

Outros apenas curaram de falar aos sentidos; outros em quebrar todas as leis da decência!

Seja qual for o lugar em que se ache o poeta, ou apunhalado pelas dores, ou ao lado de sua bela, embalado pelos prazeres; no cárcere, como no palácio; na paz, como sobre o campo da batalha; se ele é verdadeiro poeta, jamais deve esquecer-se de sua missão, e acha sempre o segredo de encantar os sentidos, vibrar as cordas do coração, e elevar o pensamento nas asas da harmonia até as idéias arquetípicas.

O poeta sem religião e sem moral, é como o veneno derramado na fonte, onde morrem quantos procuram aí aplacar a sede.

Ora, nossa religião, nossa moral é aquela que nos ensinou o Filho de Deus, aquela que civilizou o mundo moderno, aquela que ilumina a Europa e a América: e só este bálsamo sagrado devem verter os cânticos dos poetas brasileiros.

Uma vez determinado e conhecido o fim, o gênero se apresenta naturalmente. Até aqui, como só se procurava fazer uma obra segundo a arte, imitar era o meio indicado: fingida era a inspiração, e artificial, o entusiasmo. Desprezavam os poetas a consideração se a mitologia podia, ou não, influir sobre nós: contanto que dissessem que as musas do Hélicon os inspiravam, que Febo guiava seu carro puxado pela quadriga, que a aurora abria as portas do Oriente com seus dedos de rosas, e outras tais e quejandas imagens tão usadas cuidavam que tudo tinham feito, e que com Homero emparelhavam; como se pudesse parecer belo quem achasse algum velho manto grego e com ele se cobrisse; antigos e safados ornamentos, de que todos se servem, a ninguém honram.

Quanto à forma, isto é, à construção, por assim dizer, material das estrofes e de cada cântico em particular, nenhuma ordem seguimos, exprimindo as idéias como elas se apresentaram, para não destruir o acento da inspiração; além de que a igualdade dos versos, a regularidade das rimas e a simetria das estâncias produzem uma tal monotonia e dão certa feição de concertado artifício que jamais podem agradar. Ora, não se compõe uma orquestra só com sons doces e frutados; cada paixão requer sua linguagem própria, seus sons imitativos, e períodos explicativos.

Quando em outro tempo publicamos um volume das poesias da nossa infância, não tínhamos ainda assaz refletido sobre estes pontos e em quase todas estas faltas incorremos; hoje, porém, cuidamos ter seguido melhor caminho. Valha-nos ao menos o bom desejo, se não correspondem as obras ao nosso intento; outros mais mimosos da natureza farão o que não nos é dado.

Algumas palavras acharão neste livro que nos dicionários portugueses se não deparam; mas as línguas vivas se enriquecem com o progresso da civilização e das ciências, e uma nova idéia pede um novo termo.

Eis as necessárias explicações para aqueles que lêem de boa-fé, e se aprazem de colher uma pérola no meio das ondas; para aqueles, porém, que com olhos de prisma tudo decompõem, e como as serpentes sabem converter em veneno até o néctar das flores, tudo é perdido; o que poderemos nós dizer-lhes?... Eis mais uma pedra onde afiem suas presas, mais uma taça onde saciem sua febre de escárnio.

Este livro é uma tentativa, é um ensaio; se ele merecer o público acolhimento, cobraremos ânimo, e continuaremos a publicar outros que já temos feito, e aqueles que fazer poderemos com o tempo.

É um novo tributo que pagamos à pátria, enquanto lhe não oferecemos coisa de maior valia; é o resultado de algumas horas de repouso, em que a imaginação se dilata, e a atenção descansa, fatigada pela seriedade da ciência.

Tu vais, ó livro, ao meio do turbilhão em que se debate nossa pátria; onde a trombeta da mediocridade abala todos os ossos, e desperta todas as ambições; onde tudo está gelado, exceto o egoísmo: tu vais, como uma folha no meio da floresta batida pelos ventos do inverno, e talvez tenhas de perder-te antes de ser ouvido, como um grito no meio da tempestade.

Vai; nós te enviamos cheios de amor pela pátria, de entusiasmo por tudo o que é grande e de esperanças em Deus e no futuro.

Adeus!

Paris, julho de 1836

I

INVOCAÇÃO  
AO ANJO DA POESIA

A VOZ DE MINHA ALMA

Quando da noite o véu caliginoso  
Do mundo me separa,  
E da terra os limites encobrendo,  
Vagar deixa minha alma no infinito,  
Como um subtil vapor no aéreo espaço,  
Uma angélica voz misteriosa  
Em torno de mim soa,  
Como o som de uma fruta harmoniosa,  
Que em sagradas abóbadas reboia.

Donde vem esta voz? — Não é de virgem,  
Que ao prazo dado o bem-amado aguarda,  
E mavioso canto aos céus envia;  
Esta voz tem mais grata melodia!

Donde vem esta voz? — Não é dos Anjos,  
Que leves no ar adejam,  
E com hinos alegres se festejam,  
Quando uma alma inocente  
Deixa do barro a habitação escura,  
E na sidérea altura,  
Como um astro fulgente  
Penetra de Adonai o aposento;  
A voz que escuto tem mais triste acento.

Como d'ara turícrema se exalça  
Nuvem de grato aroma que a circunda,  
E lenta vai subindo  
Em faixas ondeantes,  
Nos ares espargindo  
Partículas fragrantas,  
E sobe, e sobe, até no céu perder-se,  
Tal de mim esta voz parece erguer-se.

Sim, esta voz do peito meu se exala!  
Esta voz é minha alma que se espraia,  
É minha alma que geme, e que murmura,  
Como um órgão no templo solitário;  
Minha alma, que o infinito só procura,  
E em suspiros de amor a seu Deus se ala.  
Como surdo até hoje

Fui eu a tão angélica harmonia?  
Porventura minha alma muda esteve?  
Ou foram porventura meus ouvidos  
Até hoje rebeldes?  
Perdoa-me, oh meu Deus, eu não sabia!  
Eram Anjos do céu que me inspiravam,  
E outras vozes meus lábios modulavam.

Castas Virgens da Grécia,  
Que os sacros bosques habitais do Pindo!  
Oh Numes tão fagueiros,  
Que o berço me embalastes  
Com risos lisonjeiros,  
Assaz a infância minha fascinastes.  
Guardai os louros vossos,  
Guardai-os, sim, qu'eu hoje os renuncio.  
Adeus, ficções de Homero!  
Deixai, deixai minha alma  
Em seus novos delírios engolfar-se,  
Sonhar co'as terras do seu pátrio Rio.  
Só de suspiros coroar-me quero,  
De saudades, de ramos de cipreste;  
Só quero suspirar, gemer só quero,  
E um cântico formar co'os meus suspiros;  
Assim pela aura matinal vibrado  
O Anemocórdio, ao ramo pendurado,  
Em cada corda geme,  
E a selva peja de harmonia estreme.

Já nova Musa  
Meu canto inspira;  
Não mais empunho  
Profana lira.

Minha alma, imita  
A Natureza;  
Quem vencer pode  
Sua beleza?

De dia, e noite  
Louva o Senhor;  
Canta os prodígios  
Do Criador.

Tu não escutas  
Esta harmonia,  
Que ao trono excelso  
A terra envia?

Tu não reparas  
Como o mar geme,  
Como entre as folhas  
O vento freme?

Como a ave chora,  
A ovelha muge,  
O trovão brama,  
O leão ruger?

Cada qual canta  
Ao seu teor,  
Mas louvam todos  
O seu Autor.

Da grande orquestra  
Aumente o brilho  
O Canto humano  
Da razão filho.

Minha alma, aprende,  
Louva a teu Deus;  
Os teus suspiros  
Envia aos céus.

Oh como é belo o céu azul sem nódoa!  
Que puro amor nos corações ateia,  
Como a pupila de engraçada virgem,  
Que serena nos olha, e nos enleia.  
Mas que imagem sublime a mim se antolha,  
Com largas asas brancas como o cisne,  
E roçagante toga, que se ondeia  
Como flocos de neve alabastrina!  
Uma harpa de ouro em suas mãos sustenta!  
Oh que voz suavíssima e divina!  
Oh que voz, que as paixões n'alma adormenta!

Vem, oh Gênio do céu filho!  
Vem, oh Anjo d'harmonia!  
Cuja voz é mais suave,  
Mais fragrante que a ambrosia!

Teu rosto vence em beleza  
Ao sol no zênite luzente;  
Teu largo manto é mais puro  
Do que a lua alvinitente.

As asas, que te suspendem,  
São mais ligeiras que o vento;  
São mais terríveis que os raios,  
Que giram no firmamento.

Tua fronte não se adorna  
Com flores que o prado gera;  
Sobre teus cabelos de ouro  
Brilha de fogo uma esfera.

Teus pés a terra não tocam,  
A teus pés a terra é dura;  
Sobre aromas te equilibras  
Recendentes de frescura.

O sol, a lua, as estrelas  
São fanais que te iluminam,  
São corpos a quem dás vida,  
E ante teus passos se inclinam.

Os acordos de tua harpa  
Todos os astros ecoam;  
Reanima-se o Universo,  
Quando as suas cordas soam.

Vem, oh Anjo, ungir meus lábios;  
Traze-me uma harpa dos céus;  
Ao som dela subir quero  
Meus suspiros até Deus!

Quando no Oriente roxear a Aurora,  
Como um purpúreo, auribordado manto,  
Que ao Rei da luz o pavilhão decora,  
E as saltitantes aves pelos ramos  
Da madrugada o hino gorjearem,  
Tua voz, oh minha alma, une a seu canto,  
E as graças do Senhor cantando exora.

Quando a noite envolver a Natureza  
Em tenebroso crepe; e sobre a terra  
As asas desdobrar morno silêncio;  
Nessas plácidas horas de repouso,  
Em que tudo descansa, exceto o Oceano,  
Que arqueja, e espuma em solitária praia,  
Vizinhos ermos com seus ais pejando,  
Como um preso que geme, e que de balde  
Da prisão contra os muros se arremessa;  
Tu também, como a lua, vigilante

Nessas propícias horas, oh minha alma,  
Tua voz gemebunda exala, e une  
À voz do Oceano, à voz d'ave noturna.

Enquanto estás sobre a terra,  
Como no exílio o proscrito,  
Canta como ele, que o canto  
Refrigera o peito aflito.

Canta, que os Anjos te escutam,  
E os Anjos à terra descem,  
A escutar esses hinos,  
Que para Deus almas tecem.

Canta a todos os momentos,  
Canta co'a noite, e co'o dia;  
E o teu derradeiro expiro  
Seja ainda uma harmonia.

## II

### O VATE

Por que cantas, oh Vate? por que cantas?  
Qual é tua missão? O que és tu mesmo?  
Para ti nada é morto, nada é mudo;  
Co' o sol, e o céu, e a terra, e a noite falas.  
Tudo te escuta; e para responder-te,  
Do passado o cadáver se remove,  
E do túmulo seu a frente eleva;  
O presente te atende; e no futuro  
Eternos vão soar os teus acentos!

Quando o vento em furor açouta as comas  
Dos brasílicos bosques, voz tremenda  
Igual a do trovão ao longe atroa,  
E uma nuvem de flores se levanta,  
Que o ar com seus eflúvios embalsama;  
Assim, quando te agita o entusiasmo,  
Dos lábios teus emana alma torrente  
Troante e recendente de perfumes.

De mágico poder depositário,  
Qual um gênio entre os homens te apresentas.  
Ante ti não há rei, nem há vassalo;  
Tu nos homens só vês virtude, ou vício.  
Como um déspota, ufano em teus delírios,  
Uns cercas de imortal auréola tua,  
Outros condenas ao opróbio, e à morte.

Umaz vezes soberbo, impetuoso,  
Qual águia que sublime o céu devassa,  
E do céu sobre a terra os olhos desce,  
Teu ígneo, alado gênio, no ar suspenso:  
Não, oh mortais, não vos pertenço, (exclama)  
Eu sou órgão de um Deus; um Deus me inspira;  
Seu intérprete sou; oh terra! ouvi-me.

Outras vezes, nas selvas meditando,  
Sobre um tronco sentado, junto a um rio,  
Que embalança da lua a argêntea cópia;  
Como entre as folhas sussurrante vento  
Gemer parece, e de algum mal carpir-se,  
Tu gemes, e co' o verme te comparas,  
Que arrasta pelo chão a inútil vida;  
E vês nas águas, que a teus pés deslizam,  
A imagem de teus dias fugitivos.

Fogem os dias como as águas fogem;  
Mas da lua o clarão, que a água reflete,  
Sem do lugar fugir, brilhando fica;  
Tal sobre a terra, onde escoara a vida,  
Resta do Vate a rutilante glória!

Quando ouve o sabiá troar nas várzeas  
Do fero caçador a mortal arma,  
Sufoca o sabiá seu canto, e foge:  
Assim tu emudeces, quando estruge  
Da civil guerra, e da discórdia o grito.  
Mas quando à Pátria o inimigo insulta,  
Armando o braço, e reforçando o peito,  
No meio dos combates te arremessas,  
Como o raio que estronda, e fere, aclara,  
E após teus cantos a vitória marcha.

Vate, o que és tu? És tu mortal ou Nume?  
Que Deus te abala o peito, e te enfurece,  
Quando, como um vulcão que estoura em lavas  
Que acesas rolam, tua voz desatas?

Oh como é grande o Vate, que arrojado  
Da terra s'ergue como a labareda,  
E vagando no céu como um meteoro,  
Dos lábios solta a voz, e a vibra em raios,  
Que o vício, e o crime ferem, pulverizam!

Canta, oh Vate! sagrados são teus cantos;  
Canta, que o céu te inspira, o céu te inflama;  
Canta, que apesar seu, te escuta o mundo,  
E o vício de te ouvir treme de medo.

Não, não és um mortal quando tu cantas!  
És o Arcanjo da justiça eterna!  
Lâmina acesa, fulminante empunhas,  
Com que prostras por terra a frente ao crime,  
Com outra mão elevas o homem justo.

Ou tu cantes a guerra, ou. amor cantes,  
Ou louves do Senhor as maravilhas;  
Ou do céu as angélicas belezas,  
Ou do inferno os horrores nos retrates;  
Ou sobre o esquife de um amigo chores,  
Ou enfeites a campa da inocência;  
Sempre teus versos, qual nectáreo rócio,

De inefável prazer a alma me embebem!

Ah não profanes o teu gênio, oh Vate!  
O incenso só no altar queimar-se deve!  
Em lago impuro não se banha o cisne,  
Que manchar teme a cândida plumagem.  
Imita o cisne; e como sempre as flamas  
Sobem ao céu, ao céu teus hinos subam.

As riquezas que a terra oh avaro oferece,  
Mais valor para ti que o céu não tenham;  
As riquezas da terra ao Vate servem  
Para imagem da mística linguagem,  
Como ao belo ideal dão vida as cores.

No dia em que da lira sons forçados  
Venderes ao tirano em troco de ouro,  
Nesse dia o céu deixa de inspirar-te;  
Quebra essa lira, e cessa de ser Vate.

Quando a virgem do sol seu voto infringe,  
Vedado lhe é tocar no sacro fogo;  
D'alva c'roa de flores a despojam,  
Adornos de vestal, e o nome perde;  
Assim quando uma vez, oh Vate, atende,  
Venais hinos os lábios teus verterem,  
Deixarás de ser Vate; arranca a c'roa,  
E co'o selo do opróbrio entra no mundo.

Opróbrio ao Vate que profana a lira!  
Opróbrio, infâmia a quem insulta o Vate.

### III

#### A POESIA

Um Deus existe, a Natureza o atesta;  
A voz do tempo sua glória entoar,  
De seus prodígios se acumula o espaço;  
E esse Deus, que criou milhões de mundos,  
    Mal queira, num minuto,  
Pode ainda criar mil mundos novos.

Os que nos leves ares esvoaçam,  
Os que do vasto mar no fundo habitam,  
Os que se arrastam sobre a dura terra,  
E o homem que para o céu olhos eleva,  
Todos humildes seu Autor adoram.

Todos te adoram, sim, meu Deus, mas como?  
Este no sol te vê, na lua aquele,  
Qual um touro te crê, qual um tirano;  
E entre si disputando a preferência,  
Todos ufanos conhecer-te julgam.

No céu rutila o sol, e sobre a terra  
Caem seus raios como chuva de ouro;  
Mas cada flor, um raio recebendo,  
De um esmalte diverso se colora.

Oh tu, qu'eu amo como casta virgem!  
Sim, tu és como Deus, diva Poesia!  
Sim, tu és como o sol! Por toda parte  
Cultos te rendem de uma zona à outra;  
    Cada mortal te oferece  
Um culto igual à força de sua alma;  
Qual te julga uma virgem do Permissão,  
    Só de ficções amiga;  
    Qual da verdade o Anjo,  
Que tudo vê com olhos luminosos;  
Tua voz semelhante a uma torrente  
Tudo abala, e consigo arrasta tudo.

Oh Poesia, oh vida da Natura!  
    Oh suave perfume  
    D'alma humana exalado!  
Oh vital harmonia do Universo!  
Tu não és um fantasma de beleza.  
Falaz sonho de mente delirante,

E da mentira a deusa;  
Tu não habitas só da Grécia os montes,  
Nem só de Febo a luz te inspira o canto!

D'algo manto coberta, roçagante,  
Lá no meio da noite, quando a lua  
Só para os mortos alvejar parece,  
Como a lanterna fúnebre do claustro,  
Tu, encostada à Cruz do cemitério,  
    Como o Anjo da morte,  
Ao som de uma harpa suspirando exalas  
De quando em quando teus sagrados salmos;  
Quando tu pausas, gemebundo o vento  
Vai também entre os lúgubres ciprestes  
Teus últimos acentos murmurando.

Nas cavas sepulcrais som lutuoso  
    De tua voz reboa.  
Dirias que animados por teu canto,  
Os mirrados cadáveres se elevam  
    Do fundo dos jazigos,  
    E sobre as lousas curvos,  
Cantam num coro o místico estribilho.

Sobre o bronco alcantil de alpestre fraga  
Pelos tufões batida, e pelas ondas,  
    Que incessantes se entonam,  
    Tu, sentada, qual virgem  
    Do naufrágio escapada,  
O mar contempas, do infinito imagem;  
E depois para Deus erguendo os olhos,  
Teus olhos como dois fanais acesos,  
Que dos céus co'as estrelas rivalizam,  
E ao viajante ao longe o escolho indicam;  
Ao compasso das vagas gemebundas,  
Tua angélica voz, como um eflúvio,  
Do mais íntimo d'alma a Deus exalças.

Sobre montes de ruínas dos Impérios,  
Entre relíquias de abatido templo,  
Ao qual somente o céu de teto serve,  
E de lâmpada a lua, tu vagueias,  
E te aprazes co'os sérios pensamentos,  
    Que os destroços inspiram.

No campo da batalha, o chão juncado  
De ossos que alvejam, de quebradas armas,

Que sublimes lições aos homens ditas!

Tu és tudo, oh Poesia!  
Tu estás na paz, e na guerra,  
Nos céus, nos astros, na terra,  
No mar, na noite, no dia!

Oh mágico Nume,  
Que minha alma adora,  
Do céu sacro lume,  
Que abrasa, e vigora  
O meu coração!

Tu és o perfume,  
E o esmalte das flores,  
Dos sóis os fulgores,  
Dos céus a harmonia,  
Do raio o clarão!

Tu és a alegria  
D'uma alma piedosa,  
E a voz lutuosa,  
A voz d'agonia,  
Que escapa do peito,  
De quem vai do leito  
À terra baixar.  
Tu és dos desertos  
O som lamentoso,  
E o eco choroso  
Das vagas do mar.

Tu és a inocência,  
E o riso da infância,  
Do velho a prudência,  
Do moço o vigor,  
Do herói a clemência,  
Do amor a constância,  
Da bela o pudor.

Tu, que cantaste o hino da inocência,  
Quando imóvel ainda repousava  
No berço do Oriente a Humanidade;  
Tu, que cantando sempre a acompanhaste  
Nos seus dias de dor, ou de triunfo,  
Acaso morrerás também com ela?  
Ou sem ti, como um astro em seu eclipse,  
Se arrastará sem vida a Humanidade,

Até toda no túmulo sumir-se?

Quando o sol, que é tua imagem,  
No seu zênite apagar-se,  
E tudo outra vez do nada  
No escuro golfo abismar-se:

Tu, que és a imagem do Eterno,  
Terás fim nesse momento?  
Ou terás nova existência  
Do Senhor no pensamento?

Sim; quando tudo extinguir-se,  
Guardará Deus na lembrança  
De tudo que agora existe  
Uma viva similhaça.

Essa imagem a Deus presente  
Serás tu, oh Poesia!  
Tu és do Eterno um suspiro,  
Que enche o espaço de harmonia.

Veneza, maio de 1835.

## DEUS, E O HOMEM

*Nos Alpes, 14 de outubro de 1834*

Quando se arrouba o pensamento humano,  
E todo no infinito se concentra,  
De milhões de prodígios povoado;  
Quando sobre o fastígio de alto monte,  
Como um colibri sobre altivo robre,  
Na vastidão sidérea a vista espraia;  
E vê o sol, que no Oriente assoma,  
Como num lago em própria luz nadando,  
E a noite, que se abisma no Ocidente,  
Arrastando seu manto tenebroso,  
De pálidas estrelas semeado;  
Quando dos gelos, que alcantis coroam,  
Vê a enchente rolar em cataratas,  
Por cem partes abrindo largo leito,  
Fragas, e pinheirais desmoronando;  
Quando vê as cidades enterradas  
A seus pés na planície, e negros pontos  
Aqui, e ali, moverem-se sem ordem,  
Como abelhas em torno da colmeia;  
O homem então se abate; um suor frio,  
Que o suor que o moribundo cõa,  
Rega-lhe o corpo extático; sua alma,  
Como um subtil vapor, que o lírio exala,  
Ferido pelo raio matutino,  
Da terra se levanta; e o corpo algente  
Qual um combro de pó morto parece...  
Ela está no infinito! — Então lhe troa  
Uma voz, como o eco das cavernas,  
Quando os ventos nos ares se debatem;  
Como um ronco do Oceano repellido  
Por estável penedo; como um grito  
Das entranhas da terra, quando acesas  
De sua profundez lavas borbotam;  
Como o rouco bramido das tormentas;  
É a voz do Universo! — voz terrível,  
Porém harmoniosa, que proclama  
A existência de um Ser, que de si mesmo,  
De sua onisciência, e eterna força,  
Tudo tirou, quanto o Universo encerra.

Os céus, os mundos, o Oceano, a terra  
É um vasto hieroglífico, é a forma  
Simbólica do Ser aos olhos do homem.

O movimento harmônico dos orbes  
É o hino eterno e místico, que narra  
Altamente de um Deus a onipotência.  
Tudo revela Deus, — e Deus é tudo.

De tal grandeza sotoposto ao peso,  
Como se o esmagasse ingente mole,  
O homem se aniquila, e desaparece,  
Qual no profundo pego um grão de areia.

É aqui, oh meu Deus, calcando nuvens,  
Parecendo tocar o céu co'a fronte,  
Qu'eu reconheço a imensidade tua  
Existe este Universo, existe o homem,  
Porque de todo o Ser tu és a origem.

Aqui, para louvar teu santo Nome,  
É fraco o peito humano, é fraca a língua,  
É fraca a voz, que titubante hesita  
Tão alto remontar, e no ar perder-se,  
Antes que de astro em astro repetida,  
De um céu a outro céu, de um Anjo a outro,  
Vá retinir, Senhor, em teus ouvidos,  
Como discorde som de rota lira.

Alva nuvem, que toucas este monte,  
Desce um pouco, e recebe-me em teu dorso;  
Asinha ala-me ao céu; na etérea plaga,  
Vendo o sol de mais perto, talvez possa,  
Com sua luz benéfica animado,  
Altíssimo entoar um hino excelso,  
Digno de Jeová, que eterno escuta  
Dos angélicos coros a harmonia.  
Abre-te, oh céu azul, que a mortais olhos  
A mansão do Senhor zeloso ocultas!  
Abre-te, oh céu azul; deixa minha alma  
Saciar-se co'a luz da Sião santa.  
Sobe, meu pensamento, voa, rompe  
Os turbilhões dos Querubins, e Tronos,  
Mais belos que mil sóis, mais coruscantes,  
Que em vórtice perene estão ladeando  
Do Eterno Padre o luminoso sólio.

Oh arrojado pensamento humano,  
Por mais que em teu socorro os astros chames,  
Por mais que sua luz o sol te empreste,  
Seu ouro a terra, o céu a imensidade,

Os rios a corrente, os campos flores,  
Suas asas o raio, os sons a lira,  
E a noite seu mistério, alfim se tudo  
Invocado por ti, a ti se unisse,  
Não puderas ainda em teus transportes  
Os louvores tecer do Onipotente!

Mas, oh Deus, que missão tens confiado  
A este fraco ser, que sobre a terra  
Entre os mais seres como um rei se ostenta,  
E único para ti erguendo os olhos,  
Parece teu rival? Missão augusta  
É sem dúvida a sua; e o seu destino  
Não é o d'alimária!... A Natureza  
Obedece a seu mando, como se ele  
Entre Deus, e a terra colocado,  
Órgão fosse das leis da Providência.

Quem a ele se opõe? — Embalde o Oceano  
Com cem braços separa os continentes.  
O homem destrona os robres, e os pinheiros  
Das fragas da montanha, ousado os lança  
Sobre a cerviz do Oceano, enfreia os ventos,  
E assoberbando as vagas furibundas,  
Que ante seu gênio quebram-se gemendo,  
Domina, e calca o tímido elemento,  
E atravessa de um pólo a outro pólo,  
Como atravessa os ares veloz águia.  
Aqui bramando, um rio se devolve,  
Qual serpente feroz medo incutindo;  
Co'uma arcada de pedra o homem cobre-o;  
Ele a derruba? — nova arcada o doma.

Como gigantes firmes, alinhados,  
Para impedir-lhe a marcha, as frentes erguem  
Enormes Alpes, açoutando as nuvens  
Co'a coroa de gelo, e co'os penachos  
De branca carambina, e verdes selvas;  
Não retrograda o homem, não desmaia!  
Quando sobre a cimeira o sol se encosta,  
E a vista estende à profundez do vale,  
O sol já no árduo afã vencendo o enxerga;  
Quando transmonta o sol, o homem dá tréguas,  
E descansa na já vencida estrada!  
De dia em dia assim prossegue ovante;  
Ora esbroa um cabeça mais supino,  
E co'as ruínas desse outro nivela;

Ora sobe, ora desce, ora torneia,  
Ora penetra a rigidez do monte,  
Como a seta do Índio os ares rompe,  
E a noite das abóbadas varando,  
D'outro lado vai ver o céu, e o dia!  
Quem tu és? Quem tu és, que podes tanto?

Tu convertes os bosques em cidades;  
Marcas do sol o giro, e o dos cometas;  
Do povo alado as regiões exploras;  
Nem no mar a baleia está segura,  
Nem nas espessas selvas o elefante!  
Quem tu és? Quem tu és, que podes tanto?

Toda a terra está cheia com teu nome;  
Um século transmite a outro século  
Dos teus feitos a história portentosa;  
Tu só marchas, tu só te desenvolves,  
E inda não recuaste de fadiga!  
Com que sinal selou a tua fronte  
A mão do Criador? — Donde descendes?  
Quem tu és? Quem tu és, que podes tanto?

Não, não és para mim mais um enigma!  
Conheço a origem tua, e o teu destino  
Tua missão conheço sobre a terra.  
A Natureza toda te respeita  
Porque és do Criador a obra-prima,  
Porque transluz em ti o seu transunto.

Não é à força tua que se curva  
A terra, que se à força se curvasse,  
Seria o elefante o rei da terra.  
É à tua sublime inteligência,  
É a Deus, só a Deus, que tu reflectes,  
Como do sol a luz reflete a lua.

Nas barreiras da morte tudo esbarra,  
Menos o homem, que atravessa airoso,  
Aí o mortal corpo abandonando,  
Para no seio entrar da Eternidade;  
Assim o viajor o pó sacode,  
E deixa o companheiro de viagem  
Manto todo coberto de poeira,  
Quando à cidade desejada chega.  
A alma não morre, porque Deus não morre.

Assaz, oh Deus, o homem sobre a terra  
Revela teu poder, tua grandeza.  
A Razão, és tu mesmo; — a liberdade,  
Com que prendaste o homem, não, não pode  
Dominar a Razão, que te proclama!  
Se muda para mim fosse a Natu,  
Na Razão que me aclara, e não é minha,  
Senhor, tua existência eu descobrira.

Eu te venero, oh Deus da Humanidade!  
Meu amor o que tem para ofertar-te?  
Digno de ti só tem minha alma um hino,  
E esse hino, oh meu Senhor, é o teu Nome!

Que pode o homem dar a quem dá tudo?  
Só em meu coração suspiros tenho,  
Suspiros para todos os momentos.  
De ti, Senhor, minha alma necessita,  
Como de luz meus olhos, de ar meu peito.  
E se me é dado a ti subir meus votos,  
Se é dado pela mãe pedir um filho,  
Voem meus votos sobre as ígneas asas  
Do sol, e tu, Senhor, propício atende:  
Nada por mim, por minha Pátria tudo;  
Fados brilhantes ao Brasil concede.

## A FANTASIA

Para dourar a existência  
Deus nos deu a fantasia;  
Quadro vivo, que nos fala,  
D'alma profunda harmonia.

Como um suave perfume,  
Que com tudo se mistura;  
Como o sol que flores cria,  
E enche de vida a natura.

Como a lâmpada do templo  
Nas trevas sozinha vela,  
Mas se volta a luz do dia  
Não se apaga, e sempre é bela.

Dos pais, do amigo na ausência,  
Ela conserva a lembrança,  
Aviva passados gozos,  
E em nós desperta a esperança.

Por ela sonho acordado,  
Subo ao céu, mil mundos gero;  
Por ela às vezes dormindo  
Mais feliz me considero.

Por ela, meu caro Lima,  
Viverás sempre comigo;  
Por ela sempre a teu lado  
Estará o teu amigo.

## O CRISTIANISMO

*Na Catedral de Milão*

Mal que à Natura se abre a inteligência,  
E o primo pensamento a alma desperta,  
Logo a idéia de Deus d'ela se apossa,  
E a origem sua, e o seu destino aclara.

Súbito um fogo, mais que o sol brilhante  
Que as gerações dos trópicos abrasa,  
Mais veemente que os vulcões da terra,  
N'alma se ateia, fogo inexaurível,  
Casto fogo de amor, que interno a lavra,  
E a Deus a sobe em espontâneo culto.

Não, o medo não foi quem sobre a terra  
Os joelhos dobrou do homem primeiro,  
E as mãos aos céus ergueu-lhe! Não, o medo  
Não foi o criador da Divindade!  
Foi o espanto, o amor, a consciência,  
E a sublime efusão d'alma, e sentidos!  
Viu o homem seu Deus por toda parte,  
E sua alma exaltou-se de alegria.

Mas no amoroso êxtase não pára,  
A interna adoração só lhe não basta,  
Não se farta de amor, que amor sagrado  
É invencível, poderosa força,  
Que o espírito levanta ao infinito,  
Como a atração os orbes equilibra  
Na imensidade, a que escapar não podem.  
Deve o espaço conter a sacra imagem  
De sua adoração, devem os filhos,  
Os netos devem nas futuras eras,  
Vendo esta imagem, adorar o Eterno.

Mas, oh homem, que ousado intento é este?  
Erguer um templo a Deus!... Que! porventura  
Templo o espaço não é digno do Eterno?  
As montanhas, o mar, os céus, os astros  
Assaz não ornam do Senhor o templo?  
Ou temes que em tão vasto santuário,  
Nesse profundo abismo do infinito,  
Vê-lo teus olhos míopes não possam?  
Como possível é que espaço estreito

Abranja o Criador, que enche o Universo?  
Mas pagas um tributo; — Ele to aceita.

Obreiro do Senhor, eia, trabalha,  
Sem descanso trabalha dia, e noite;  
Que teu Deus não repousa um só instante,  
Para a ordem manter de tantos mundos.  
Ah se ele um só minuto, repousasse,  
Que seria de ti, deste Universo?

Alfim teu templo ergueste; reuniste  
Tudo que há de mais belo sobre a terra,  
E sec'los no trabalho se passaram!  
Tudo aqui fala, tudo aqui revela  
A força oculta que sustenta o homem,  
E o destino imortal na Eternidade.

A rigidez do mármore, e a brancura  
Duração, e pureza simbolizam;  
A larga base, a altura, a esbelta forma,  
A agulha, cuja ponta as nuvens rompe,  
E parece querer fugir do espaço;  
A áurea Virgem, que brilha em seu fastígio,  
E este povo de estátuas, que a rodeiam,  
Todas de branco mármore polido,  
Que a glória do Senhor perene cantam;  
Tudo, enfim tudo sem cessar proclama,  
Que o pensamento que tão alto voa,  
Que o pensamento que tais obras cria,  
Que o pensamento que só Deus concebe,  
Tem no tempo a existência, e não se curva  
À lei que rege o habitador do espaço.  
Tão simples como Deus, donde ele emana,  
Não se aniquila como bruta mole;  
Mas em louvor sem fim, a Deus unido,  
Vive eternal em toda a Eternidade.

Assim é que o espírito celeste,  
Que a massa humana anima, e nela impera,  
De seu Deus concebendo a idéia pura,  
Da terra se desprende se sublima,  
E do sagrado amor nas ígneas asas  
Sobe ao seio do Eterno, que o gerara.

Assim é que das lâmpadas do templo  
Pirâmides de fogo se levantam,  
E se perdem nos ares, qual se perde  
O pensamento humano no infinito.

Santa Religião, sublime, augusta,  
Tu a idéia de Deus esclareceste,  
Idéia que, nas trevas que envolviam  
A alma humana, brilhou como um relampo.  
Divina inspiração, tu só podias  
O espírito subir ao seu Princípio,  
A despeito do mundo, e dos sentidos  
Nem sempre verdadeiros. Tu revelas  
Sacras verdades aos humanos úteis,  
Que fora de teu grêmio embalde o homem  
Orgulhoso procura; ao desgraçado  
Oculta mão estendes caridosa:  
Sempre consoladora, afável sempre,  
Que mal há aí, que em ti cura não ache?

Ao som de tua voz misteriosa  
Os errantes selvagens suspenderam  
As mãos de sangue tintas, e prostrados  
Sobre a terra, até ali inculta e brava,  
A insólita voz tua repetiram  
Em espontâneo arroubo. — A Natureza  
Riu-se então, quando viu pela vez prima  
Um homem abraçar o outro homem,  
E em socorro comum viver jurarem.

Quis o homem tecer os teus louvores,  
E a primeira palavra foi um hino,  
O primeiro discurso Poesia.  
E o homem, que até ali solto vagava,  
Fraco, impotente entre animais ferozes,  
Pelo místico cântico atraído,  
A bronca penedia abandonando,  
A viver começou em sociedade.

O gênio então nasceu! — Como para o mundo  
Entre os astros o sol mais claro brilha,  
E aos outros astros sua luz envia,  
Deus o gênio acendeu entre mil almas,  
Para ser o fanal da Humanidade.

Santa Religião, amor divino,  
Que benefícios sobre a terra espalhas!  
Quanto é misterioso o Ser que inflammas!  
De quanto ele é capaz! Vejo donzelas,  
Roboradas por ti, vencer a morte!  
Vejo feros tiranos destronados,

Vejo Nações erguidas, e cidades,  
Seus louros a teus pés heróis deporem,  
As Ciências, e as Artes florescentes,  
Firme a Moral, as Leis, a Liberdade,  
E a Humanidade inteira que te abraça,  
E te proclama como Mãe de tudo.

Oh das Religiões a mais perfeita,  
Oh única de Deus, e do homem digna!  
Religião plantada no Calvário,  
E co' o sangue do Cristo alimentada!  
Religião de amor, de paz, de vida!  
Tu, que civilizaste a Europa toda,  
E primeira na América lançaste  
O gérmem da grandeza, a que ela aspira;  
Tu, que marcas de Deus a majestade,  
Os direitos do homem sobre a terra,  
E o seu porvir sublime além da morte;  
Tu, que aclaras os povos, e co' os povos  
De progresso em progresso ovante marchas,  
Como a mãe que acompanha o caro filho,  
Sem que a tua divina essência percas;  
Teus inefáveis dons benigna espalha  
Sobre os filhos dos homens, sempre... sempre.

Religião, inflama, e purifica  
Meus pensamentos, e conforto presta  
Ao infeliz peregrino que te invoca,  
E que só em teu grêmio paz encontra.

Milão, 17 de outubro de 1834

## VII

### A INFÂNCIA

Oh minha infância! Oh estação de flores!  
De inocente ilusão alva saudosa!

Inda hoje te apresentas  
Ante mim, como a imagem deleitosa  
De um sonho que encantou-me a fantasia,  
Ou como a aurora de um formoso dia.

Oh da infância atrativos lisonjeiros!  
Mentirosos afetos!  
Com que prazer amigos passageiros,  
Inúmeros, na infância contraímos!  
E quão fáceis após os repelimos,  
De ligeiras palavras agastados.

Oh como é lindo  
O tenro arbusto  
Na primavera!  
Como parece  
Que se está rindo,  
Quando o balança  
Zéfiro brando;  
Quando descansa  
Sobre os seus ramos  
O passarinho,  
E modulando  
Doces reclamos,  
Vai o ar vizinho  
Harmonizando!

Como é belo esmaltado de flores,  
Exalando balsâmico aroma;  
D'ele em torno voltejam amores,  
E se escondem debaixo da coma.

Mas eis que o adusto  
Vento do norte,  
Soprando forte,  
Já o abala;  
O tenro arbusto  
Neste tormento  
Todo se dobra;  
A verde gala  
Amarelece;  
E o duro vento,  
Que em fúria cresce,  
Vai arrancando  
Folha por folha,  
E sobre a terra

Secas lançando;  
Té que despido  
O deixa enfim.  
O tempo assim  
Nos vai roubando  
Gratos prazeres  
Da tenra idade,  
Quantos amigos  
A infância tem;  
Até que vem  
A puberdade  
Com seus perigos;  
E desta sorte  
Chega a velhice,  
Tronco gelado,  
Desamparado;  
Até que a morte,  
Como um tufão,  
Lança-o no chão!

Oh quão perto a velhice está da infância!  
E quão perto da infância a morte adeja!

Genebra, outubro de 1834

## PRECES DA INFÂNCIA

Vós me vedes, Deus Eterno,  
Como eu sou tão pequenina;  
Minha alma é inda inocente,  
Tão pura como a bonina.

Débeis como minhas vozes  
São inda meus pensamentos;  
Do mundo nada conheço,  
Nem prazeres, nem tormentos.

Qual tenro botão de rosa  
Que à sombra da rosa cresce,  
Sem temer o vento, e a chuva,  
De um frouxo raio se aquece.

Mas pouco a pouco crescendo,  
Desabrocha, e cheiro exala,  
Orna o prado que a sustenta,  
E da roseira é a gala.

Assim eu filhinha tenra,  
A meus pais devo esta vida;  
A seu lado eles me educam,  
Por eles serei querida.

Hoje inocente me chamam!  
Oh como é bela a inocência!  
É a virtude dos Anjos,  
É das virgens a ciência.

Vós, oh Deus, que podeis tudo,  
Concedei-me por piedade  
Que este aroma da inocência  
Me acompanhe em toda idade.

Oh meu Deus, dai à minha alma  
Puro e santo pensamento,  
Como o perfume do templo,  
Que sobe ao vosso aposento.

Dai a meus pais longa vida,  
E àqueles que à minha infância  
Prestam socorros contínuos  
Com tanto amor e constância.

Que felizes, que ditosos  
Por vós, oh Deus, protegidos,  
Passem seus dias, seus anos  
Como astros, sem ser sentidos.

Vigoraí minha fraqueza  
Co' a vossa sabedoria.  
Oh Deus, ouvi minhas preces,  
Escutai-me neste dia.

## IX

### A MOCIDADE

Gigante do porvir, oh Mocidade,  
Erguei a fronte altiva  
Entre as brancas cabeças da velhice,  
Como ao sopro vital da primavera  
O pimpolho gentil se desabrocha  
Entre os já secos e curvados troncos.

Subi em sacro arroubo a mente vossa,  
Como uma labareda;  
Contemplai o passado;  
Em silêncio o futuro vos aguarda,  
E o presente se curva ao vosso mando.

Deus em vós ateou do gênio o fogo,  
Que a Humanidade guia,  
Como a estrela polar o navegante,  
Ou como a chamejante, ígnea coluna,  
Que o povo de Moisés guiou nos bosques;  
Sagrado fogo que jamais se extingue.

Em vosso coração palpita a vida,  
O brio, e a força os membros vos circulam,  
Flâneas asas vos dá o entusiasmo,  
É vulcânea vossa alma,  
E d'água os olhos tendes,  
Com que medis o espaço, o céu, e o globo.

A terra vos pertence, oh Mocidade!  
Por vós renasce o mundo a todo o instante,  
Por vós resplende juventude a terra;  
Não envelhece o céu, nem as estrelas,  
Nem se encanece o sol no longo giro.  
Em vós só se resume a Humanidade,  
Que a passos graves ao través dos evos  
Ovante marcha sempre fresca e jovem.

Para vós o passado é muda estátua,  
Que o grande livro aponta,  
Onde a verdade, e o erro se confundem,  
Bem como o ouro, e o esmeril no antro da terra  
Os séculos selaram esse livro,  
Quando nele seus fastos transcreveram.  
Eis a página branca,  
Que aguarda os feitos vossos;  
Meditai, meditai, antes de enchê-la!

Quando já fatigados do caminho,

Sobre a pedra da tumba repousardes,  
Avante marcharão os filhos vossos;  
E esse livro tomando-vos, um dia  
Irão saber o que seus Pais fizeram.

Qual é vossa missão? Qual vossa idéia?  
Oh Mocidade, um só caminho existe,  
Um só trilhar vos cumpre,  
Se vos apraz o bem, se o bem vos chama.  
É longa a estrada, aspérrima e difícil!  
Mas um Astro em seu fim claro rutila,  
Permanente farol que a cor não muda;  
Olhai, — vede-o ao través do nevoeiro,  
Que ante vós remoinha,  
Como ele imóvel sua luz espargue!  
Esse Astro é Deus! — Oh Mocidade, a Ele!  
Ah não retrogradeis, — a Ele, a Ele.

Vedes vós como se ergue encapelado  
Ante a convulsa proa o mar em montes?  
Vedes a nuvem que no céu negreja?  
O sol que empalidece? — Ouvis os roncões  
De hórridos ventos que nos ares troam?  
O raio crepitante que espedaça  
Velas, e mastro? a nau, que soluçando,  
Qual nas vascas da morte o moribundo,  
Nos vaivéns sobe, desce, e se debate,  
Perde o rumo, sem tino a esmo vaga,  
Roça no escolho a quilha, ali recua,  
Ao capricho dos ventos, e das vagas,  
Té que santelmo lhe ilumine o tope,  
E do naufrágio a salve?  
Tal é da Humanidade o fido emblema!  
Tal sua marcha foi, tal é ainda,  
Por mil contrários ventos combatida!  
Porém malgrado a fúria, e a tempestade,  
A Humanidade marcha; — e Deus a guia.

Forceja a humana indústria  
Para domar o mar, pôr freio aos ares;  
Talvez um dia os ares assoberbe,  
Até aqui indomáveis;  
E às suas leis submissos,  
Também os ares, desdobrando as asas,  
No espaço o Gênio vencedor transportem.

E por que não será melhor um dia  
Do que até hoje foi a Humanidade?  
Se Deus mil vezes a salvou da morte,  
Somente agora a deixará sozinha,  
Antes de realizar a augusta idéia,  
Que é sua vida, e pela qual só luta?

Qual é a grande idéia,

Que nem mesmo nos mais cruéis reveses  
Jamais abandonou a Humanidade?  
A perfeição, o bem! — Ah não me iludo!  
Vossa idéia será vosso destino;  
Inata idéia só do Eterno herdastes,  
Deus em vós a gravou; verace é ela.

Erguei os olhos vossos,  
E cravai-os no céu, oh Mocidade!  
Vede o astro da eclíptica,  
Que girando no centro do Universo,  
A terra vivifica,  
A terra que vos nutre, opaca mole  
Que por ele de luz se adorna, e esmalta?  
Em torno ao sol em perenal cadência  
Outros astros satélites gravitam,  
Sem deslizar das órbitas traçadas  
Pelo compasso eterno!  
Eis o físico mundo,  
Emblema de outro, mais sublime ainda,  
Cujo Sol sempiterno enche o Universo.  
Vossa alma é um satélite desse Astro,  
E sem a sua luz ela não fulge;  
Semelhante ao planeta que vos nutre,  
Que na ausência do sol morto negreja.  
Mas deste Astro, que excede à mortal vista,  
Sabeis acaso o Nome?  
Perguntai às estrelas que alcatifam  
Os degraus de seu sólio;  
Perguntai ao trovão, ao raio, às ondas,  
À terra perguntai, à águia celeste,  
E ao verme que rasteja:  
Jeová, Adonai, Deus, Harmonia,  
Eis o Sol de vossa alma.

Por ele só viveis. Ah! se um instante  
Em centrífugo vórtice deixardes  
O sulco de seu dedo,  
Desgarrada, e sem lei, como um meteoro,  
Vos perdereis no espaço.

Gigante do porvir, oh Mocidade,  
Aprendeis a entoar de Deus o Nome;  
Cantai, cantai da Juventude o hino,  
Marchai, louvando do Senhor a glória,  
Como nos bosques de Israel os filhos.  
Ante vós fugirão espavoridos  
Tiranos inimigos;  
O mar recuará as ondas suas,  
E os montes vos darão doces torrentes.  
Olhai, ah vede a prometida terra!  
Ei-la! Marchai ovante.

Cantai, magnificai de Deus o Nome.

Entoa, oh minha alma,  
Um hino ao Senhor,  
Um hino de glória  
Ao teu Criador.

A luz que te aclara,  
É d'Ele emanada,  
E a tua linguagem  
Por Ele inspirada.

Embalde procuras  
O bem sobre a terra;  
O bem que desejas,  
Só n'Ele se encerra.

No meio das ondas  
O nauta mais forte  
Pergunta às estrelas  
Qual é o seu norte.

Se o vento enfurece,  
Se o mar se exaspera,  
Invoca seu Nome,  
E salvar-se espera.

Se tu sempre atenta  
Seu mando escutares,  
E por seus ditames  
Fiel te guiares:

Que haverá que possa  
Roubar-te a vitória?  
O bem terás certo,  
Terás certa a glória.

Entoa, oh minha alma,  
Um hino ao Senhor,  
Um hino de glória  
Ao teu Criador.

E vós da Pátria minha, oh Mocidade,  
De quem os feitos celebrar desejo...  
Mas por que um suspiro inopinado  
O canto me interrompe?...  
Por que se apagam de meu gênio as asas,  
Que expandidas nos ares flamejavam,  
E esmorecidas caem, qual ferida  
Pela seta do Índio  
Soberba arara, no celeste vôo,  
Em vórtices gemendo baixa à terra?

Oh Mocidade, ouvi, não meus acentos,

Mas a voz da verdade,  
Que em minha alma troveja,  
E me abala dos ossos a medula.  
Vós sois como uma flor não bafejada  
Pelo sopro vital da primavera,  
Que malnascida, lânguida se inclina.  
As lágrimas do mísero cativo  
Caíram sobre vós, quando embalaram  
Vosso berço seus braços;  
Sangue do cativo alimentou-vos;  
O vício dele herdastes,  
Senhores vos julgais, e sois escravos.  
Entre feras nutrido, é fera o homem;  
Doutrinado entre servos,  
Afeito ao mando, a Liberdade odeia,  
E o peito se endurece.  
E vós cuidais ser livres!  
Por vós, por vós só falo, oh Mocidade!  
Ah não me detesteis; malgrado vosso  
O mal herdastes; — mas o mal tem cura.

Ah quando bons costumes,  
Pura Moral, amor nobre e celeste  
Vos tomarão no berço?  
Ah quando ah, quando a sã Filosofia,  
Sobre vós seus fulgores espargindo,  
Destronará a tímida indolência,  
Que o vosso clima infesta,  
E as portas à Ciência, e às Artes fecha?  
O Egoísmo, que só para si olha,  
Tudo em si concentrando,  
E os laços quebra que os humanos ligam  
Em fraternal amplexo,  
Quando, de vós fugindo, aos vossos olhos  
Deixará que paixões que alma enobrecem,  
Sublimes resplandeçam?

Alerta, oh Mocidade!  
A Pátria por vós chama.  
Mostrai que da verdade  
Santo amor vos inflama.

Alerta! erguei a frente,  
Medi vosso terreno;  
E o vale, e o prado, e o monte  
Se dobre ao vosso aceno.

Não diga o estrangeiro,  
Que vê tantas belezas,  
Que o povo Brasileiro  
É pobre entre riquezas.

Bani tanta vaidade;  
Ciência, Indústria, e Artes

São só da Liberdade  
Os firmes baluartes.

Erguei-vos, e sem susto  
Lutai com o erro fútil;  
Amai tudo que é justo,  
Santo, sublime, e útil.

Alerta, oh Mocidade!  
A Pátria por vós chama.  
Mostrai que da verdade  
Santo amor vos inflama.

Paris, dezembro de 1835

## A VELHICE

Longa foi a viagem;  
Assaz lutastes; descansai agora.

Depois de haver vingado alpestre monte  
Desde o albor da manhã, o peregrino  
Afadigado desce,  
E envolto em trevas vai pousar no vale.

Para vós assaz auroras madrugaram;  
Por vós luas assaz alvas luziram;  
Assaz de flores esmaltou-se a terra,  
E de frutos as árvores copadas.  
Sim, sim, assaz gozastes;  
Mas uma voz vos chama, e vos diz: — basta.

Basta! — A hora soou; abre-se a campa,  
E o sopro do seu antro,  
Como o vapor da cânica caverna  
Nas margens do sombrio Aniano lago, <sup>1</sup>  
Da vida vos apaga a tênue flama.

Para vós basta, oh Velhice!  
Inda o sol tem resplendores,  
Inda a noite tem estrelas,  
Inda a lua alvos fulgores.

Inda os prados reverdecem  
E de florzinhas se arreiam;  
Inda, suspensos nos ramos,  
Os passarinhos gorjeiam.

Inda o zéfiro sereno  
Cheio de aroma, e doçura,  
Fruindo o néctar das flores,  
Na madrugada murmura.

Inda a cascata ruidosa  
Entre seixos se despenha;  
Inda o som da sua queda  
Ressoa ao longe na brenha.

Inda os regatos deslizam,  
As feras nos bosques rugem,  
E lambendo a branca areia,  
Nas praias as ondas mugem.

Tudo vida inda respira;  
A terra não stá mudada;

Vós só marchais, oh Velhice,  
Triste, débil e curvada.

Vossos olhos se fecharam  
Ao quadro da Natureza;  
Em torno de vós só giram  
A morte, o horror, e a tristeza.  
Tudo em seu morno silêncio  
Agora vos anuncia  
Que a noite só vos pertence,  
Que para vós vai-se o dia.

A noite eterna vos estende os braços,  
Ah! preparai-vos para o sono eterno.

Basta! — E' hora das preces.  
Funéreo som no templo os bronzes vibram,  
E o eco seu parece dizer — morte!

Sob o peso da fronte encanecida,  
Já se curva e vacila o vosso porte,  
Qual co' os flocos de neve a frágil hástea;  
Entoastes o cântico da vida,  
Entoai vosso cântico de morte;  
    Como o cândido cisne,  
Que indo descer à escuridão do lago,  
Cantando diz-lhe adeus na fatal hora,  
Para nunca mais ver raiar a aurora.

Basta! — E' hora das preces, oh Velhice!  
    Para o mundo acabastes.  
Vossa alma resgatai do barro impuro;  
O céu, que alma vos deu, pede vossa alma,  
E a terra vosso corpo está pedindo;  
Ah! dai à terra o que vos deu a terra!

Mas ah, não choreis!  
E por que chorais?  
Se vós não sabeis  
Nem o que ganhais,  
Nem o que perdeis.  
Perdeis a terra, é certo; mas que importa,  
Se celeste esperança vos conforta!

Viver é sonhar,  
Sonhar é dormir;  
Deveis acordar,  
Para ao céu subir,  
E no céu velar.  
Acordai; sossegai o aflito peito,  
Que ides deixar o amargurado leito.

O pranto enxugai,

Bani o temor;  
O Nome entoai  
Do Eterno Senhor;  
E a Ele voai.  
Vossa bênção lançai à Mocidade,  
Que vai na luta entrar da Humanidade.

Paris, janeiro de 1836

.....

<sup>1</sup> À margem do lago de Agnano (Anianus lacus dos Romanos) jaz a gruta vulgarmente chamada do cão, pelas experiências que ali se repetem perante os curiosos que a visitam, introduzindo nela um pobre cão, que logo cai asfixiado em respirando o gás carbônico que do chão dela se exala, e no meio do qual se apaga a luz do archote. Neste caso especial, creio, merecerá desculpa o adjetivo cônica, que não vem nos dicionários.

## A BELEZA

Oh Beleza! Oh potência invencível,  
Que na terra despótica imperas;  
    Se vibras teus olhos  
    Quais duas esferas,  
Quem resiste a seu fogo terrível?

Oh Beleza! Oh celeste harmonia,  
Doce aroma, que as almas fascina;  
    Se exalas suave  
    Tua voz divina,  
Tudo, tudo a teus pés se extasia.

A velhice, do mundo cansada,  
A teu mando resiste somente;  
    Porém que te importa  
    A voz impotente,  
Que se perde, sem ser escutada?

Diga embora que o teu juramento  
Não merece a menor confiança;  
    Que a tua firmeza  
    Stá só na mudança;  
Que os teus votos são folhas ao vento.

Tudo sei; mas se tu te mostrares  
Ante mim como um astro radiante,  
    De tudo esquecido,  
    Nesse mesmo instante,  
Farei tudo o que tu me ordenares.

Se até hoje remisso, não arde  
Em teu fogo amoroso meu peito,  
    De estóica dureza  
    Não é isto efeito;  
Teu vassalo serei cedo ou tarde.

Infeliz tenho sido até gora,  
Que a meus olhos te mostras severa;  
    Nem gozo a ventura,  
    Que goza uma fera;  
Entretanto ninguém mais te adora.

Eu te adoro como o Anjo celeste,  
Que da vida os tormentos acalma;  
    Oh vida da vida,  
    Oh alma desta alma,

Um teu riso sequer me não deste!

Minha lira que triste ressoa,  
Minha lira por ti desprezada,  
    Assim mesmo triste,  
    Assim malfadada,  
Teu poder, teus encantos pregoa.

Oh beleza, meus dias bafeja,  
Em teu fogo minha alma devora;  
    Verás de que modo  
    Meu peito te adora,  
E que incenso ofertar-te deseja.

Paris, março de 1836

## XII

### O MISTÉRIO

O sol empalidece, o céu se enluta,  
O raio despedaça o véu do Templo,  
Soltos trovões rebramam;  
De espanto, e horror a Natureza geme,  
Chora Jerusalém, tremem seus muros,  
E estupefato o povo  
Entre o riso e o terror sem tino vaga.

Que sublime mistério o Eterno Padre  
Revolve em sua mente?  
Que grande sacrifício o céu consuma?  
Quem é Esse que expira no Calvário  
Entre dous criminosos,  
Nos braços de uma Cruz, com rosto brando,  
Como se o fel da morte não provasse?

O monte que suporta o peso ingente  
Suspira a cada gota desse sangue,  
Que o rega, e cai-lhe dos feridos membros  
Da vítima sublime.  
Quem é Esse, de quem o céu, e os astros  
A morte estão carpindo?  
Não, não é um mortal! — Razão altiva,  
Em vão procuras ocultar seu Nome!  
E' o Filho de Deus, que sobre a terra  
Espalhou a Moral pura e celeste,  
Aos homens ensinando  
A verdade, o amor, e o sofrimento.  
Só o Filho de Deus na Cruz podia  
Sofrer por nosso amor este tormento.

Homens degenerados  
Sem pejo aos pés de deuses se prostravam  
Tão infames como eles.  
Corria humano sangue sobre as aras  
Em sacrifício à vil hipocrisia  
De oráculo fingido;  
E as ímpias mãos de um impostor sagrado,  
Nas palpitantes vísceras pousando,  
Iam depois queimar o incenso impuro  
Ante o altar do crime endeusado.

Tudo do engano as trevas encobriam;  
Só déspotas raivosos  
A seu grado reinavam;  
E nas públicas praças, e nos circos  
Só escravos em ócio pão pediam.

Como de vaga em vaga repelidos  
Os restos do naufrágio,  
Vão na areia encalhar, tal parecia

Que a Humanidade ao fim tocado havia.

No meio deste horror eis que aparece,  
Como um íris de paz, do Eterno o Filho.

O erro confundido,  
Procura em vão lutar. Embalde se erguem  
Fogueiras aos Cristãos. Espavorido  
Vê o sedento algoz imbeles virgens  
Com os olhos no céu vencer a morte;  
E das trêmulas mãos por terra caem

A sangüíneas as bipenes;  
Os falsos deuses dos altares saem;  
E sobre o Capitólio a Cruz se eleva,  
Como o sinal da redenção do mundo.

Vitória, os céus entoam,  
Vitória à Humanidade!  
O Cristo do Senhor desceu à terra,  
E aos homens ensinou a sã verdade.

Roma, 17 de abril 1835

### XIII

#### UM PASSEIO ÀS TUILERIAS

Eis-me no mundo!... Aqui presente o tenho  
Todo, tal como ele é, em breve quadro!  
Aqui os homens o prazer procuram,  
E mil vezes aqui a dor encontram.

Nestas ruas de flores,  
Confundidos os sexos, as idades,  
E o vício confundido co'a virtude,  
Se encontram, se abalroam.  
Debaixo destas árvores em renques,  
Qu'inda de gala há pouco de gala se cobriam,  
E já empalidecem só co'o sopro  
Longe do inverno, como reis de um dia,  
O fido amante espera  
A retardia amada.  
Meditabundo aqui passeia o sábio,  
E inspirações recebe;  
Aqui o velho ao sol as cãs aquece;  
E vê correr o infante após seu arco,  
Inquieto e afanado,  
Como após a Fortuna corre o adulto.

Aqui sobre esta pedra solitário  
O cândido Filinto repousava,  
Chorando a Pátria, que lhe fora ingrata,  
E, malgrado a injustiça, amando-a sempre.  
Co'os Mártires nas mãos, n'alma a poesia,  
Aqui ao Luso idioma  
Imortal monumento ergueu glorioso,  
Que ao lado dos Lusíadas sublimes,  
Parellhas correrá co'a eternidade.

Que imenso é o Universo! que infinito!  
E tu, Senhor, tu só num volver de olhos  
Tudo vês, tudo alcanças!  
Como é este lugar tão limitado!  
Entretanto o que o seu recinto abrange  
Meus olhos não distinguem.

Esta coluna d'água impetuosa,  
Que compelida esguicha, e no ar se curva  
Pelo vento açoutada,  
De um lado e de outro lado vacilante,  
Como um branco penacho aos ares solto,  
E de poeira em forma  
Cai, e tranqüila jaz no largo tanque;  
Representa, oh mortal, a história tua!  
Assim humilde nascas,  
Da terra assim te elevas arrojado,  
Assim te agita das paixões a fúria,

Assim pendes, e em pó no comum fosso  
Descansas, té que soe a voz terrível  
Do Arcanjo do Senhor, no eterno dia.

Desde que no horizonte o sol fulgura,  
Té que a Noite, e o silêncio se anunciam,  
Ondas de homens sobre ondas incessantes  
Este recinto invadem.  
De quatro lados sete portas francas;  
E um só não vejo em vestes que o trabalho,  
E a indigência assinalem.

Tentais embalde entrar: — ide-vos, pobres,  
Ide-vos, homens ao trabalho afeitos.  
Ergueram, vossas mãos estas muralhas,  
Vossas mãos estas portas fabricaram,  
Que hoje ante vós se fecham;  
Com o vosso suor foi amassada  
A terra, que estas árvores sustenta,  
Mas gozar não podeis da sombra delas  
Vós deveis sementar; outros que fruam.  
Aqui vós não entrais: — ide-vos, pobres.

Como réproba assim por toda parte  
Com desprezo se expulsa a indigência,  
Feio crime entre os homens!  
Aquele ontem beijava o pó da terra,  
Hoje à custa de usura, e latrocínio,  
Envernizado com pomposo nome,  
Grande, nobre se ostenta!  
Tal a serpente em torcicolos chega  
Arrastando-se ao cume de alto monte,  
Que o brioso animal vingar nem tenta.  
O mundo é sempre assim, é sempre o mesmo;  
Os esforços, os bens da sociedade  
São sempre para quem menos carece.

Entre estes arvoredos lá diviso  
Do Gigante da terra  
A Coluna imortal, e a estátua egrégia,  
Qu'inda parece ameaçar o mundo.  
Ali vejo domado, e curvo o orgulho  
Dos déspotas dos povos.  
Ali a Liberdade  
Sentada está no carro da vitória,  
De louros coroada, mas sombria.  
Ali vejo de Deus a onipotência,  
Que ergue, quando lhe apraz, do pó um homem,  
Para calcar dos Reis o cetro, e o orgulho.  
Ali vejo o valor, vejo a justiça;  
Grécia, e Roma ali vejo num só Gênio!

Seu corpo tem por túmulo um rochedo,  
Onde continuamente o Oceano chora;  
Seu grande nome a terra toda o sabe.

O palácio aqui está, de um rei morada.  
Quantas recordações nele desperta!  
Co'a mesma rapidez com que num sonho  
As sombras se sucedem,  
Tal os fastos da história se me antolham  
Cena por cena em quadros animados.

Aqui Paraguassu, filha dos bosques,  
Do esposo ao lado entrou extasiada,  
Vendo a grandeza da Européia corte.  
Um rei lhe deu a mão; e uma rainha  
Da boca sua ouviu as maravilhas  
Do seu caro Brasil, então deserto.  
Ah saiamos daqui; que horríveis quadros  
Me vêm ora turbar a fantasia.

Marmóreos simulacros  
Dos divinos heróis da Grécia, e Roma,  
Descerrai vossos lábios; pois que o gênio  
De bruta mole em homens converteu-vos,  
Falai, por Deus falai; eu vos conjuro;  
Dizei-me se melhores do que os de hoje  
Os mortais foram das passadas eras.  
Mas vós não respondeis; ficai, sois pedra.

Esta escada subamos;  
Como silencioso se desliza  
O outrora ovante Sena! Nem murmura!  
Como humilde atravessa estas arcadas!  
Não sois assim, da minha Pátria oh rios!  
Oh Paraná, oh tímido Amazonas!  
Eu já te vi, oh Sena,  
Altivo assoberbar estas muralhas;  
Hoje mesquinho nem banhá-las podes:  
Hoje o ousado menino a ti se lança.  
De um destronado rei és triste imagem;  
Sem pompa assim caminha desprezado  
Dos próprios seus, que o respeitaram, servos:  
Tudo assim é na terra!

No meio estou da capital do Mundo!  
Ali vejo dos sábios a morada,  
Aqui das leis o templo,  
Entre suas colunas vagueando  
Com talhe ameaçador se me afigura  
Do rival de Demóstenes o espectro.  
Deste lado o obelisco majestoso,  
Que à terra estranha os homens transplantaram,  
Como um filho grosseiro dos desertos  
Entre um povo que os séculos poliram.

Sabes tu que lugar marcar vieste?  
Sabes tu essa cor o que nos mostra?  
Esta terra que ocupas foi outrora  
Lugar do cadafalso! foi banhada  
Co' o sangue de Luís, de um rei co' o sangue.

Mas o sol se retira,  
E já se enluta o céu, e a Natureza.  
Por que todos ali vão reunir-se?  
Melódicos acentos de harmonia  
Meus ouvidos adoçam!  
Oh música divina!  
És tu que atrais os homens, que dispersos  
Sem ordem vagueavam.  
Do céu foi inspirado o que primeiro  
Um som com outro som cadenciando,  
Pôde dar o transunto harmonioso  
De Deus, da Sociedade, e do Universo.

Já não vedes, meus olhos; novas trevas  
Envolvem do Senhor as maravilhas.  
De dia em dia assim, de noite em noite,  
Horas, anos, e séculos se abismam  
No seio da perpétua Eternidade.  
O homem nasce, e morre;  
Tu só, meu Deus, és grande.

## XIV

### A TRISTEZA

Triste sou como o salgueiro  
Solitário junto ao lago,  
Que depois da tempestade  
Mostra dos raios o estrago.

De dia e noite sozinho  
Causa horror ao caminhante,  
Que nem mesmo à sombra sua  
Quer pousar um só instante.

Fatal lei da natureza  
Secou minha alma e meu rosto;  
Profundo abismo é meu peito  
De amargura e de desgosto.

À ventura tão sonhada,  
Com que outrora me iludia,  
Adeus disse, o derradeiro,  
Té seu nome me angustia.

Do mundo já nada espero,  
Nem sei por que inda vivo!  
Só a esperança da morte  
Me causa algum lenitivo.

## AAFLIÇÃO

Não, não é sangue; é fel envenenado,  
 Que em minhas veias gira.  
 Não, não é vida; são espinhos hirtos,  
 São ervados acúleos, que incessantes  
 O coração me pungem.  
 Não, não é ar; é o hálito da morte,  
 Que o peito me comprime.  
 Não são do mundo as cenas que me envolvem,  
 São as cenas do Inferno.

É possível, meu Deus, que tanto sofra  
 Um mísero mortal, e qu'inda viva?  
 Queres ver do teu servo  
 A alma, de padecer já calejada,  
 Sem murmurar, sem blasfemar té onde  
 A paciência leve?  
 Em mim acaso novo Job preparas?  
 Ou o meu coração não é de humano,  
 Ou a dor já o tem empedernido  
 Co'o reiterado embate.

Oh meu Senhor, pequeno é o meu peito,  
 Para conter um coração repleto  
 De tantas aflições, de angústias tantas.  
 Tira-me a própria vida,  
 Tira-me o sentimento,  
 Ou com tríplice lâmina de ferro  
 Forra meu peito, e meus ouvidos cobre.

Oh dever de homem probo!  
 Hei de eu como uma incude duros golpes  
 Suportar insensível, sem queixar-me  
 De quem martírios tais sem dó me causa?  
 Sem dó?... E talvez mais; sem um remorso!  
 Tu Zeno, assim me ensinas;  
 Filosofia austera,  
 Eu sigo a tua lei, por ti me guio.  
 Oh que esforço é preciso  
 Na idade do prazer, e do interesse!

Eu chorei, e meus olhos se secaram;  
 Nem mais em nova dor lágrimas novas  
 Terei para chorar; as dores todas  
 Fizeram-me tragar seus amargores;  
 Não há mais dor que apresentar-me possa  
 Nova taça de acético veneno.  
 O triste solitário,

Que em áspero deserto transviado,  
De improviso se vê acometido  
De cruéis serpes, que o pescoço lhe atam,  
E cravam-lhe no peito  
Agudas presas de peçonha cheias,  
É a horrível imagem  
Do estado meu, do meu duro martírio.  
Mas quem poderá crer-me?  
Quem pode avaliar minhas angústias?  
Mimosos do prazer, eia, deixai-me;  
De vossa compaixão não necessito,  
Vosso riso me ofende.

Estala, oh coração, estala, acaba!  
Não tens uma só fibra,  
Que ao golpe de uma dor não retinisse.  
Por que não deixas o meu corpo, oh alma?  
Que fogo de esperança inda te anima?  
Oh esperança, quase que me foges!  
Não há consolação para o infelice,  
Que longe de seus pais, da Pátria longe,  
Definha entre pesares.

Que, oh mundo, com dores só misturas  
As lições que nos dás? A experiência  
Só com dores se colhe,  
Como uma flor de espinhos guarnecida?  
São inúteis os livros, e os conselhos?  
É tudo a experiência?  
A experiência é só quem nos ensina  
A ciência da vida?

Oh infantil vaidade!  
Vós, oh jovens, cuidais que sabeis tudo,  
As páginas de um livro apenas lendo.  
Dos velhos desprezais os sãos conselhos,  
E orgulhosos dizeis: — Hoje a velhice  
Lições deve tomar da juventude;  
Hoje de nossos pais acima estamos.  
Moço sou, como vós sábio julguei-me;  
Como vós iludi-me.

Ontem fagueira a sorte se mostrava,  
Ria-se a Natureza,  
E em sacros laços de amizade estreita  
Os homens se apertavam.  
Hoje terrível tempestade brama,  
Os homens se repelem, se debatem,  
Como rábidas feras nas florestas.  
Misterioso enigma,  
Inexplicável Ser, capaz de tudo,  
Fonte de vícios, de virtudes fonte,

Que edificas, que assolas, e que sempre  
De ruína em ruína ovante marchas,  
    Como um Gênio de morte,  
    Dize, o que és tu, oh homem!

Cala-se a Natureza, e só ressoa  
    Um grito doloroso  
    Dos túmulos erguido,  
Como um gemido de agoureiro Mocho,  
Quando sobre destroços esvoaça.

    No peito a destra aplico;  
Palpita o coração fraco e pausado,  
Atento escuto, as pulsações calculo;  
    Não me agita o remorso,  
Nem espectros a noite me apresenta;  
E minha alma tranqüila na tormenta  
    Como um firme penedo,  
Nem a sombra de um crime a entenebrece.  
Doce consolação de um peito aflito!

Oh único juiz incorruptível,  
Oh meu Deus, ante quem brilha a verdade  
Mais clara do que o sol; a cujos olhos  
O mais pequeno verme iguala ao homem,  
E a Natura descobre os seus arcanos;  
Tu, que o meu coração penetrar podes,  
Julga tu só e vê se são meus erros  
    Iguais às minhas dores.

Enganar-te, oh meu Deus, não pode o homem!  
Se feia iniquidade nele habita,  
Se mereço o que sofro, ah deixa, deixa  
Que os inimigos meus de mim se vinguem.  
Não me atendas, Senhor; meus ais despreza.  
    Deixa expiar meus erros  
Na terra, onde este pó ao mal me prende,  
Antes que eu suba ao tribunal eterno.  
Mas se fala a inocência em meu socorro,  
Mostra a verdade, salva-me, e absolve  
    Aqueles que me infamam;  
Que eu os perdôo, oh Deus; por ti o juro;  
Sou Cristão; — e o Cristão sofre, e perdoa.

## A CONSOLAÇÃO

Que tens? De que te queixas, desgraçado?  
 É da Pátria a saudade que te aflige?  
 São os erros dos homens? São teus erros,  
 Que pesam sobre ti? És criminoso?  
 Aborreces a vida? A morte queres?

O qu'hei de eu responder? Não, oh meus lábios,  
 Não reveleis arcanos de minha alma,  
     Não crimineis os homens;  
 Queixas inúteis são; lábios, calai-vos.  
 A quem não sente o mal, que importa o alheio?

Não; não sou desgraçado. Estas profundas  
 Dores que me aguilhoam d'alma os seios.  
 São os sinais de uma lição do mundo.  
 Sinto a dor, mas sou grato à Providência,  
 Que destarte me instrui, como mãe terna,  
 Que só para ensinar o filho pune.

No mais íntimo d'alma o virtuoso  
 Acha quem o console na desgraça.  
 Desgraçado, és tu só, tu miserável,  
 Tu, que não do assassino o punhal temes,  
 Mas o punhal da própria consciência.

Lei é da Humanidade, e não do acaso;  
 Sofrer, sempre sofrer é seu destino.  
 A Natureza o homem bruto cria,  
     O mundo o aperfeiçoa  
     Com dores e trabalhos.  
 Como se brunem com o atrito os seixos  
     No revolver das ondas,  
 Ou como no crisol, à chama exposta,  
     Se purifica a prata,  
 Destarte, entregue à dor, doma-se o homem.

O templo da verdade o erro escolta,  
 Armado de punhais, e de flagícios;  
 E antes que a Humanidade entrever possa  
 Um claro lume do seu divo rosto,  
     Ah quantos são primeiro  
     Tristes vítimas do erro,  
 Servindo de degraus da luz ao ingresso!

Nossos olhos lancemos ao passado,  
 E co'o fanal da história descubramos  
 Quantos martírios nossos pais sofreram.  
 Tudo o que vemos nada é mais que a luta  
     Da verdade, e do erro.

A verdade, que herdada hoje gozamos,  
Assaz regada foi com sangue humano;  
Por nós dezoito séculos lutaram,  
E nós pelo porvir lutamos hoje.

Não é fora do mundo,  
Engolfado em prazeres que embriagam,  
Em brando leito lânguido estendido,  
Rodeado de escravas, que o incensam,  
Como um rei do Oriente; nem na mesa  
De esplêndido banquete, qual Lúculo,  
Que se colhem lições da experiência.  
Não; engana-se aquele, que Epicuro  
Mal interpreta, e diz: Eia, gozemos;  
A vida no prazer cifra-se toda.

É nos cárceres só, é nos perigos,  
Quando ao exílio marcha o justo Aristides,  
Quando Homero chorado pão esmola,  
Quando no cárcer galileu medita,  
Quando do trono avito um rei baqueia;  
A experiência então a voz levanta:  
Sólon, Sólon, Sólon, bem mo dizias!

Do passado a lembrança é morta idéia;  
A experiência só, a experiência,  
Dura, severa mestra,  
Por caminhos de dores, entre espinhos,  
Guia o incerto passo  
Do mortal que viaja sobre a terra.  
A dor é da verdade companheira;  
Quem busca a experiência, a dor encontra.

Por que pois lamentar se a dor é útil?  
Se ela é nuncia de um mal, de que nos cumpre  
Fugir, ou evitar assaltos novos?  
O fogo que ao infante o dedo queima,  
A refletir o ensina, enquanto os mimos  
Da terna mãe mil vezes o corrompem.

Oh desgraçado aquele  
Que jamais suportou uma só mágoa,  
E que de gozo em gozo vê seus dias  
Correr tranqüilamente;  
Como a flor nasce, e morre,  
Mas como a flor também nada conhece;  
Existe, mas não vive,  
Que é, sem dor, o prazer uma quimera.  
Para vermos a luz, que ânsias, que dores  
Não sofrem nossas mães? Mas nesse instante  
As dores maternas, nascendo, herdamos.  
Glória, fama, saber dores nos custam;

Até o último expiro a dor nos segue;  
E quem sabe se à dor põe termo a morte?

Como é feliz aquele que levanta  
Seu espírito a Deus, e com fé pura,  
    No meio da tormenta,  
Que o mundo sem cessar contra nós arma,  
    Do céu auxílio espera,  
Enquanto sem conforto, entregue à raiva,  
Blasfema o ímpio contra Deus, e os homens.

Feliz quem assoberba a iníqua sorte;  
E, para o consolar, acha a virtude,  
    Que benéfica brilha,  
Como em negra soidão plácido lume  
Alma esperança gera, prometendo  
Asilo ao peregrino afadigado.

Feliz, feliz mil vezes, quem tranqüilo  
Não ouve o apuridar da consciência,  
    E um só crime exprobrar-lhe!  
E no leito da paz, ou na masmorra,  
Não vê punhais em sonhos, nem fantasmas.  
Mesmo quando os ruins dores lhe causem,  
Como Guatemosino atado, e posto  
Sobre estendidas, chamejantes brasas,  
Com os olhos no céu, sereno exclama:  
    Num leito estou de rosas!

Entreafiadas rodas, açoutado  
    Com lâminas de ferro;  
Na cadeia, no circo, e na fogueira,  
    Ou alvo da calúnia,  
O justo não stá só, Deus é com ele.  
Cadeias, circo, infâmia, fogo, e morte,  
    Tudo supera o justo.

Como as nuvens pejudadas de vapores  
    Exalados da terra  
Do coruscante sol a face cobrem,  
E por um pouco a Natureza enlutam;  
Mas depois da tremenda tempestade,  
De mais belo cetim o céu se arreja,  
E o sol raios dardeja mais brilhantes,  
Assim depois da angústia, e da calúnia  
A inocência triunfa acrisolada.

Ah! não nos lamentemos;  
Que quanto mais se sofre mais se alcança.  
A dor só para o iníquo é um tormento.  
    De Zeno as leis seguindo,  
Como se a não sentíssemos, vivamos;

Deus existe, e nos vê; Deus só nos julga.

Paris, 5 de setembro de 1834

## XVII

### A VIDA DA INOCÊNCIA

A vida é plácida e bela  
Para quem a não conhece,  
E na cândida inocência  
Qual puro jasmim floresce.

É uma aurora rosada,  
Um sonho delicioso,  
Para quem o arcano ignora  
Deste mundo caviloso.

É um mel suave e grato  
Para quem no lar paterno,  
Co'a bênção dos seus maiores,  
Recebe a bênção do Eterno.

É um celeste tesouro  
Para a tenra criatura,  
Que vive como tu vives,  
Vida dos Anjos tão pura.

Só vive assim a inocência  
De Deus amada e querida!  
Oh inocência! perfume!  
Oh doce orvalho da vida!

Filha de pais virtuosos,  
Luminosa é tua estrela!  
Vive para ornar o mundo,  
Feliz, inocente e bela.

## XVIII

### A SEPULTURA DE FILINTO ELÍSIO

No Cemitério do Père La Chaise

Eis-me fora do mundo,  
Nas solidões dos mortos,  
No império do silêncio, e da tristeza,  
De campas, e ciprestes rodeado!

Cenas aqui não há, que aprazer possam  
Aos sentidos daqueles, que embebidos  
Nas ilusões do mundo, a morte temem,  
Como o completo termo da existência;  
Cegos, que a luz não viram do infinito!

À sombra destas árvores chorosas,  
Encostado a um sepulcro,  
Ócio não pasta o rico em sesta amena;  
Nem quem o vero bem no engano cifra  
Deste vale de angústias.

À dor esta mansão é consagrada,  
E à saudade, e às lágrimas dos vivos,  
Que a Deus, e à Eternidade a mente sobem.

Aqui, sim, oh minha alma, aqui te exalta;  
Solta as prisões do barro que te oprime,  
E vaga sem horror na imensidade.

Estas ruas de túmulos soberbos,  
Que cidade figuram,  
Só corruptos cadáveres habitam,  
Poeira, nomes, e ossos descarnados.

Os mortos que nos mármores repousam,  
Não te encham de terror; nem os gemidos  
De alguma triste esposa, ou mãe saudosa;  
Nem do vento o murmúrio,  
Que merencório soa entre os ciprestes.  
Nada temas, minha alma;  
Preconceitos da infância te não gelem;  
Não; sem susto vagueia;  
Mal não fazem os mortos;  
Só entre os vivos o temor é justo.

Oh Filinto! Oh Filinto!  
Onde estás?... Escutemos...  
Aqui nem mesmo os ecos me respondem.  
Oh meu Filinto, é esta a vez terceira,

Que incansável te busco.  
De um em um tenho lido os epitáfios  
Destas fúnebres lousas;  
O teu só não encontro.

Onde é que a ingratidão da injusta Pátria,  
Dessa Pátria que honraste  
Co'os teus divinos carmes,  
Cavou-te a humilde sepultura? — Onde?  
Dela ausente, proscrito, na miséria,  
Como Camões viveste;  
Saudoso, e só por ela suspirando,  
Monumentos ergueste à glória sua;  
E surda sempre foi aos teus gemidos;  
Como Camões morreste na indignância!  
Mas ele ao menos expirou na Pátria!  
Terra da Pátria recebeu seus ossos;  
E tu? — Nem ela sabe onde repousas!

Oh desgraçada Lísia!  
Ingrata mãe de heróis, de egrégios vates,  
Assim desleixas teus preclaros filhos,  
Que em fadigas se afanam  
Por cingir-te de brilho imarcescível?  
Teu vate, teu cantor já te exprobrara,  
Quando com rouca voz assim dizia,  
E não do longo canto afadigado,  
Mas de cantar à gente endurecida:  
“O calor, com que mais se acende o engenho,  
“Não o dá a Pátria, não; que está metida  
“No gosto da cobiça, e na rudeza  
“De uma austera, apagada e vil tristeza.”

No Universo estas vozes ressoaram;  
Línguas cem estas vozes repetiram;  
E o que fizeste, oh Lísia?  
Chamaram-te madrasta, e mãe tirana;  
E hoje? — inda és a mesma!

Oh Pátria minha, o meu Brasil, não sejas  
Como Lísia cruel para teus filhos.  
Ligado à sorte sua, tu suportaste  
Sec'los três os grilhões do cativo;  
Mas já que sacudiste a espessa treva,  
Que os olhos te vendava,  
Da tua antiga Irmã vê as misérias,  
E de imitá-la teme.

Vejamos. — Estes mirtos tão viçosos  
Ornar devem de um vate a sepultura.  
Oh será ele? — Não; aqui descansa  
O coração de um filho.

Não afrouxemos, vamos; que assim marcha  
A Humanidade inteira,

Sem nunca repousar, sobre relíquias  
Das gerações extintas.  
Cada casa é um túmulo; e de sangue,  
Lugar não há na terra,  
Que manchado não fosse.  
Um dia chegará a Humanidade  
Ao limite que Deus lhe prescrevera.

Não descansemos; vamos,  
Enquanto a sepultura não acharmos  
De Filinto, que há tanto procuramos.

Luísa e Abeilard inda no mármore,  
Juntos, da morte o eterno sono dormem,  
Neste gótico túmulo; mil c'roas  
Suas estátuas cobrem, que os amantes  
A seus pés depositam.

Qu'eu não possa pagar igual tributo!  
Amor, tu me desdenhas;  
Nunca um ósculo teu rociou meus lábios;  
Nunca de virgem olhos condoídos  
Sobre mim almas chamas espargiram;  
Ah nunca fui amado!  
Nascido para a dor, jamais minha alma  
Em delícias de amor sonhou ao menos!

Que ilustres nomes estas lousas mostram!  
Estátuas, bustos, inscrições só vejo  
De prestantes varões, de egrégios vates.  
Ao lado deste túmulo pomposo,  
Onde d'Arte o primor ofusca o nome  
Daquele que mimoso foi da sorte,  
Como a meu coração fala sublime  
Esta Cruz negra à sombra de um cipreste!

O sol desmaia; e precursor da noite  
Cinéreo véu nos ares desenrola-se.  
Já fraqueio, e suor transuda a fronte.  
Deixarei estes sacros aposentos,  
Sem que te encontre, o cândido Filinto?  
Serei tão malfadado, que esta c'roa  
Depositar não possa em tua campa,  
E sobre ela chorar, gravar meu nome?

Ah não desesperemos;  
Mais um esforço. — Enfim, é ela, é ela!  
Nem sequer um cipreste, um mirto a cobre!  
Já lisa a pedra pelo pé do tempo  
Mal indica que teve um epitáfio.

Ingrata Pátria! Ingrata!  
O tempo ao menos, carcomendo a lájea,  
Tua vergonha oculta ao estrangeiro.

Oh meu Deus! aqui jaz desconhecido  
Quem cantou dos teus Mártires a glória  
Em altíssimo metro harmonioso!

Reverente ante a tua sepultura,  
Oh Filinto, tu vês um triste filho,  
Que choroso, da Pátria ausente vive.  
Jovem, talvez ardido, ousei na lira  
Os dedos aplicar, seguir teus vãos:  
Sons, que desfiro rústicos, consagro  
Em holocausto a Deus, e à Pátria minha.  
Da celeste Sião, onde tua alma  
    Fulgurante resplende,  
Um raio de estro à minha mente vibra.  
    Recebe esta coroa,  
    Estas folhas recebe,  
Que viçosas colhi na sepultura  
Do imortal La Fontaine, a quem honraste.  
Quiçá prima homenagem sejam elas  
Que ao manes teus humana mão tribute.  
Possa o tempo guardar estes, que escrevo,  
Tristes versos, até que um Luso os leia.

Uma lágrima dai, oh Portugueses,  
Uma lágrima ao menos a Filinto,  
    Ao desgraçado velho.  
    Assaz honrou à Pátria;  
Em prêmio exílio teve. — Adeus, Filinto.

.....

“Que exemplos pra futuros escritores!”

Paris, 28 de setembro de 1834

## UMA MANHÃ NO MONTE JURA

Deixemos este lúgubre aposento,  
Estas estreitas, tortuosas ruas,  
E subamos, Amigo, este fraguado.

Íngreme, escabrosíssimo, impossível  
Parece que o vinguemos;  
Mas se à forte vontade a ação se aduna,  
O que há na terra que resista ao homem?  
Eia, Amigo, subamos.

Já as flores da noite alvinitentes,  
Que o firmamento esmaltam,  
A desmaiar começam, só co' a vista  
Dos arrebóis d'aurora.  
Da terra alvos vapores se levantam  
Condensados, e no ar se desnovelam,  
Montes bosquejam, mares, e cidades,  
E nos campos se perdem do infinito,  
Como agora se perde o pensamento  
Na vastidão de idéias, em que vaga.

Subamos do rochedo até ao cume;  
Lá, respirando um ar puro e suave,  
Recebendo do sol os primos raios,  
Louvores ao Altíssimo entoemos.

Subamos. — Que vastíssima paisagem!  
Que cadeias de montes araçados,  
E como torreões, grimpas, espectros,  
Às nuvens se levantam!  
Que tapetes de vinhas se desdobram,  
E as várzeas, e as encostas alcatifam!  
Que escuros tetos de mesquinhas vilas  
Salpicadas aqui, e ali, quais combros  
De terra, que formigas amontoam!

De tantas sensações extasiada,  
Minha alma se sublima, e se converte  
Num hino harmonioso,  
Em louvor do Senhor da Natureza.

A lucífera estrela ali fulgura;  
Lá se ergue o Sol num Oceano de ouro,  
De rubins ondeado!  
Tu, que iluminas mil milhões de povos,  
Que outros tantos baixar tens visto ao nada,  
E outros tantos subir ao grau daqueles;  
Cem, e cem vezes eu te vi radiante  
Atravessar contente e vagaroso  
De minha Pátria os campos,  
Os serros, e as cidades,

Como se, lei não sendo o movimento,  
Eterno no Brasil brilhar quisesses.  
Oh Sol, ind'ontem viste essa ditosa  
Pátria, por quem suspiro aqui saudoso;  
Pátria, por quem me afano; mas se embalde,  
Longe dela acabar prefiro ao opróbrio  
De vê-la, e ser-lhe inútil.

Não, oh Pátria, não estou de ti distante;  
Comigo estás, é teu meu pensamento.  
Um desejo violento, irresistível,  
Como a enchente, que de alto se desaba,  
Todo me ocupa, e o coração me abala;  
Desejo de te ver no orbe cantada  
Como a primeira das Nações da terra.

Descansemos, Amigo,  
Descansemos um pouco, que é difícil  
Por não trilhadas, perigosas sendas,  
Sem fadiga vencer tal penedia.  
Olha, vê tu aquele que pasmado  
Debaixo nos contempla, e se confunde,  
Envolto na poeira,  
Co'as pequenas ovelhas que apascenta?  
Quiçá de nós dizendo esteja agora:  
Eis dos homens té onde o arrojo chega!  
Por que a plana estrada desprezaram,  
Onde sem risco todos nós marchamos,  
Para perigos afrontar ousados?  
Cairão, cairão; serão punidos...

Assim mesquinhos entes invejosos,  
Tristes aves de agouro,  
Que no charco comum patinham, grasnam,  
Quando vêm remontar altivos gênios  
Às sublimes esferas,  
Esses, cuja missão é o progresso,  
E das mãos arrancar da Natureza  
Novas, úteis verdades,  
Clamam, praguejam, mas no charco morrem;  
Enquanto que de céu em céu voando,  
De Nação em Nação, de povo em povo,  
Da Humanidade os astros benfeitores,  
Em torno a Deus, na Eternidade pairam  
De própria luz radiantes.

Trabalhemos, Amigo, pela Pátria,  
Só por amor da Pátria,  
E entreguemos a Deus nosso destino.  
Se à região dos astros não subirmos,  
Pirilamos seremos nos desertos,  
E aos nossos reunidos, luz daremos,  
Que nas trevas talvez ao desgarrado  
Viajor encaminhe.

Trabalhemos, Amigo, pela Pátria,  
Só por amor da Pátria,  
E entreguemos a Deus nosso destino.

Ah subamos ainda,  
E cheguemos ao tope da montanha.

Esta pedra que cai, bate, e reflete,  
E assim de curva em curva saltitante,  
Vai rolando, e batendo, até que chega  
Desfeita em mil pedaços,  
É a imagem dos seres subalternos,  
Que só grandes parecem pela altura,  
Em que a cega ignorância os colocara;  
Mas quando se despenham, desaparecem,  
Sem que se abale o mundo; nem arrastam  
Satélites consigo,  
A não ser a poeira  
Que só os rodeava.  
Assim muitos colossos se abismaram,  
Colossos de vaidade:  
Assim se enterrarão no eterno olvido  
Muitos que a Pátria nossa inda hoje oprimem  
Co' o peso da ignorância.

Nossa Pátria tão bela! — Nossa Pátria  
Tão digna de um porvir grande e sublime!  
Ei-la, como um cadáver de gigante,  
Roída por milhões de vis insetos,  
Que ela mesma alimenta!

Olha, Amigo, esta pálida saudade,  
Que nesta penedia a custo vive.  
Aqui não é que vegetar devia  
Flor tão cara à minha alma.  
Vês tu como ela pende a roxa fronte  
Mal que a colho, e a coloco no meu peito?  
Como ela o coração, sofrendo a mágoa  
Que o nome dela explica,  
Longe da Pátria, em que meus pais habitam,  
De languidez se encolhe.

Irás comigo, oh flor, terna saudade,  
Inda que murcha e seca; — irás comigo,  
E acabaremos juntos.

Poligny, 7 de outubro de 1834

XX

A VISTA DE ROMA

É Roma! É Roma! É a cidade eterna!

Lá sobre a catedral do cristão mundo  
De Buonarotti o gênio se levanta,  
Prodígio d' arte, maravilha humana  
Consagrada a Deus vivo.

Entre suas ruínas, majestosa  
Inda Roma se ostenta.  
Inda seu nome impõe respeito ao mundo,  
E entusiasmo gera.  
Mas Roma entre ruínas se me antolha  
Como essa arrependida penitente,  
Que a vã pompa do mundo desprezando,  
A cruz do Redentor humilde abraça.  
Em vez de capacete, esparsa a coma;  
Em vez de cetro, cruz; o márcio riso  
Não mais lhe habita os lábios,  
Nem lampejantes olhos mais incutem  
Terror, vingança, e morte.  
Religiosa dor hoje a sublima,  
E a veste de candura, e de beleza.

Rainha das Nações, eu te saúdo!  
Mãe ilustre de heróis do mundo espanto!  
Eu te vejo, e minha alma inda duvida!  
E não sentida comoção me abala.

Esta vermelha terra, árida e seca,  
Qu'inda exala mortíferos vapores;  
Este inculto deserto abandonado  
Dos homens, e das feras,  
Onde uma flor sequer não ri-se ao menos;  
Esta desolação, esta tristeza,  
Este horror sepulcral, que em torno gira  
Da senhora do mundo,  
Tudo alfim aqui fala, e os olhos mostra  
As sangrentas tragédias, que juncaram  
Estes campos outrora.  
De tanto sangue humano que a ensopara,  
De tanto ferro gasto que a cobrira,  
Conserva ainda a cor a terra estéril!

Por que nuvens de corvos esvoaçam  
Nestes ares pejados de vapores?  
Por que arrancam gemidos dolorosos,  
Que as carnes, e os cabelos arrepiam,  
Como se eles um mal também carpissem?  
Odor carnificino  
Ainda exalarão de Roma os campos?  
É que não acham mais sangue que bebam!  
Cadáveres que os cevem!

Que Romano saído do sepulcro  
Reconhecer-te, oh Roma, poderia  
Que viajor, entrando em tuas portas,  
Não dirá: Onde estou? onde está Roma?

Se uma voz respondesse: Eis aqui Roma.  
Como não exclamar cheio de assombro:  
Que maldição do céu caiu sobre ela!

Também têm as Nações suas idades.  
    Jovem já foste, oh Roma!  
Já guerreiro vigor armou-te o braço;  
Já tremeram de ti milhões de povos.  
Fatigada de glória, e já curvada  
    Entre tuas ruínas,  
Hoje tu tremes, como uma Rainha  
    Anosa sobre o trono,  
Que em anos juvenis calcara ufana.  
Hoje só em teu Deus arrimo encontras;  
Só a Religião te ampara a frente,  
Que co' o peso dos séculos já pende.

Sem este novo Deus morta já foras.  
Teus velhos deuses a paixões sujeitos,  
Teus senhores, teus Neros, e teus filhos,  
    Degenerada raça  
Dos Brutos, e Catões, raça maldita,  
Nos mais nefandos crimes só nutrida,  
Tudo alfim te arrastava ao horror, e à morte,  
E te ia despenhar na sepultura.  
Mas um Deus novo te salvou do abismo;  
Novas virtudes deu-te, graças novas,  
E tu por ele só inda hoje vives.

Da guerra o Gênio que nas pugnas vela,  
E o pacífico Gênio que aos destinos  
    Dos Impérios preside,  
Entorpecidos de fadigas tantas,  
Entre a poeira das ruínas tuas,  
Cobertos de lauréis, prostrados jazem.

Co' a espada o antigo mundo amedrontavas,  
Co' a Ciência, e a Razão guiaste o novo;  
Sim; a glória perdeste dos combates,  
Mas alcançaste da Ciência a glória.

Ignora o mundo teu porvir augusto,  
Que ao mundo oculta Deus seu pensamento;  
Mas tu despertarás à voz de um Gênio,  
    Do sono em que te abismas.  
Dorme, dorme, que o Tempo não perece;  
Dorme, que um dia te erguerás mais bela;  
Dorme, até que a trombeta do teu Anjo  
No mausoléu ressoe de Adriano.  
Os desígnios de Deus serão cumpridos;  
Não, tu não morrerás, cidade eterna.

Roma, dezembro de 1834

Vai-te, vai-te... Sepulta-te, não surjas  
Do abismo do passado,  
Ano, que para mim um século foste  
De contínuos tormentos.

Vai-te, vai-te... Nem mais lembrança tua  
A mente atribulada me enegreça;  
Desaparece, passa como a nuvem,  
Que o fúnebre palor da lua aumenta  
Em sossegada noite;  
Como um sonho, que agita a fantasia  
De adormecido enfermo;  
Ou como um pensamento malformado  
No delírio da febre.

Mas como te olvidar, se a consciência  
Ao grito da vontade se rebela?  
E acintosa a memória inda conserva  
Tua lembrança triste?  
E sem cessar traidora fantasia  
Malgrado meu me está representando  
Mil desgostosas cenas?

Eterna ficará tua lembrança  
À minha alma presente,  
Para d'amarga vida despertar-me  
Os passados reveses,  
Como ao lado do altar pendente voto  
O naufrágio recorda, e o salvamento.

Como depois de borrascosa noite,  
Rutila alva serena,  
Do seio do futuro inexaurível,  
Novo ano, sai, assoma mais fagueiro,  
E as lágrimas estanca,  
Que pela dor mil vezes arrancadas,  
Do coração aos olhos me subiam.

Faze que esta ilusão que a alma consola,  
Esta esperança, último refúgio  
Que na desgraça o malfadado encontra,  
Núncio me seja de um melhor futuro.  
Sê meu Íris de paz, e o meu santelmo.  
Assaz desditas minhas juz me outorgam  
De merecer-te ao menos um sorriso;  
Assaz para um favor sofrido tenho.

Esta que ora desfruto paz serena,  
Este descanso que piedosa destra  
Concede a meu espírito agitado,  
Este celeste sopro

De alma ventura que respiro agora,  
Esta luz que me aclara,  
Já deixa-me entrever porvir brilhante,  
E o horizonte da Pátria me apresenta,  
Da longe Pátria, tão por mim chorada.

Vem, ano-novo, vem; traze-me alegres  
Notícias de meus pais, da Pátria minha.  
Traz-me este consolo,  
Este consolo ao menos, que me afague  
Na distância em que vivo.  
Outra ambição não tenho, outra... E o que pode  
Minha alma cobiçar de mor valia?  
Coração como o meu, ermo de inveja,  
Exempto de vaidade, a pouco aspira;  
Só de nobres desejos se alimenta.

E tornarei a ver-te, oh Pátria cara?  
Teus montes saudarei? tuas florestas?  
Teus rios? e o teu céu azul sem nódoa?  
Ainda abraçarei os pais anosos?  
Mas em que dia? Quando? Como tarda!

Vem, ano-novo; vem, minha esperança!  
Por ti eu suspirava.  
Qual um amante pelo bem amado.  
Vem, oh núncio de paz; vem consolar-me.  
Oxalá que não toques ao teu termo  
Antes qu'eu volte ao paternal albergue.

Roma

## AS RUÍNAS DE ROMA

À claridade da Lua

Oh que espectáculo fúnebre e sublime!  
 Aqui foi Roma! — Aqui ergueu-se altiva  
 A Senhora do Mundo!  
 E de tanta grandeza eis o que resta!

Quantas trombetas no Universo soam,  
 E os fastos marciais da augusta Roma  
 Sonoras proclamam!  
 Quantas vozes de Roma o nome entoam!  
 Mas uma vista só destas relíquias,  
 Estas colunas, qu'inda se sustentam  
 Meias fora das covas, meias dentro,  
 Como espectros alçados dos sepulcros;  
 Este mesmo silêncio, tudo fala,  
 Sem turbar os sentidos assombrados!  
 Oh grandezas, quão perto estais do nada!

Eu saudei-vos, ruínas, quando o dia  
 Sobre vós seus fulgores entornava,  
 Vosso florido manto realçando;  
 Quão longe então estáveis  
 Desta mística, horrível majestade!  
 Oh que não é o sol o astro dos mortos!  
 Nem se cobre de púrpura o cadáver!

Tu és, oh lua, o astro das ruínas!  
 No páramo celeste solitária  
 Plácida alvejas, de palor tingindo  
 Estes negros destroços,  
 Qual a trêmula lâmpada suspensa  
 No asilo dos finados,  
 Que só das trevas o horror aclara,  
 Para mais realçar o horror da morte.

Como uma ave de agouro em clima estranho,  
 De tão longínquas plagas transportado,  
 Plagas à culta Europa ainda ignotas  
 Quando já isto tudo eram ruínas,  
 Eis-me aqui sobre o monte Palatino!  
 E amanhã? — Onde irei? só Deus o sabe.

Oh pó erguido! Oh pedras! Oh ruínas!  
 Que sublimes lições estais ditando  
 Nessa muda linguagem dos sepulcros!  
 Oh desgraçado o povo que as não ouve!  
 Desgraçado quem não as compreende!  
 Vós sois mais eloquentes

Que os vossos oradores, cujas vozes  
Vezes mil noutros tempos ecoastes:  
Vossa voz só nos seios d'alma soa,  
Como a terrível voz da consciência,  
Ou como o gelo, que entorpece o corpo,  
E a vida toda ao coração concentra.

O que há aí mais sublime que esse Mário,  
Gênio de morte, um homem curvo à morte,  
Sentado nas ruínas de um Império?  
Seu rosto baço... seu olhar sombrio...  
Que idéia o pensamento lhe revolve?  
Quem não dirá que em torno d'ele giram,  
    Dos destroços erguidos,  
Milhões de espectros, cujas negras sombras  
Em seu feroz semblante se desenham?  
    Quem não dirá que ele ouve  
    Carpidores gemidos,  
    Magoados queixumes  
De angustiadas mães, de tristes órfãos,  
Que lhe pedem seu pão, e o amaldiçoam?

Da Humanidade inteira és símb'lo, oh Mário!  
Do pó tirada pela mão do Eterno,  
Desde o berço do sol té seu sepulcro,  
Quantas sofrido tem vicissitudes?  
Quantas fases tem tido? E marcha ainda!  
Quantas vezes na marcha tortuosa,  
Qual no mar o baixel, que o vento busca,  
Longas calmas sofreu, longas tormentas?

E qual o fim será da Humanidade?  
Que porto lhe destina a Providência?  
Mas quem pode do seio do futuro  
    Arrancar este arcano?  
Confia, Humanidade, em teu Piloto  
Confia; a Providência é quem te guia.

Oh Deus, Mário também serás um dia!  
A vista espriarás pelo Universo,  
    E só verás ruínas!...  
E todos esses luminosos Mundos,  
Do santuário teu fanais brilhantes,  
    Ter-se-ão extinguido!  
E a quem dirás então? — Eis-me sozinho  
Sentado sobre o exício do Universo,  
Concentrado em mim mesmo, no infinito;  
Dei fim à Humanidade; ei-la em poeira;  
Um sopro de meus lábios sumiu tudo!

Quem te ouvirá, oh Deus? — A Eternidade!  
Oh futuro, oh futuro inacessível  
Aos mortais olhos, só a Deus presente!

Oh pó erguido! oh pedras! oh ruínas!  
Ah! quantas gerações aqui passaram,

Cujos rastos impressos na poeira  
O vento os dissipou, como seus nomes  
Pela esponja do tempo extintos foram!  
De quantas cenas testemunhas fostes!  
Que infâmias vistes, que cruéis delitos  
Inda aos homens ocultos!  
Que batalhas! que horrores!

Que milhões de cadáveres caíram.  
Entre estes sete montes, como pedras  
Despegado se têm destes fragmentos!  
Tudo isto era um só monte,  
Era um vasto redil de armentio gado.<sup>2</sup>

Que acesa lava em borbotões fervendo  
Engoliu estes Templos?  
Que estragador, ardente meteoro,  
Despejado do Inferno, talou tudo?  
Oh Guiscard! oh Guiscard! estas muralhas  
Escapadas do incêndio, e enfumaçadas,  
Inda te chamam fero, inda te acusam!<sup>3</sup>

Lá stá o Capitólio!  
Quantos cativos Reis, ao carro atados  
Do seu triunfador, ali subiram!  
Ali Mânlio morou; dali a um passo  
Foi as águas mortais beber do Tibre.<sup>4</sup>  
Aqueles muros Catilina viram,  
E aos acentos de Cícero tremeram.  
Ali se decretava a liberdade,  
A escravidão dos Reis, e dos Impérios.  
Ali entre punhais expirou César,  
Só por querer cingir a calva fronte  
Co' o diadema real, depondo os louros;  
Mas o que ao grande César foi negado,  
Tibérios, e Calígulas tiveram!  
Tanto dos homens a injustiça pode,  
Ou tanto a corrupção que o brio extingue.

Ah! saíamos daqui, que profanado  
Foi este monte, habitação dos Grachos,  
E do imortal filósofo de Túsculo,  
Pelo mais ruim tirano.  
Eis seu palácio de ouro;  
Nero aqui se entregava aos seus delírios.  
Lá palideja ao longe aquela torre<sup>5</sup>  
Como um fantasma ao clarear da lua!  
Ali ria-se Nero  
Com satânicos olhos cintilantes,  
Nos quais de Roma a imagem se pintava  
Envolta em crepitantes labaredas,  
E o povo que expirava emaranhado  
Entre as ondas de fogo, e de fumaça.  
Cantor do inferno, o monstro, o parricida  
Tanto horror celebrava ao som da Lira!

O que não mancha um monstro?  
Oh! que o seu coração era de ferro!  
Os hórridos gemidos,  
Os gritos d'agonia  
Das moribundas vítimas das chamas,  
Aos ouvidos de Nero acordos eram!

Triste Jerusalém, co'os teus despojos  
Ergueu-se este arco a Tito triunfante.  
Este outro a Constantino,  
Vencedor de Maxêncio e de Licínio,  
Herói, que a Cruz alçou no Capitólio,  
Aras pagãs a Cristo consagrando.

Mas silêncio... Silêncio... Ouço gemidos,  
Que se escapam dali, entre as arcadas  
Do Flávio anfiteatro!  
Quem a esta hora geme?  
Estas pedras serão? espectadoras  
Outrora de cruéis, sangrentas cenas,  
Que doídas talvez inda hoje chorem,  
Quando homens, que as pisavam, aplaudiam  
O espetáculo infame?

Não, não; são os cristãos, são penitentes,  
Que abraçados co'a Cruz prostrados jazem,  
E choram sobre o chão de pó, e sangue,  
As palavras ouvindo do Eremita,<sup>6</sup>  
Que n'alma lhes embebe a Eternidade.  
Orai, cristãos, orai; pedi ao Eterno,  
Por vós, por vossos pais, por vossos filhos.

Que sons funéreos de sagrados bronzes  
Longos vão reboando  
Nestas imensas, lúgubres arcadas?  
Oh meu Deus, que terrível pensamento  
Estes sons repetidos me despertam!  
Aquela vasta cúpula, que o gênio  
Nos ares colocou em glória tua,  
E às egípcias pirâmides supera;  
Aquela torre, donde agora partem  
Os sons, que estas abóbadas retumbam;  
Todo aquele soberbo monumento,  
Rico de mil prodígios espantosos,  
Tudo isso cairá!... serão ruínas!  
Futuras gerações sobre seus combros  
De mausoléus, de estátuas, de colunas,  
Subirão, oh meu Deus; e a essas pedras  
Perguntarão: Que mãos vos elevaram?  
Que mãos vos destruíram?

Ind'hoje eu vi o sol, num lago de ouro,  
Entre montanhas de rubins acesos,  
Atrás daquela cúpula ocultar-se.

Pois bem, oh sol, tu passarás um dia  
Nesse mesmo lugar onde declinas;  
Não ouvirás os sons religiosos  
    Dos órgãos, que hoje escutas;  
Descoberto verás o santuário,  
Prostradas as colunas em pedaços,  
    Quebrados os altares,  
Aberto, e destruído o Vaticano;  
Aí se aninharão noturnas aves,  
Reptis passearão na relva e musgo;  
E apenas ouvirás seus tristes guinchos!  
E o que dirás, oh sol, de tanto estrago?  
Dirás, sem suspender a marcha tua:  
    “Mais que as obras dos homens,  
    De Deus duram as obras.  
Tudo o que é dos mortais a morte sela.  
Jamais minguei de luz, tanta luz dando  
Desde que Jeová do caos tirou-me.  
    Por que caíste, oh Templo?  
Tu, que espanto do mundo outrora foste?  
    Tu, que outrora soberbo  
Meu luminoso oceano dividias,  
Erguendo tua sombra até meu rosto?”

Quantas vezes o filho pisa a terra  
Que o cadáver do pai, ou mãe encobre,  
Inda enfeitado co'as herdadas jóias?  
Assim da. prisca Roma a filha herdeira  
Da pompa sua, majestosa se ergue  
Sobre o imenso esqueleto mutilado,  
    Da augusta soberana.  
Filha de Roma, cairás como ela!

Estes desenterrados obeliscos,  
Que agora entre teus muros se levantam,  
Arrancados do Egito, quantas quedas  
De cidades têm visto, e terão inda  
Novos leitos no pó de Impérios novos!  
Filha de Roma, cairás como ela!

As obras dos mortais como eles morrem;  
Nem duram as cidades mais que os cedros,  
Que espontânea produz a Natureza;  
Nova planta da extinta se alimenta;  
    Fênix é o Universo,  
Que, morrendo, renasce a cada instante.  
Tudo o que o homem vê morte respira;  
E se tu, oh meu Deus, não és eterno,  
O que é eterno então? o que? o Nada?  
Transitório será tudo no Mundo?  
E o dever, e a justiça em que se firmam?

Oh Razão, o que és tu? — Ímpios, calai-vos,  
Loucos sois delirantes.  
Não, oh sábio Spinosa,  
Tu não eras ateu, não te entenderam;<sup>7</sup>  
Um Deus há sempiterno, o Ser dos seres.

Filha de Roma, cairás como ela.  
Outra herdará teu nome, e teus tesouros,  
E com tuas riquezas adornada,  
Seu estrado fará do teu sepulcro.  
Mas quando este Universo se aniquile,  
Na memória de Deus serás eterna.

Roma, 25 de janeiro de 1835

.....

<sup>2</sup> Depois da destruição do Foro Romano, pelo fero Rober Guiscard, em 1084, toda esta parte da antiga Roma, desde S. João de Laterano até o Capitólio, tão entulhada ficou, que a terra, pedras, e imundícias cobriram as ruínas, que ainda hoje se desencavam; aí apascentavam rebanhos de vacas, e daí veio o nome de Campo Vaccino, com que ainda hoje é conhecido.

<sup>3</sup> A destruição de Roma é devida, como vimos na antecedente nota, ao cavaleiro Rober Guiscard de Hauteville, filho de Tancrede, que, capitaneando os Normandos, entrara à testa de um formidável exército em Roma em 1084, fazendo recuar Henrique diante de si, e pondo fogo na cidade, desde S. João de Laterano até o Coliseu. Depois do saque dos Normandos ficou a antiga Roma deserta, e a população transportou-se toda inteira além do Capitólio, que em outro tempo fora o campo de Marte.

<sup>4</sup> Chamo mortais as águas do Tibre, não que elas venenosas sejam, mas porque aí morriam afogados os condenados de Estado, que da rocha Tarpeia se precipitavam, como Mânlio, e outros, de que fala a História.

<sup>5</sup> Mostra-se ainda em Roma uma torre quadrada, que no meio da cidade se eleva, na qual, diz-se, Nero se abrigara, para gozar da horrível cena do incêndio de Roma. Aí tangia ele a lira, enquanto as chamas devoravam a cidade. O verbo palidejar, de que me sirvo, creio que não vem nos dicionários, nem me lembra tê-lo encontrado em nenhum autor; se sou o primeiro que o introduzo na língua, poderei alegar em seu favor, que, tendo nós branquejar, negrejar, amarelejar e outros de igual desinência, nenhuma dúvida poderá este encontrar da parte de acanhados puristas; demais ele explica perfeitamente o efeito da torre em questão, esclarecida pelo clarão da lua. Aproveitando-me da natureza desta nota, direi que a filosofia espiritualística, que tantos progressos tem feito entre alemães e franceses, tem adotado novos termos e dado a velhas palavras novas terminações, como, por exemplo, idealidade, religiosidade, progressibilidade etc. Estas palavras representam novas idéias e delas nos podemos servir sem escrúpulo; de outra maneira condenemos as ciências e a língua à imobilidade.

<sup>6</sup> Há no recinto do anfiteatro Flávio (Coliseu) 14 altares, representando os martírios de Jesus Cristo, no meio uma cruz; servem esses altares para as estações penitenciais; aí vimos na Quaresma quantidade de povo prostrado, escutando as pregações dos missionários.

<sup>7</sup> Spinosa é considerado vulgarmente como ateu; filósofos modernos fazem-lhe justiça. Seu sistema da mais alta Metafísica não tem sido interpretado como devia, que mais pende ele para o panteísmo que para o ateísmo. De sua doutrina claramente se colige que ele concebia um Ser necessário, substancial e perfeito, que é Deus, e o resto só tem uma existência

fenomenal e contingente. Pode dizer-se, rigorosamente falando, que não há ateus, pois que aqueles mesmos que parecem professar tais princípios, ou dão existência a uma substância primária, seja o nome qual for, ou se contradizem a cada passo.

Não te rias, oh fortuna!  
Teu riso me é suspeito;  
Contra a desgraça não clamo,  
Não quero ser venturoso.

Vai-te, oh fortuna,  
Não me atormentes;  
Já não te creio,  
Em tudo mentes.

Enquanto te procurava  
Andei errados caminhos;  
E das rosas que murcharam  
Só me restam os espinhos.

Vai-te, oh fortuna,  
Não me atormentes;  
Já não te creio,  
Em tudo mentes.

Por cousa tão transitória  
É loucura amofinar-nos;  
Os bens que hoje nos outorgas,  
Amanhã podes tirar-nos.

Vai-te, a fortuna,  
Não me atormentes;  
Já não te creio,  
Em tudo mentes.

Com bem pouco me contento,  
Conformei-me co' a desgraça;  
Já me tenho por ditoso,  
Já rejeito a tua graça.

Vai-te, oh fortuna,  
Não me atormentes;  
Já não te creio,  
Em tudo mentes.

Não sei o que é a ventura,  
Nem sei se sou desgraçado.  
Por bens que podem ser males,  
Eu não troco o meu estado.

Vai-te, oh fortuna,  
Não me atormentes;  
Já não te creio,  
Em tudo mentes.

Rápidos passam os dias,  
E a cada passo que damos,  
À morte, que é sempre certa,  
Ligeiramente marchamos.

Vai-te, oh fortuna,  
Não me atormentes;  
Já não te creio,  
Em tudo mentes.

É só ditoso na terra  
Quem vive em paz com sua alma;  
Quem das penas que aqui sofre,  
Só do céu espera a palma.

Vai-te, oh fortuna,  
Não me atormentes;  
Já não te creio,  
Em tudo mentes.

Albano, março de 1835.

## O SUSPIRO À PÁTRIA

Roma, no Coliseu

Já que do coração rompestes os seios,  
 Onde terna saudade te gerara,  
 E quando mais minha alma nas da Pátria  
     Idéias se engolfava,  
 Da clausura do peito te escapaste,  
     Onde mais não cabias,  
 Fugitivo roçando inertes lábios,  
 Triste suspiro meu!... Já que teu eco  
 O silêncio quebrou misterioso  
 Do sepulcral horror deste recinto;  
 Sai, oh suspiro! sai... Não mais ressoes,  
     Inútil não te percas,  
 Nestas longas abóbadas quebradas,  
 Murmurando tu só de estância em estância,  
 Como um lúgubre som de ave noturna,  
 A quem prazem as trevas, e os destroços.

Teu doloroso som repercutido  
 Na oposta parte, tal pavor inspira,  
 Que um gemido parece das entranhas  
     Desta imensa ruína;  
 Eu mesmo que exalei-te, eu mesmo tremo,  
 E mortos tremeriam se te ouvissem;  
     Que farão os viventes!

Hirtos na fronte tenho inda os cabelos,  
     Frio, trêmulo o corpo,  
 Como um tronco de gelo ao vento exposto;  
 E o triste coração onde habitaste,  
 Recobrando de novo o movimento,  
 Com desusada força ora palpita,  
     E monótono soa,  
 Como soa o martelo sobre a incude.

Temem os olhos de se abrir às trevas,  
 E de ver coroados o anfiteatro  
 De alvas sombras de mortos, e de espectros,  
 Que para mais terror me pinta a mente.

Voa, suspiro meu, voa, não tardes;  
 Núncio vai ser do estado em que me deixas.  
 O caminho te indico; aos ares sobe;  
 Deixa de Roma os solitários campos,  
 Esta terra de sangue, e de cadáveres,  
 E às praias chega da querida Pátria,  
 Tão longes praias! — Quem me dera eu vê-las!

Mas no longo trajeto

Vai por mim os lugares visitando,  
Por onde eu já passei triste e saudoso.  
Oh! quão gratas me são reminiscências!  
    Delas compõe-se a vida,  
Os prazeres são elas da velhice.  
Do afadigado albor de um curto dia  
    Eis tudo o que nos fica!

    Toma a Flamínia estrada;  
Passa o lúrido Tibre, outrora rubro,  
Quando o campo cedeu a Constantino  
    O bárbaro Maxêncio;  
Verás Assis no cimo da colina  
As cinzas adorar do santo filho.

    Do Trasimeno às margens  
A poeira verás de ossos romanos,  
E um sussurro ouvirás, que diz: Aníbal!

Chega aos campos que o Arno fertiliza;  
Entra em Florença, e em Santa Cruz visita  
    De Dante a sepultura.  
Sentado está com merencório gesto;  
Dir-se-á qu'inda do Inferno hórridas cenas  
Se lhe antolham; e o mísero Ugolino  
Mirrado entre cadáveres corruptos  
Dos inocentes filhos, miserandos,  
Como esfaimado tigre ossos roendo.  
Pousa na destra o rosto, e co'a sinistra  
    Sustenta o imortal livro;  
Chora de um lado a Poesia, e do outro  
Itália veneranda está dizendo:  
— ONORATE L' ALTISSIMO POETA.

Buonarotti, Alfieri, Machiavelli,  
Verás aí também; tudo saúda.  
Nem a Toscana deixes sem que vejas  
Essa Pisa, onde as Artes renasceram.  
Contempla de Bosqueto a maravilha,  
O campo santo, a torre que pendente  
Ameaça cair como um gigante.  
Vai ouvir o sussurro do teu vôo  
Nesse museu de mortos de Bolonha.

Ligeiro passa por Modena, e Parma;  
Passa de Lódi a celebrada ponte,  
Essa que o peso suportou ingente  
    Do Gênio das vitórias.

Passa o Apenino, e o Pó, e a Milão chega;  
E em sua Catedral misteriosa,  
Que prostrado me viu venerabundo,  
Ao som do órgão sagrado, que reboa  
Nas góticas abóbadas, respira  
    Religioso acento.

Mensageiro de dor, ah! não visites  
Outros lugares, que o prazer inspirem.  
Cansa o prazer ao homem quando é longo,  
Mas tu, melancolia, jamais cansas  
Aquém d'alma os arroubos saboreia.

Pela margem do lago, que tranqüilo,  
Azul-celeste e puro,  
A vida da inocência simboliza,  
Os Alpes busca, por heróis trilhado;  
Os Alpes, como braços da Natura,  
Que erguidos para o céu a Deus adoram.

Sobe o Simplão; penetra as galerias;  
Se o nome do Brasil na pedra achares,  
Minha mão o gravou, beija esse nome.  
Noutra pedra verás meu nome escrito,  
Se os gelos o não cobrem;  
Sentado aí subi meu pensamento  
Té ao trono de Deus, e pela Pátria  
Dirigi-lhe meus votos.

Desce, verás de Brigg argênteos cumes,  
Que ígneos raios refletem, simulando  
Claros elmos de exército em parada.  
Continua teu vôo; Sion passa,  
Chega à bela Genebra, que se espelha  
No lago cor do céu, e no seu Ródano,  
Que o remanso do lago veloz deixa,  
Para ir levar fertilidade aos campos,  
Como, mal que desperta, ao leito foge,  
E asinha o lavrador busca o trabalho.

Da infância de Rousseau deixando o berço,  
Pobres vilas da França irás passando,  
Ricas cidades vendo.

A Poligny chegando, a rocha vinga,  
E na gótica estância, que talhada  
Foi aí pela mão da Natureza,  
Brasil, lerás nas rústicas pilastras.  
Numa aba da montanha, junto à estrada,  
Onde oculto desliza manso arroio,  
Acharás uma imagem veneranda  
Da Rainha dos céus, três vezes pura,  
Dos cristãos caminhantes protetora.  
Inda a seus pés verás murchas saudades,  
Por minhas mãos colhidas na montanha.

De cidade em cidade irás vagando;  
Entra em Paris, Rainha das cidades.  
Mas ah! triste suspiro,  
Se esses ares alegres te abrandarem,  
Se o seu bulício perturbar teu vôo,  
Dos mortos no jardim vai açoutar-te,  
E entre jazigos tua dor recobra.

Como me apraz dos mortos o remanso!  
Como dos mirtos sepulcrais o aroma  
Faz o prazer libar da Eternidade!  
Oh grata habitação! Oh paz suave!  
Quando às minhas fadigas porei termo?  
Oh meu suspiro, se acabar pudesses  
Entre outros mil suspiros confundido  
Nessa triste mansão! — Mas não, tens inda  
De dar tua mensagem.

Passa a sombria pátria de Corneille  
Onde se ergue o honroso monumento  
Da magnânima Virgem  
Pelo céu inspirada,  
Que a fereza dos homens queimou viva.

Pelas margens do Sena aos mares voa;  
Atravessa o Oceano, tão profundo  
Como a dor de minha alma.  
Passa o Oceano, imagem do infinito.  
Entrarás num imenso ancoradouro,  
De altíssimas montanhas torneado,  
Onde repousa perenal verdura,  
Que as espáduas dos montes engrinalda.  
Oh sem-par maravilha!  
Resupino, grandíssimo gigante  
Ao longe assoma, e do Janeiro a barra  
Ao viajor cansado patenteia?  
Igual outro não há; errar não podes.  
Aí é que te eu mando;  
Essa é a Pátria minha, a Pátria amada,  
Que a vida deu a quem me deu a vida!  
Aí respira ainda a mãe anosa,  
O encanecido pai, e irmãos queridos!  
Verás se para amá-la razão tenho!  
Mas não me capta amor grandeza sua.  
Pobre fosse ela, pequenina aldeia,  
Por ela meu amor igual seria;  
Que este nome de Pátria é tão suave  
Como o nome de mãe, de pai, de amigo;  
E a mãe, e o pai, e o amigo inda que pobres  
A um nobre coração gratos são sempre.

Venturoso suspiro,  
Antes que em doce riso te convertas,  
Nesse mágico céu da Pátria minha,  
À paternal mansão ligeiro adeja  
Como o meu pensamento;  
Beija dos caros pais as mãos rugosas,  
E soluçando diz-lhes,  
Que o filho humilde a Deus rogando fica

Por eles, pela Pátria;  
Sobre os restos de Roma, pensativo,  
Um suspiro exalou, que à Pátria envia.

Roma, 20 de fevereiro de 1835

AO MEU ILUSTRE MESTRE E AMIGO

O Reverendíssimo Senhor

Fr. Francisco de Monte-Alverne

Eis-me em Roma! Da Pátria tão distante!  
 Inda de vós conservo tal lembrança,  
 Que às vezes se me antolha a imagem vossa;  
 A ela me dirijo, falo, escuto,  
 E cuido que ela me ouve, e me responde.  
 Como de um tão bom mestre, tão amigo  
 Poderá o discípulo esquecer-se?  
 Quantas vezes aqui, nos sacros templos,  
 Ouço santas palavras destes padres;  
 Cuido ver-vos no púlpito elevado;  
 Mas desconheço as vozes, e nem sinto  
 Bater-me o coração dilacerado  
 Da grave dor cristã; nem em transportes  
 Subir minha alma ao céu como um eflúvio  
 Da flor erguido; então saudoso exclamo:  
 Quem me dera inda ouvir o grande Alverne!

Roma é bela, é sublime, é um tesouro  
 De milhões de riquezas; toda a Itália  
 É um vasto museu de maravilhas.  
 Eis o qu'eu dizer posso; esta é a Pátria  
 Do pintor, do filósofo, e do vate.

Embalde Roma invoco, e a musa empenho,  
 Para um quadro traçar destes prodígios;  
 Sem cessar uma voz me fala n'alma:  
 Da louca pretensão que te alucina,  
 Desiste, oh fantasia! não te é dado  
 Achar uma linguagem tão facunda,  
 Tão sublimes imagens com que pintes  
 Dignamente esta imensa maravilha.

Como é possível descrever ao vivo  
 Todo o horror da montanha que vomita  
 Fogo, lavas, e fumo do ancho seio?  
 Quem pode retratar a majestade  
 Do vasto Coliseu, quando o argenteia  
 Do noctículo globo o incerto lume,

Seus raios pelas fendas enfiando?  
 As projetadas sombras como espectros;  
 Rotos muros, longuíssimas abóbadas;  
 Um gemido escapado de repente  
 Do pobre, que ante a Cruz seus males chora;  
 Um fúnebre arquejar de ave sinistra;  
 Uma voz, que além soa murmurando?  
 Quem narrar pode os pensamentos todos,  
 Que d'alma em torno em turbilhões volteiam,  
 Inda mais pavorosos que as ruínas?

Quem, penetrando as negras catacumbas,  
Escondidas da terra nas entranhas,  
Dos mártires cristãos leitos de morte,  
Onde não entra o sol, nem entra a lua,  
E só pequena luz, na mão do guia,  
Trêmula, moribunda bruxuleia,  
Como pálida estrela, ou como um olho  
Do gênio habitador daquelas trevas;  
Quem não se enche de horror? Quem falar pode?  
Só ver, e emudecer; a língua é fraca;  
As grandes comoções não se descrevem.

Como é tão eloqüente a lisa pedra  
Que só diz: — Aqui jaz Torquato Tasso!  
Quando todos os mármoreos ligados,  
Inda assim receber não poderiam  
Seus versos imortais por epitáfio!

Assim eu, receando dizer pouco,  
Não podendo pintar tanta grandeza,  
Eloqüente serei nada dizendo.

Roma, abril de 1835

Ao Il<sup>mo</sup> e Ex<sup>mo</sup> Sr.

José Joaquim da Rocha

Dignatário da Imperial Ordem do Cruzeiro,  
deputado da ex-Assembléia Constituinte do Brasil,  
ex-ministro Plenipotenciário nas cortes de Paris  
e de Roma etc.

Os serviços que prestastes à Pátria; o amor, e o  
respeito que vos consagram os brasileiros residentes  
em Paris; o título de Pai com que eles vos honram;  
o seu legítimo pesar, e as lágrimas que vistes  
correr de seus olhos, no momento em que deles  
vos separastes, que bem previam eles que um  
vácuo tinha de ficar em seus corações; são os justos  
motivos que me inspiraram estes mesquinhos  
versos, que hoje vos ofereço. Possam eles ser tão  
gratos à vossa alma, como a todos nos será grata  
a vossa lembrança.

Roma, abril de 1835

XXVI

Folga minha alma, quando se me antolha  
A cândida virtude,  
E Varões dignos de louvor me indica.  
Eu prostro-me a seus pés venerabundo;  
Que a mente minha, de louvar ansiosa,  
Encômios jamais nega à heroicidade.

Apareça quem já colheu aromas,  
Que impura a minha destra  
Nas aras da lisonja profanara.  
Descerra os lábios, rígida virtude,  
Diz se ouvidos teus já se irritaram,  
Se coraste de pejo ao ouvir meus cantos?

Não, não, tu me respondes; fiel sempre  
Aos sacros meus ditames,  
Hinos teceste à Pátria, à Liberdade,  
E a Varões beneméritos, que eu prezo.  
Canta, canta; que é esse o único prêmio  
De quem sem egoísmo à Pátria serve.

Orgão é da verdade a consciência;  
E da virtude é órgão  
O coração que fala, e nunca mente.  
Firme Varão, imóvel nas tormentas  
Que vezes o Brasil amedrontaram,  
Rocha, quem no Brasil teu nome ignora?

Tu foste um dos primeiros que firmaram  
A Independência nossa.  
De tua alma o vigor, e o entusiasmo,  
Os povos animavam, que te ouviam;  
E unindo-se em prol da augusta causa,  
Para ser seu apoio te escolheram.

Quando a injustiça e a ingratidão armadas  
Os raios da vingança  
Contra os Varões da Pátria fulminaram,  
Salvo não foste, não; a Pátria viu-te,  
Inda no seu desmaio, com teus filhos  
Inocentes, marchar ao injusto exílio.

Quem não sabe que a morte te aguardava,  
Dura, afrontosa morte,  
Nessa terra, onde algemas se forjavam  
Para o Brasil escravizar de novo?  
Quem perfídia tão negra não conhece,  
E os intentos da cega tirania?

Da sorte das Nações só Deus decide.  
Quando elas o invocam,  
E credoras se fazem do que aspiram,  
Deus um Anjo velar sobre elas manda;  
Esse Anjo tutelar não mais as deixa,  
Esse Anjo é quem contrários planos burla.

Por milagre desse Anjo salvo foste;  
Por milagre desse Anjo  
Cem, e cem vezes o Brasil foi salvo  
Das cruas garras de cruéis abutres;  
Só por milagre dele em breve espero  
Ver o Brasil subir à mor altura.

Oh! que doce é no meio dos perigos  
De horrenda tempestade,  
Já lânguido de fome, e de fadiga,  
Ver aberta numa onda a sepultura,  
E armada contra si dura companha  
Exclamar: — Tudo sofro pela Pátria!

Outro tanto dizer muitos não podem.  
Digno tu és de inveja!  
Ah! se invejosos tens, eu os desculpo.  
Sempre a inveja assim foi; sempre ela investe  
A quem mais por virtudes se distingue;  
Sempre vilões Aristides tiveram.

Mas quando a imparcial posteridade,  
Que só a láurea outorga  
A quem por ações nobres merecera,  
Teus títulos julgar, ela gostosa  
Tecerá teus encômios; e o meu hino  
À memória dos homens será grato.

Quem deu fulgor ao sol, deu alma ao homem,  
Também cobriu os campos  
Co' o brilhante matiz de lindas flores;  
Nem porque de mil sóis mantém a ordem,  
Desleixa as pequeninas criaturas  
Ao acaso, sem lei, sem um instinto.

Assim o homem digno de tal nome,  
Que memorandos feitos  
Em prol da Humanidade praticara,  
Não despreza as domésticas virtudes;  
Aqueles de imortal glória o revestem,  
Estas o resplendor da glória esmaltam.

Quantos o Mundo viu Coriolanos,  
Que o esclarecido nome  
Infamaram depois com ações negras?  
Tu porém sempre firme, sempre o mesmo,  
És à Pátria fiel, e a vida tua  
Sempre tem sido de virtude exemplo.

## XXVII

### UMA NOITE NO COLISEU

A

meu amigo Francisco de Sales Torres Homem

É sublime o espetáculo, que oferecem  
Da prisca Roma os pálidos destroços,  
Quando da noite a plácida lanterna  
Branquejando na abóbada cinzenta,  
Seu fúnebre clarão, como alvas flores,  
Entre eles vagamente enfia, estende.  
Tudo é confuso então, tudo é mistério,  
Tudo infunde pavor, melancolia!  
Dos sonhos na mansão julga-se a mente,  
De escarpados rochedos rodeado,  
De sombras, de fantasmas, que vagueiam,  
Que num arco se escondem, noutro surgem.

Os fanais que no campo amareljam,  
Circulados de auréolas moribundas,  
A lembrança despertam desses fogos,  
Que às vezes os cadáveres exalam  
De noite, das recém-abertas campas.

Que profundos, terríveis pensamentos  
A uma alma pensativa não inspiram  
Estas relíquias da grandeza antiga  
Da augusta mãe de heróis, que agora vemos  
Como num cemitério esparsos ossos  
Ao tempo branqueando. Aqui o homem  
Estrangeiro não é; ele conhece  
Estas ruínas, e com elas fala  
Uma mística língua, que alma entende.  
Mas ah! inda esta terra hoje é manchada  
Com sangue humano! Ind'hoje estas colunas  
Dos derrocados templos de ímpios deuses,  
De ímpios Romanos os punhais ocultam.  
Nem no reino da morte há segurança!  
Por toda parte o crime o homem segue!

Não passeiam aqui brancos fantasmas  
Entre os sombrios arcos nem as grutas  
Do palácio dos Césares somente  
Ao mocho gemedor asilo prestam.  
Não, não; são assassinos que profanam  
Deste precinto o lúgubre silêncio,  
Tão propício aos filósofos, e aos vates.

À sombra das ruínas solitárias  
Oh! que nefandos crimes vis sicários,  
Da Humanidade opróbrio, não perpetram,

Sem temor do seu Deus, e da justiça!  
Como que calejada a consciência,  
Cansada de gritar, os abandona.

Como de nós tão perto a morte vimos,  
Neste mesmo lugar, onde sentados  
Ouvimos soluçar ave agoureira,  
Que no templo de Vênus acoutada,  
Sufocados gemidos arrancava  
Do íntimo do peito; como um homem,  
Que nas vascas da morte, em vão lutando,  
Sem esperança já, socorro implora.

Oh severa ciência, tu condenas  
Estes, da nossa infância, preconceitos.  
Mas quem pode negar que ruins desditas  
Pressagiadas são milhões de vezes?  
Se a negra borboleta que esvoaça  
Em torno do casal, e nele pousa;  
Se o tétrico carpir de ave noturna;  
Se d'alma o repentino abatimento  
Certas palpitações inopinadas;  
Os sonhos, as visões, nada anunciam;  
Se é falsa crença de alma alucinada,  
Que à infância, e à velhice o medo incute,  
Ao menos na do homem própria essência,  
Misteriosa essência, apoio encontra;  
Que a Razão, do céu filha, não tão fácil  
Se eclipsa pela opaca sombra do erro.  
Não se opõe à Razão a crença nossa,  
Que nem sempre à Razão o céu concede  
A mina profundar inescrutável,  
Onde de efeitos mil se oculta a causa.  
Que mistério é maior que o gérmen do homem?  
Que mistério é maior que a vida sua?  
Que mistério é maior que a sua morte?  
Oh mistérios sublimes! — Donde, oh homem,  
A evidência te veio, que este mundo,  
Que fora de ti vês, real exista?  
Na terra para mim tudo é mistério,  
Eu, o que sei, e tudo quanto ignoro.

Dia aziago foi todo este dia,  
Desde o surgir do sol, té seu ocaso  
O coração pejado de tristeza  
Procura a solidão, ama o mistério.

Bela era a noite, mais que o dia bela!  
Alvinitente a lua rutilava,  
Como um rosto de virgem pudibunda,  
Que em seu jardim passeia solitária.  
Ao Capitólio fui, e foi comigo  
O Amigo fiel; juntos passamos  
De Tito o arco, e ao pé do Palatino

De um mocho ouvimos hórridos gemidos,  
Que os ares magoavam, ressoando  
Do Coliseu nos longos corredores.  
Um pouco repousamos sobre o muro  
Do cesáreo palácio esborado.  
O mocho carpidor gemeu três vezes;  
Os nossos corações se apavoraram,  
E ambos involuntários suspiramos.  
Tristes versos, que a mente ali ditou-nos,  
Com lutuosas vozes repetimos.  
Depois de meditar sobre os presságios,  
Marchamos para o Flávio anfiteatro.

Co'um archote na mão, de estância em estância,  
Cobertos de compridas, brancas vestes,  
Como fantasmas gravemente andando,  
Mais e mais o horror destes recessos  
Destarte nossos vultos aumentavam.  
Oh! quem pode narrar cenas tão fúnebres?  
Do archote a luz o teto avermelhava,  
Co'a fria luz da lua contrastando;  
Cinéreo fumo, deslizando em ondas,  
Fugitivos duendes simulando;  
E para mais pavor, do fundo peito,  
Deixávamos sair longos suspiros,  
Que em toda a galeria reboavam.

Cansados de gozar de mil maneiras  
Essas cenas sublimes, regressamos  
Para o nosso aposento, atrás deixando  
O arco triunfal de Constantino.  
Tudo estava em silêncio, imóvel tudo;  
Só ressoava o som dos nossos passos,  
E ante nós nossa sombra caminhava.

Eis que chegando ao sítio onde sentados  
Ave sinistra soluçar ouvimos,  
Três, de punhais armados, negros vultos,  
Como da terra erguidos, nos investem  
Qual nosso susto foi! Nos feros rostos,  
Nos cintilantes olhos desses monstros  
De suas almas vis o intento lemos.  
Nas lâminas luzentes co'os reflexos  
Do claro astro da noite, e que apontadas  
Sobre os peitos estavam, nossa morte  
Com cor sanguínea víamos pintada.  
Só pelo Amigo cada qual temia.  
E qual foi, oh minha alma, nesse ensejo  
O pensamento teu?... A Pátria! A Pátria!  
Não mais vê-la: — Morrer tão longe dela;  
Sem por ela ter feito um sacrifício!  
Distante de meus pais... Oh Providência!

Ouviste o coração que te invoca,  
E tu salvaste o Amigo, e me salvaste  
Das cruas garras dos sedentos tigres.  
Mais que o áureo metal é cara a vida;  
Para louvar a Deus vivos estamos.

Roma, 11 de abril de 1835

## PARA QUE VIM EU AO MUNDO

Do céu as estrelas  
Acaso no brilho  
São todas iguais?  
São umas mais belas,  
E outras parecem  
Funéreos fanais.  
Assim são os fados  
Dos tristes mortais.

Cada qual tem sua sorte;  
Um foi para a dor gerado,  
E outro pela ventura  
Ao nascer foi embalado.

Quanto mais penso, mais creio  
Neste mistério profundo;  
E a mim mesmo então pergunto:  
Para que vim eu ao mundo?

Como resposta esperando,  
Escuto silencioso;  
No coração, que palpita,  
Murmura um som lutuoso.

Soa essa voz em meu peito  
Como em caverna profunda,  
Como um suspiro exalado  
Pela vaga gemebunda.

Para a dor, me diz, nasceste;  
Para a dor, para o tormento;  
Teus males só terão termo  
Co'o teu último momento.

Sofrer, tal é meu fado! — Eu me resigno.  
E que hei de fazer? Curta é a vida...  
E quem me tolhe qu'eu de todo a encurte?  
Não serei livre de lançar por terra  
Um fardo que me acurva, um fardo inútil?  
É a vida para uns néctar suave,  
Tóxico é para mim;... devo tragá-lo?

Acaso Deus me disse  
A ti toca sofrer por mil que gozam.

Mas eu blasfemo, oh céus! Que voz me grita:  
“Mortal, olha o que fazes! Contra a vida  
Não ouses atentar. Quem vida deu-te  
Só quando lhe aprover tirar-ta pode.”

Oh meu Deus! compaixão; minha alma humilde  
Graça implora da sua insana idéia.

Rir, ou chorar, eis só o que o homem sabe;  
Se não canta, blasfema!

A sorte choremos,  
Que avessa nos é;  
Mas não blasfememos,  
Vivamos co'a Fé.

Qual a esponja de líquido embebida,  
De perpétua, letal melancolia  
Pejado tenho o peito;  
Minha alma amortecida,  
E como que em seu túmulo encerrada,  
Só pela dor à vida é revocada.

Oh minha alma, tu és como a lanterna  
Do cemitério,  
Que ante o altar, sobre um esquife solta  
Palor funéreo.

A sorte choremos,  
Que avessa nos é;  
Mas não blasfememos,  
Vivamos co'a Fé.

Oh prazer! Oh doçura da existência!  
Meta tão desejada  
De todos os mortais, para quem inda  
Brilha no céu a estrela da esperança.  
Oh benigno sol, que a vida aqueces,  
Para mim te eclipsaste!  
E se às vezes fosfórico lampejas,  
Quando eu, afeito à dor, não te desejo,  
É para exacerbar meu sofrimento.  
Ah! nem me afaga da esperança o riso,  
Nem me consola amor; tudo me foge.

A sorte choremos,  
Que avessa nos é;  
Mas não blasfememos,  
Vivamos co'a Fé.

Bolonha, maio de 1835

## O CÁRCERE DE TASSO

Em Ferrara

Que vim eu aqui ver? — Uma masmorra  
Úmida, estreita, onde respiro apenas!  
Se a frente elevo, o negro teto roço;  
Se estendo os braços, a largura abranjo;  
Dous passos bastam a medir seu fundo.

Que vim eu aqui ver? — Nomes escritos  
De um lado e de outro de centenas de homens,  
Que como eu curiosos peregrinos  
Vieram visitar este recinto.

Vós, meus olhos, nada vedes;  
Mas minha alma no passado  
Um vate vê encerrado  
Nesta lúgubre prisão.  
Aqui chorou longos dias,  
Longas noites, longos anos,  
Quem por olhos soberanos  
Enlouqueceu de paixão.

Tasso aqui como um escravo  
Amargurou a existência;  
De um senhor a inclemência  
A morte aqui lhe quis dar.  
Triste ele a ausência carpia  
De sua cara princesa.  
Seu amor, sua beleza  
Causaram só seu penar.

Livre, qual Deus o criara,  
Entre ramos adejando,  
Melodias exalando,  
Passa a vida o rouxinol.  
Saúda o sol quando nasce,  
Redobra o canto co' o dia,  
Enche os ares de harmonia,  
Geme ao deitar-se do sol.

Mas se preso na gaiola  
Mão tirana o encadeia,  
Inda assim ele gorjeia,  
Para dar alívio à dor.  
Assim, oh grande Torquato,  
Neste cárcere horroroso  
Gemer te viram saudoso  
A Liberdade, e o Amor.

Fado! Fado do vate!... A Itália toda  
As doçuras gostava de teus versos;

Gofredo ao céu da glória remontava  
Sobre as sonoras asas de teu gênio;  
E tu, oh Tasso, aqui nesta masmorra  
Como um vil criminoso definhavas!  
Fado do vate! rigoroso fado!  
Mas Tasso ousou amar de um duque a filha!  
Oh Ferrara! cem duques teus cingidos  
De áureas c'roas, de púrpura cobertos,  
Um só Tasso não valem.  
Um vate é mais que um rei. Reis faz o povo,  
E a seu grado os desfaz, como do mármore  
Tira o escultor um Nume, e quando apraz-lhe  
Em simples animal converte-o, ou quebra-o.  
Mas tu, sagrado fogo d'harmonia,  
Quem te acende nas almas dos poetas?  
O mágico poder com que convertes  
Aquiles num herói, Páris num fraco,  
Acaso dos mortais herdaste, oh vate?  
Ou foi prenda do céu a lira tua,  
A lira, que imortais sons desferindo,  
Vive no tempo, e impõe silêncio à inveja?

Muros desta prisão! muros, que outrora  
Um tesouro encerrastes,  
Vós, que insensíveis testemunhas fostes  
Dos suspiros de Tasso,  
Dizei, muros, se acaso vós pudestes  
Tolher do engenho as asas?  
Ou se o tirano a glória nodou-lhe?  
Vingou a Humanidade a afronta sua,  
Como um astro no céu Tasso rutila,  
E o nome do tirano negrejando,  
Aumenta-lhe o fulgor, que o ilumina.

Mas oh da Providência altos arcanos!  
Que mais sofra na vida, quem co'a morte  
Nova vida imortal viver começa!  
Assim homens ingratos,  
Enquanto vivo o mérito premiam!  
Ah! consola-te, oh Tasso,  
Que o único não foste, que da sorte  
Sorveu tragos amargos.  
Quase é do vate estrela o infortúnio!  
Como os mártires são, que só morrendo  
A apoteose recebem.  
Aquele a quem a Grécia ergueu altares,  
Homero, mendigou de porta em porta!  
Tu, oh Ravena, o fugitivo Dante  
Viste iracundo praguejar seu fado.  
Camões, rival de Tasso, o pão esmola  
Ante os olhos de Lísia. E tu, oh Silva,<sup>8</sup>  
Da minha Pátria filho,  
A fogueira subiste com pé firme,  
Que a inocência teus passos vigorava;

E entre as chamas, por mãos ímpias acesas,  
Teu último suspiro ao céu subiste.  
    Ante esse bruto povo,  
    Que outrora te aplaudira.  
Tu Cláudio octogenário,<sup>9</sup> na masmorra  
Para a afronta evitar te deste a morte.  
Lá de horrenda prisão correm ferrolhos,  
    A dura porta se abre,  
Lá sai Dirceu<sup>10</sup> saudoso, suspirando  
    Pela cara Marília,  
    Lá vai morrer proscrito  
Nas inóspitas plagas Africanas.  
Fado do vate! rigoroso fado!

Porém dos vates  
    Por que lamento  
    A triste sorte?  
    Pode o tormento,  
    Ou pode a morte,  
    Inda que seja  
    Dura, afrontosa,  
    Fazer que a história  
    Não perpetue  
    Sua memória?  
    Raivosa a inveja  
    Arme- se embora,  
    E os acometa.  
    Do vate a glória,  
    É qual planeta,  
    Que no céu mora,  
    No céu lampeja,  
Para honra dos humanos,  
E opróbrio dos tiranos.

Ferrara, 3 de maio de 1835

---

<sup>8</sup> Antônio José da Silva, natural do Rio de Janeiro, poeta cômico, foi queimado vivo num auto-de-fé, em Lisboa, em 1739, porque, dizia-se, era judeu.

<sup>9</sup> Cláudio Manuel da Costa, conhecido com o nome de Glauceste Saturnino, distinto poeta, de quem correm algumas poesias impressas, sendo acusado, já avançado em anos, e preso com outros ilustres poetas, deu-se a morte na prisão.

<sup>10</sup> Tomás Antônio Gonzaga, tão conhecido com o nome de Dirceu, imortal nas suas liras. Nós lhe consagramos esta nota, porque, de quantos têm lido suas liras e nem todos sabem que reais foram as suas desgraças; comprometido com Cláudio Manuel da Costa, e Alvarenga, foi condenado ao desterro para Moçambique, onde expirou. Como Petrarca, immortalizou-se com suas poesias eróticas, e o nome de sua Marília será tão célebre como o de Laura, quando os brasileiros prezarem mais os seus literatos.

## NO ÁLBUM DE UMA VENEZIANA

Bem quisera, oh bela virgem,  
Hoje extrair de meu peito  
Algum suave perfume,  
Em sinal do meu respeito.

Quisera na minha lira  
Cadenciar algum hino,  
Com que louvasse os encantos  
Desse teu rosto divino.

Mas temo, temo que o peito,  
De gemer já fatigado,  
Em vez de cantar, exale  
Um suspiro magoado.

Ah! temo, temo, acredita,  
Que a minha fúnebre lira,  
Em vez de entoar um hino,  
Só triste nênia desfira.

Ah! tu cuidas, bela virgem,  
Que é feliz todo o vivente?  
Inda estás no albor da vida,  
Tens uma alma inda inocente.

Não; tu me vês peregrino,  
Errando de terra em terra:  
Mas, oh virgem, tu não sabes  
Que dor o meu peito encerra.

Veneza, maio, 1835

## A MEU AMIGO D. J. G. DE MAGALHÃES

Como é bela a Natura!  
 Pode o parto de um gênio em febre intensa  
 Rivalizar tais cenas?  
 Ver das águas a queda ruidosa  
 Deslizar entre seixos, formando  
 De cristal mil festões, que se esmaltam  
 Da palheta do íris, pintando  
 Retab'los, onde o toque da mão mestra  
 Em matiz variado delinea  
 Sucessivas belezas, como a idéia,  
 Que outra idéia desperta, vinculando  
 Das sensações o quadro reanimado;  
 Onde terna saudade em ledo arroubo,  
 Volteia esperançosa  
 Sobre as asas divinas da memória,  
 Que em seu grêmio renova eras passadas;  
 Misteriosa fênix de nossa alma!  
 Propércio e Cíntia,  
 Catulo, Horácio,  
 Mecenas, tudo  
 Do antigo Lácio  
 Patente sobre as ruínas vejo errarem,  
 Como nuvens de fósforo cerúleo,  
 Ou vapores num lago, matutinos,  
 Ou nas selvas noturnos pirilampos.

E tu, oh linda Zenóbia,  
 Que com teu pranto nutriste  
 Estas águas sempiternas,  
 E solitária carpiste  
 Tua coroa, teu cetro,  
 Armadas, marmóreos paços,  
 Vastos templos de Palmira,  
 Que Roma fez em pedaços.  
 Já foste Paládio, e ídolo  
 Do teu povo soberano;  
 Mas quebrou-te o templo, as aras,  
 O iconoclasta Romano.  
 Vem, princesa desgraçada,  
 Vem solitária comigo,  
 Vem chorar a antiga glória,  
 Que eu também choro um amigo.

Se ora invoco teus manes neste ensejo,  
 Não turbo as régias cinzas, que humilhadas  
 No exílio findaram sem momento.  
 Como tu, solitário a vida gemo,

E a passada ventura, que gozara,  
Entre amicais amplexos, venturoso.

Mas que voz na soidão remonta aos ares?  
Celeste Querubim baixa do céu,  
E na flauta divina exalta o hino,  
Que a terra a Jeová diurna envia.  
Mas não; alto prodígio se levanta;  
    Providente Natura  
Companheiro me envia; alado vate,  
    Homero da floresta,  
Em melódico metro, o estro exalça,  
Meus suspiros conforta, adoça as mágoas.

Salve, oh vate Rouxinol,  
Salve, à luz misteriosa  
Deste archote, que de noite  
Faz a terra duvidosa.  
Salve, oh Lua alvinitente,  
Mãe de amor, do vate amante,  
Do silêncio grata esposa,  
Salve, salve neste instante!

Mas quem turba teu manto de silêncio,  
E a voz levanta em prolongado ronco?  
São as do Anio  
Tartáreas águas,  
Que sempre vivem  
Quais minhas mágoas.  
Da história imagem,  
Das estações  
Vivo retrato  
Seus borbotões;  
Qual vida, e morte,  
De vaga em vaga,  
Se esconde, e surge,  
Se acende, e apaga.  
Assim batem as águas rugidoras,  
Que os átomos confundem, dilatando  
A contínua torrente, que retrata  
Do infinito a imagem!

Onde está o infinito, oh Deus Eterno?  
Esse marco onde esbarra a mente humana,  
Que sem tino volteia titubante,  
E no abismo do peito se aprofunda,  
Face a face encontrando a consciência?  
Oh consciência, ao teu clarão se rasga  
O véu das ilusões! Ele nos mostra  
Das paixões o troféu dentro do túmulo,  
E ao pé quadro da vida, que demonstra  
O nada da vaidade, e o desengano  
    Majestoso sentado

Na cadeira da escola da verdade,  
Donde colhe a virtude os seus ditames!

Pálida Lua, teus suaves raios,  
Que plácidos se esbatem nas campinas,  
E as fugitivas ondas argenteiam,  
Da consciência nossa a imagem pintam,  
Que fala ao coração com tal potência,  
Sem nos lábios volver um som de frase.

Misterioso acento, alta harmonia  
Desenvolve a Natura em seus concertos.  
Enquanto a voz uníssona do Anio,  
Que em equóreos cilindros vai rolando,  
    E entre seixos ribomba,  
De medonho fragor o ar pejando;  
Canoro rouxinol prelúdio exalta,  
E sublime se acorda ao som horrível,  
Que as águas tangem em contínuos vórtices  
Entre o limo, e as areias das cavernas,  
Variando as estrofes; lá prolonga  
Suavíssimo gorjeio, que se perde  
Em ventrílocos ecos; quais soluços  
De enamorada virgem, que receia  
Do coração trair ternos afetos.

Volve a paz, o silêncio, ronca a onda  
    Em perpétuo murmúrio;  
Da fadiga repousa alado vate,  
E inspirada canção alto redobra.

Mais sublime retoma o retornelo,  
Em agudos sibilos elevando-se;  
Quebra a voz; vem morrendo suspiroso;  
Doce, e doce remonta, enche o espaço;  
Majestoso se espraia, floreando;  
Qual rojão que remonta além das nuvens,  
E no ar arrebeta um firmamento  
De efêmeras estrelas luminosas.

Volve a paz, o silêncio, ronca a onda  
    Em perpétuo murmúrio;  
Da fadiga repousa alado vate,  
E inspirada canção alto redobra.

Melancólico entoa em nova escala  
Amorosa canção, que invejam dúlias:  
Té que alfim tiritando se arrebeta,  
Entrecorta o trinado, e pouco a pouco  
Em fluente florido se evapora.

Volve a paz, o silêncio, ronca a onda

Em perpétuo murmúrio;  
Da fadiga repousa alado vate,  
E inspirada canção alto redobra.

Mesclado efeito de sublimes notas,  
Ora forte, ora lento vai soltando;  
Finge o pranto, sorri-se, e desenvolve  
Insólita harmonia, que assimilha  
Batalhões com clarins, rufos, e tímbalos;  
Emaranha um confuso regorjeio,  
Que se perde num som prolongadíssimo.

Triunfante cala a cítara,  
Desaparece qual relampo.;  
Ronca a onda sempre a mesma,  
E o silêncio toma o campo.

Oh Rossini das aves, tu que buscas  
A soidão, o silêncio,  
Pra teu canto esmaltar sem o marulho  
Da vigília do dia; e como um gênio,  
Que no leito desdobra mil prodígios  
Ao cansado mortal em grato sonho,  
Nesta hora me recordas  
Ao coração lanhado imagens ternas,  
Tão tristes, que ante mim se desenrolam  
Qual penacho de fumo  
De apagado brandão junto ao esquite,  
Que um cadáver de virge' avaro oculta.

Oh Rossini das aves, que linguagem  
Teu discurso soltou? Não é da terra.  
Ah! cantas porventura  
Os fastosos anais, a decadência,  
Os triunfos, e a queda dos Romanos?  
A saudade, as delícias da amizade,  
Ou a história amorosa de uma vítima?

Marmóreos átrios, áureos peristilos,  
Conquistas dessa indústria, que assoberba  
A terra, o mar, os montes, e os abismos,  
Tudo o tempo desfez co' a mão dos séculos.  
Sibilinas paráfrases  
De místicos oráculos,  
Que o futuro previam, não previram  
Essa mãe de desastres  
Cimitarra de Totila,  
Que a Palestra, o Ninfeu, a Academia,  
E mais d' arte primores derrocara  
Nesse mundo do belo, que Adriano  
Colocara engenhoso sobre a encosta  
Das ridentes colinas, que te adornam,  
Oh decantada Tibur!  
Qual túmulo sagrado, o viajante

Vem teu solo beijar, e espavorido  
Desses restos augustos que te cobrem,  
Vai na pátria narrar tais maravilhas,  
Maldizendo a ignorância, e Caracala.

Esta, outrora soberba, áurea cidade  
Minha imagem retrata em quadro icônico!  
Onde está teu Liceu, onde o teu Foro?  
Os teus templos, e muros formidáveis?  
Que sepulcro encerrou os Paladinos?

Eleva, eleva moles gigantescas,  
Pelo gênio das artes inventadas,  
Oh vaidoso mortal! marca os teus fastos  
Com marmóreos padrões; que o dia chega  
Em que, a um leve aceno do destino,  
Com teus paços irás dormir na terra.  
Novos combros de areia gera um vento,  
Que outro vento derruba, nivelando-os.

Muros reticulares  
De calcinada argila,  
Que arrendadas abóbadas sustentam,  
De grinaldas de amoras adornados,  
Em vão querem mostrar primeva pompa.  
Onde outrora tangeu Horácio a lira,  
E Tibulo chorou ternos amores,  
Mortais serpes se enroscam,  
Aguardando findar pastor incauto,  
Que a fadiga do sol chama ao repouso.

Sobre o alto das colinas,  
Que em torno ao Anio vecejam,  
Vis choupanas, restos sacros,  
Inda glória mal lampejam.

Teus acantos de Corinto,  
E o teu luxo oriental,  
Jazem na terra, e aos insetos  
Servem hoje de pousal.

Mas, oh Deus, se a vista volvo  
Ao Catilo, e suas águas,  
Lá no templo da Sibila  
Vão findar as minhas mágoas.

Supina Tibur, espraia  
No horizonte larga vista,  
Vê como geme na terra  
A Rainha da conquista.

Como tu, mudei de aspecto;  
Já me viste rico, ufano,  
Quando junto ao meu amigo  
Te saudei lá do Lucano.

Onde vás, Peregrino estudioso?  
Em que albergue feliz pedes pousada?  
Acaso sobre um túmulo deserto  
    Entre rotos soffitos,  
Na cítara brasília merencório  
Teus suspiros a Deus grato sublimas?  
E baixando ao amigo, também sentes  
    No ádito do peito,  
Como ele, trespassar-te agra saudade,  
Que fere o coração, e ilude a mente?  
    Se a mansão de Petrarca,  
Nas Colinas Euganeas, visitares,  
No marmóreo portal grava estas linhas:  
    “Se junto, ou longe  
    “Da Laura diva  
    “A lira altiva  
    “Tangeste sempre:  
    “Qual tu, o amigo  
    “Saudoso agora,  
    “De mim se lembra,  
    “E por mim chora.”

Tivoli, maio de 1835

EM RESPOSTA A MEU AMIGO  
M. DE ARAÚJO PORTO ALEGRE

Não era noite, nem o sol brilhava;  
Mas do céu as estrelas rutilantes  
Com branda luz os ares perfumavam;  
E nas águas azuis, dormentes águas,  
Que Veneza circulam com cem braços,  
Os celestes fanais, e a casta lua  
Suas belas imagens balançavam.  
Outro céu esse lago parecia.  
Eram dous céus! Veneza em meio estava,  
Como um astro que parca luz emana.  
O leão de São Marcos inda eu via;  
A torre esbelta, o gótico palácio,  
E a ponte dos suspiros.

Mas tudo, tudo  
Deixar devia,  
Antes que o dia  
Amanhecesse,  
E desfizesse  
Quadro tão belo.  
A mão do escravo  
Obediente  
Maquinalmente  
Já martelava  
O fatal bronze;  
Pancadas onze  
O ar vibrava.  
Triste e choroso  
Teus versos lia,  
E de saudade  
Me enternecia.  
Teus versos lendo,  
Fantasiava  
Que te escutava;  
E que assentado  
Inda a meu lado  
Te estava vendo.

Já para responder-te preparado  
A amizade invocara,  
E cravados no céu os olhos tinha.  
Mas a hora fatal gelou-me o arroubo!  
Alerta o gondoleiro me esperava;  
Partir... deixar Veneza era forçoso.

Co'os teus versos nas mãos, tu em minha alma,  
Na gôndola pus pé; saudei Veneza;  
E co'os olhos em lágrimas nadando:  
Adeus, Veneza, eu disse,  
Adeus, adeus, marítima cidade;

Decaída Rainha do Adriático.

Eu suspirava ainda;  
A gôndola do cais se ia afastando,  
E do grande canal sulcando as águas,  
Quando vozes ouvi: era o barqueiro,  
Que ao compasso do remo recitava,  
Com monótona voz, porém saudosa,  
Do vate de Sorrento os doces carmes.

Tudo então repousava;  
Veneza ao longe iluminada eu via,  
Como um céu estrelado.  
O esquife brandamente deslizava,  
As sonolentas águas despertando,  
Qual negro mergulhão de argênteo rosto,  
Ou qual cisne de luto revestido.  
Por que tão curta foi noite tão bela?  
Ah! quem nunca deixou pátrias devesas,  
Quem de um amigo não chorou a ausência,  
Nem de uma amante a perda,  
Gozar não pode em solitária noite  
Esta doce impressão, que alma sufoca.

Tomei terra em Fusina;  
Arqua deixei, onde habitou Petrarca;  
Ábano, que por ser de Lívio pátria,  
Ainda hoje se ufana;  
E na crastina aurora saudei Pádua,  
Ao som da melodia encantadora,  
Que ao sol nascente o rouxinol tributa.  
Pela segunda vez vi seus palácios,  
Seu templo semi-árabe, que outrora  
De Antônio repetiu sacros acentos.

Visitei de Vicenza os monumentos.  
Em Montebelo recordei prodígios  
Do armipotente Lannes.  
Eis-me em Verona alfim, oh caro amigo!  
Já vi seus mausoléos, e o anfiteatro,  
Que Roma, e o Coliseu me está lembrando;  
O Coliseu, que juntos vezes tantas  
Ao triste albor da lua visitamos!

Tudo a memória,  
Doce tormento,  
Neste momento,  
Me está narrando,  
Sem omissão;  
E a cada folha  
Da nossa história,  
Que vai passando,  
Pungente espinho  
Me vai varando  
O coração.

## Sempre a teu lado

Vivi contente;  
A ti ligado,  
Uma vontade  
Só nos unia;  
Vera amizade  
Nos apertava.  
Se triste estava,  
Tu me alegravas;  
Em ti vivia,  
Contigo ria.  
Se me dizias:  
Sou teu amigo,  
Eu como um eco  
Te repetia.  
Era um exemplo  
Nossa união.  
Mas quis a sorte,  
Sempre inimiga,  
Atormentar-nos,  
E separar-nos  
Por algum tempo;  
Desde esse instante  
A dor pintou-se  
No meu semblante;  
Mas só a morte  
Dará um corte  
Ao laço santo,  
Que nos prendeu;  
Se poder tanto  
O justo céu  
Lhe concedeu.

Vai, meu suspiro,  
Vai ver o amigo,  
Que te deseja  
No seu retiro.  
À Roma adeja,  
Deixa-a, e te inclina  
À Palestrina;  
Chega ao abrigo  
Onde ele pousa;  
Aí repousa,  
Suspiro meu.

Verona, 12 de maio de 1835

### XXXIII

#### POR QUE ESTOU TRISTE?

Ah! não queiras saber por que suspiro;  
Por que geme minha alma, como a rola,  
Que outro canto não tem senão queixumes,  
Com que magoa os ares.

Ah! não me inquiras... Se chegar tu podes,  
Ao través de meus olhos, à minha alma,  
Verás que o rosto meu assaz explica  
O que nela se passa.

Dirás, talvez, que injusto me lastimo;  
Qu'inda possuo um pai, qu'inda mãe tenho,  
Qu'inda um amigo aperta-me em seus braços,  
E proscrito não erro.

Mas que importa tesouros tais possua,  
Se gozá-los não posso? Se na ausência,  
Da saudade o farpão continuamente  
O peito me trespassa?

De gota em gota o matutino rócio  
Enche, e pende do lírio o débil cálix,  
Que oprimido co' o peso se lacera,  
Desbota, e alfim falece.

Uma gota após outra um lago forma,  
Novas gotas de chuva o lago aumentam,  
Transborda enfim, e dá a um rio origem,  
Que nas planícies rola.

Eis de meu coração a fida imagem.  
Repetidos pesares pouco a pouco,  
Males amontoados desde a infância  
A existência me azedam.

Procuro em balde no festim da vida  
Um lugar para mim. Se uno meu canto  
Ao hino de alegria, a voz me falta,  
E o coração suspira.

Oh Ancião de Téos, feliz foste;  
Por amores contavas os teus dias!  
Dias ditosos! Eu os meus numero

Só pelos meus pesares.

Mal vibravas da lira os fios de ouro,  
Para de heróis cantar preclaros feitos,  
Em vez de ressoar de Atride o nome,  
Amor, dizia a lira.

E eu, oh destino! se de Amor intento  
Terno o nome entoar, rebelde a lira  
Só suspiros exala, e as cordas gemem  
Ao toque de meu dedo.

Suspirar, suspirar... Tal é meu fado!  
Por que o céu fez-me assim? Ao céu pergunta,  
Por que deu ele ao sol ígneos fulgores,  
E palidez à lua?

Enquanto o sabiá doce gorjeia,  
Gemem na praia as merencórias ondas;  
E ave sinistra, negra esvoaçando,  
Agoureira soluça.

Ao lado do cipreste verde-negro,  
Desabrocha a corola purpurina  
A perfumada rosa; e junto dela  
Pende a roxa saudade.

Eleva-se a palmeira suntuosa,  
E desdobra nos ares verdes leques,  
E perto da raiz, à sombra sua,  
Definha humilde arbusto.

Eis da Natura o quadro! Isto harmonia,  
Isto beleza, e perfeição se chama!  
Eu completo a harmonia da Natura  
Co'os meus tristes suspiros.

Vê agora se à lei posso eximir-me  
Que a suspirar me obriga?... Oh alma minha,  
Arpeja a que possuis, única fibra,  
Exala teus suspiros.

Turim, 15 de maio de 1835

## A FLOR SUSPIRO

Eu amo as flores  
Que mudamente  
Paixões explicam  
Que o peito sente.  
Amo a saudade,  
O amor-perfeito;  
Mas o suspiro  
Trago no peito.

A forma esbelta  
Termina em ponta,  
Como uma lança  
Que ao céu remonta.  
Assim, minha alma,  
Suspiros geras,  
Que ferir podem  
As mesmas feras.

É sempre triste,  
Ensangüentado,  
Quer seco morra,  
Quer brilhe em prado.  
Tais meus suspiros...  
Mas não prossigas,  
Ninguém se move,  
Por mais que digas.

A EXPERIÊNCIA

Experiência! Médico tardio,  
Tua voz útil fora, se mais cedo  
Em nossa alma soasse!

De tropeço em tropeço vai-se a vida,  
Como o rio entre seixos se despenha;  
Nada o curso lhe tolhe.

Das paixões o marulho estrepitoso,  
Como o som da cascata caudalosa,  
Cobre, abafa teu eco.

Em jogo pueril, vendando os olhos,  
O infante, na planice, embalde ensaia  
Da estrada andar em meio.

Ângulos forma; alfim se esbarra a um tronco;  
Assim andamos nós olhivendados  
Pela estrada da vida!

Cai-nos a venda do barranco às bordas,  
Quando nas suas lúbricas crateras  
Já nossos pés deslizam.

Vem a velhice, que melhor te escuta,  
Refletimos então; porém que importa!  
O tempo é já passado!

Do que serve ao cadáver o remédio?  
Um mestre ao moribundo? um guia àquele,  
Que marcha ao cemitério?

## OS SUSPIROS DA PÁTRIA

Donde vêm estes suspiros?  
Donde vêm tão magoados?  
Que a mim chegam tão quebrados!  
Que peito os pôde conter?

Que distância eles venceram?  
Que longos mares passaram?  
Que ventos atravessaram,  
Para aqui virem morrer?

Estes tão tristes suspiros  
Aqui não foram nascidos;  
Não; suspiros tão doídos  
Quem podia aqui gerar?

Só uma mãe malfadada,  
Que vê seus filhos lutando,  
Nos céus os olhos fitando,  
Assim pode suspirar.

Numa praia solitária  
Bate a vaga moribunda  
Menos triste e gemebunda,  
Pejando o ar de seus ais.

Vós, gemidos dos desertos,  
Entre as folhas vagueando,  
Nas cavernas ululando,  
Tanto horror vós não causais.

Suspiros, donde vindes? — Mal vos ouço,  
Em meu peito murmura o eco vosso  
Surdo, funéreo, como a voz que soa  
Longe no ermo, da enchente que se arroja  
De alpestre rocha, em borbotões fervendo,  
E se esconde da terra nas entranhas;  
E minha alma estremece apavorada,  
Como de uma harpa a corda magoada.

Suspiros, donde vindes? — Sois da Pátria?  
Ah! sois da Pátria... Sim, eu vos conheço

Por esse acento de aflição, de angústia,  
Por esta dor, que me causais, tão agra.

Tu suspiras, oh Pátria!  
Co'os teus os meus suspiros se misturam.  
E que al fazer eu posso?  
Se é surda a Providência às preces tuas,  
Que pode a frágil mão de um filho inútil?

Os teus suspiros  
A mim chegaram,  
E me abalaram  
O coração.  
Socorro dar-te  
Embalde intento,  
E só aumento  
Minha aflição.

Qual naufragante  
Que uma onda impele,  
Outra o expele  
Ao alto-mar;  
E de onda em onda  
Sendo rolado  
Já lacerado,  
Vai encalhar.

Mas na praia não achando  
Um asilo protetor,  
O alento último exala,  
E a alma envia ao Criador.

Assim morreis, suspiros, em minha alma,  
Depois de haver o Oceano magoado.

Mas, oh Pátria, quem causa mágoas tuas?  
Ah! não fales, não digas... sofre... espera.  
Eu conheço teu mal. Ah! não são estes,  
Qu'inda os pulsos têm lívidos dos ferros,  
Recém-livres, costumes têm de escravos,  
Estes não são, que ao teu porvir brilhante  
As portas abrirão; são os seus filhos.  
Espera, espera, que o porvir é grande;  
E a vontade do Eterno, que os teus montes,  
O teu céu, os teus rios nos revelam,  
Será cumprida um dia: espera, espera.  
Ainda ontem te ergueste de teu berço;

Mal um passo ensaiaste,  
E não é crível que amanhã já morras.

Como em torno do sol os astros giram  
Em círculo perpétuo,  
Em torno do seu Deus as Nações marcham,  
E de tal Astro à luz jamais se eclipsam;  
Crê em Deus; que ele só salvar-te pode.

E vós, que a fronte ergueis de nós à cima,  
Vós, que empunhais da governança o leme,  
Vós, que velar deveis, até quando  
Fareis da Pátria o patrimônio vosso,  
E tolhereis seus passos?  
Corai, corai de pejo, envergonhai-vos  
De encher o excelso assento de poeira,  
De poeira que sois, que um leve sopro  
Dispersa, e acaba, e nem vestígios deixa  
Para o crástino dia.  
Nulidades, que humanas formas cobrem,  
Empolas, que se geram num minuto,  
E que noutro minuto se desfazem,  
Como bolhas de espuma, que brincando,  
De ténue tubo o infante cair deixa,  
E no meio da queda desaparecem;  
Que fizestes, que em vossa glória fale?  
Nada!... Passastes como secas folhas,  
Que os ventos remoinham.

Basta, enfim basta de ilusão, de engano.  
Mira a Pátria a grandeza;  
Vós a empeceis; deixai o campo livre  
À Juventude, do progresso amiga.

Eu vos saúdo, Geração futura!  
Só em vós eu confio.  
Crescei, mimosa planta,  
Sobre a terra da Pátria só regada  
Com lágrimas e sangue.  
Crescei, crescei da liberdade, oh filhos,  
Para a Pátria salvar, que vos aguarda.

XXXVII

O HOMEM PROBO

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA

Tudo está profanado!  
As vestes da virtude o vício adornam;  
Da lisonja nas aras arde o incenso  
Que só devera embalsamar o templo!  
Murchas flores, que a fronte ao vício ornaram,  
Atiram-se em despeito ao altar do Eterno.

Tudo está profanado!  
Levanta a estupidez a hirsuta coma  
Coberta de poeira,  
E a sacode no rosto da Ciência,  
Ou no alcáçar da lei se assenta ufana;  
A Moral a seus pés serve de sólio,  
De cúpula o capricho.

Tudo está profanado!  
A cívica coroa  
Dá-se à ambição, que sobe intumescida  
Como a onda do mar, e tudo alaga.  
Exauriram-se os nomes das virtudes,  
E um só não há que ao crime se não desse.  
Os lugares são prêmios da baixeza,  
Da feia adulação, da vil intriga!  
O hino cantam da vitória; e a Pátria  
Geme aflita co' o peso da ignorância  
Dos homens, cuja estrela é o egoísmo;  
E até a lira, para mor opróbrio,  
Vendidos sons só verte!

Tudo está profanado!  
Como posso louvar-te, ilustre Veiga,  
Santuário da honra foragida?  
Que nome te darei? que flor? que incenso?  
Como o bronze que soa em torre excelsa,  
Chamando a Deus os homens,  
Tu bradaste, pregaste o amor da Pátria;  
A teus brados os homens surdos foram,  
E tu enrouqueceste.

Apóstolo da ordem,  
Caíste, enfim caíste! — Mas com glória!

Caíste, mas sem nódoa! Sim, caíste!  
Mas Sócrates também sofreu a morte!

Qual se vê nas cidades arrasadas,  
O templo solitário, esparsos bustos,  
Rotas colunas, capitéis dispersos,  
Combros de terra, montes de ruínas;  
E no meio, inda envolta de poeira,  
Uma estátua, que o tempo respeitara,  
E que os olhos atraí do peregrino;  
Assim te eu vejo em pé! e assim um dia  
A geração futura, pesquisando  
No meio das relíquias desta idade  
Alguma cousa inteira, pura e bela,  
Sacudirá o pó, que hoje te lançam,  
E dirá: Eis aqui um Homem probó.

Mas que digo? — Ainda vives!  
Envenena-se a flor, se a serpe a morde,  
E a virtude definha, conculcada!

Mas tu amas a Pátria, como eu amo;  
Amas com amor puro,  
Sem mescla de interesse, como se ama  
Uma mãe terna, que não tem tesouros,  
Mas só lágrimas tem para legar-nos.  
Ah! praza ao céu que a estrada em que brilhaste,  
Seja aquela em que morras.

- E assim foi <sup>1</sup>.

XXXVIII

A BÍBLIA

EM UM DIA DE TRISTEZA

É qual estreito vaso o peito humano,  
Que trasborda, ou se quebra, se fermenta  
O veneno que encerra.

De gota em gota o fel da desventura  
N'alma a tristeza vai-nos embebendo,  
Té que o corpo converte-se em masmorra,  
De que a alma fugir busca.

Oh! quem vê uma flor que em prado brilha,  
Parecendo exalar vida, e doçura,  
E rir-se em cada pétala viçosa,  
Acaso dizer pode  
Se ela foi pela serpe inficionada?  
Se em vez de vida, a morte só lhe lavra  
O delicado estame?

Quem pode ver o formigueiro oculto,  
Que o humano coração rói, e lacera?  
Se eu soffro, ou não, só eu, só Deus o sabe.  
Mas feliz quem nos seios de sua alma  
Acha uma grande idéia que o consola,  
Como uma taça de suave néctar,  
Que lhe acalma as entranhas sequiosas.

Quem se resigna à dor não sofre tanto.  
Que veneno aí há que um bem não faça?  
Ou que remédio que não cause um dano,  
Segundo o caso, e leve circunstância,  
Que à vista perspicaz escapa às vezes?  
Não, não és tu, Filosofia humana,  
Quem me roborá o peito!  
Sábias lições de sofrimento ditas;  
Mas o valor acaso dar tu podes?  
Quantas vezes o mal frustra a ciência!  
Pura fonte conheço, inexaurível,  
Onde sempre o infeliz adoça as dores.

Livro sagrado,  
Vem consolar-me,  
Vem saciar-me

Na minha dor.  
Meu peito ansiado  
De ti carece,  
Sem ti falece  
O meu vigor.

A ti recorro  
Triste e sedento,  
Que este tormento  
Me faz gemer.

Dá-me socorro  
No mal extremo,  
Vem, senão temo  
À dor ceder.

Cada palavra,  
Que me vás dando,  
É qual um brando,  
Suave mel.  
Já em mim lavra  
A paz do empíreo;  
Do meu martírio  
Se adoça o fel.

Julho de 1836

AO CORONEL

ANTÔNIO DE SOUSA  
LIMA DE ITAPARICA

Oferece o autor o Cântico de Waterloo

Quem melhor que um herói sopesar pode  
As cinzas de outro herói? Quem melhor que ele  
Pode dar o valor aos grandes feitos?  
Tu vás a Waterloo; tu vás sentar-te  
Aos pés desse leão, que as mãos dos homens  
Sobre vasta pirâmide elevaram,  
Para narrar às gerações futuras  
Raros prodígios da potência humana.

Intrépido soldado peregrino,  
Que depois de salvar Itaparica,  
Guardaste na bainha a espada ufana,  
E as ciências cultivas incansável;  
A teus olhos, de ver insaciáveis,  
Já vai a terra parecendo estreita!  
Se te é grato escutar os sons da lira;  
Se tu, que viste de Virgílio o túmulo,  
De Horácio a casa, e a casa de Mecenas,  
Podes com gosto murmurar meus versos,  
Este cântico aceita, que te ofereço  
Em sinal de respeito, e de amizade.

XXXIX

NAPOLEÃO EM WATERLOO

Tout n'a manqué que quand tout avait  
réussi.

*Napoleão em S. Helena (Memorial)*

Eis aqui o lugar, onde eclipsou-se  
O Meteoro fatal às régias fronte!  
E nessa hora em que a glória se obumbrava,  
Além o sol em trevas se envolvia!  
Rubro estava o horizonte, e a terra rubra!  
Dous astros ao ocaso caminhavam;  
Tocado ao seu zênite haviam ambos;  
Ambos iguais no brilho, ambos na queda  
Tão grandes como em horas de triunfo!

Waterloo!... Waterloo!... Lição sublime  
Este nome revela à Humanidade!  
Um Oceano de pó, de fogo, e fumo  
Aqui varreu o exército invencível,  
Como a explosão outrora do Vesúvio  
Até seus tetos inundou Pompéia.

O pastor que apascenta seu rebanho;  
O corvo que sanguíneo pasto busca,  
Sobre o leão de granito esvoaçando;  
O eco da floresta, e o peregrino  
Que indagador visita estes lugares:  
Waterloo!... Waterloo!... dizendo, passam.

Aqui morreram de Marengo os bravos!  
Entretanto esse Herói de mil batalhas,  
Que o destino dos Reis nas mãos continha;  
Esse Herói, que co'a ponta de seu gládio  
No mapa das Nações traçava as raias,  
Entre seus Marechais ordens ditava!  
O hálito inflamado de seu peito  
Sufocava as falanges inimigas,  
E a coragem nas suas acendia.

Sim, aqui stava o Gênio das vitórias,  
Medindo o campo com seus olhos de águia!

O infernal retintim do embate de armas,  
Os trovões dos canhões que ribombavam,  
O sibilo das balas que gemiam,  
O horror, a confusão, gritos, suspiros,  
Eram como uma orquestra a seus ouvidos!  
Nada o turbava! — Abóbadas de balas,  
Pelo inimigo aos centos disparadas,  
A seus pés se curvavam respeitosas,  
Quais submissos leões; e nem ousando  
Tocá-lo, ao seu ginete os pés lambiam.

Oh! por que não venceu? — Fácil lhe fora!  
Foi destino, ou traição? — A águia sublime  
Que devassava o céu com vôo altivo  
Desde as margens do Sena até ao Nilo,  
Assombrando as Nações co'as largas asas,  
Por que se nivelou aqui co'os homens?

Oh! por que não venceu? — O Anjo da glória  
O hino da vitória ouviu três vezes;  
E três vezes bradou: — É cedo ainda!  
A espada lhe gemia na bainha,  
E inquieto relinchava o audaz ginete,  
Que soía escutar o horror da guerra,  
E o fumo respirar de mil bombardas.  
Na pugna os esquadrões se encarniçavam;  
Roncavam pelos ares os pelouros;  
Mil vermelhos fuzis se emaranhavam;  
Encruzadas espadas, e as baionetas,  
E as lanças faiscavam retinindo.  
Ele só impassível como a rocha,  
Ou de ferro fundido estátua eqüestre,  
Que invisível poder mágico anima,  
Via seus batalhões cair feridos,  
Como muros de bronze, por cem raios;  
E no céu seu destino decifrava.

Pela última vez co' a espada em punho  
Rutilante na pugna se arremessa;  
Seu braço é tempestade, a espada é raio.  
Mas invencível mão lhe toca o peito!  
E' a mão do Senhor! barreira ingente  
Basta, guerreiro! Tua glória é minha;  
Tua força em mim stá. Tens completado  
Tua augusta missão. — És homem; — pára.

Eram poucos, é certo; mas que importa?

Que importa que Grouchy, surdo às trombetas,  
Surdo aos trovões da guerra que bradavam:  
Grouchy, Grouchy, a nós, eia, ligeiro;  
O teu Imperador aqui te aguarda.  
Ah! não deixes teus bravos companheiros  
Contra a enchente lutar, que mal vencida  
Uma após outra em turbilhões se eleva,  
Como vagas do Oceano encapelado,  
Que furibundas se alçam, lutam, batem  
Contra o penedo, e como em pó recuam,  
E de novo no pleito se arremessam.

Eram poucos, é certo; e contra os poucos  
Armadas as Nações aqui pugnavam!  
Mas esses poucos vencedores foram  
Em Iena, em Montmirail, em Austerlitz.  
Ante eles o Tabor, e os Alpes curvos  
Viram passar as águias vencedoras!  
E o Reno, e o Manzanar, e o Adige, e o Eufrates  
Embalde à sua marcha se opuseram.

Eram os poucos, que jamais vencidos  
Os dias seus contavam por batalhas,  
E de cãs se cobriram nos combates;  
O sol do Egito ardente assoberbaram,  
A peste em Jafa, a sede nos desertos,  
A fome, e os gelos dos Moscóvios campos.  
Poucos que se não rendem; — mas que morrem!

Oh! que para vencer bastantes eram!  
A terra em vão contra eles pleiteara,  
Se Deus, que os via, não dissesse: Basta.

Dia fatal, de opróbrio aos vencedores!  
Vergonha eterna à geração que insulta  
O Leão que magnânimo se entrega.

Ei-lo sentado em cima do rochedo,  
Ouvindo o eco fúnebre das ondas,  
Que murmuram seu cântico de morte.  
Braços cruzados sobre o largo peito,  
Qual náufrago escapado da tormenta,  
Que as vagas sobre o escolho rejeitaram;  
Ou qual marmórea estátua sobre um túmulo.

Que grande idéia o ocupa, e turbilhona  
Naquela alma tão grande como o mundo?

Ele vê esses Reis, que levantara  
Da linha de seus bravos, o traírem.  
Ao longe mil pigmeus rivais divisa,  
Que mutilam sua obra gigantesca;  
Como do Macedônio outrora o Império  
Entre si repartiram vis escravos.  
Então um riso de ira, e de despeito  
Lhe salpica o semblante de piedade.

O grito ainda inocente de seu filho  
Soa em seu coração, e de seus olhos  
A lágrima primeira se desliza.  
E de tantas coroas que ajuntara  
Para dotar seu filho, só lhe resta  
Esse Nome, que o mundo inteiro sabe!

Ah! tudo ele perdeu! a esposa, o filho,  
A pátria, o mundo, e seus fiéis soldados.  
Mas firme era sua alma como o mármore,  
Onde o raio batia, e recuava!

Jamais, jamais mortal subiu tão alto!  
Ele foi o primeiro sobre a terra.  
Só, ele brilha sobranceiro a tudo,  
Como sobre a coluna de Vendôme  
Sua estátua de bronze ao céu se eleva.  
Acima dele Deus, — Deus tão-somente!

Da Liberdade ele era o mensageiro.  
Sua espada, cometa dos tiranos,  
Foi o sol, que guiou a Humanidade.  
Nós um bem lhe devemos, que gozamos;  
E a geração futura agradecida:  
NAPOLEÃO, dirá, cheia de assombro.

18 de junho de 1836

## AO GENERAL LAFAIETE

Nascido em virgem plaga Americana,  
Onde da independência o livre sopro  
Os homens vivifica;  
Onde de azul cetim num céu sem nódoa  
Lúcido gira o disco coruscante,  
Que ao vate o gênio inflama;  
Sem que do medo a destra me agrilhoe,  
Porém venerabundo, a mente exalço  
Ao herói de dous Mundos.  
Tu, da glória no céu, não dado a muitos,  
Rutilas fulgurante a par de Washington,  
Co'a luz que a liberdade  
De seu divino rosto escapar deixa,  
Qual cometa fatal à tirania.  
Oh grande Lafaiete!  
Oh portentoso nome! honra da França!  
Nome, que no orbe cresce, como em bosques,  
Altos, frondosos cedros  
Nos alcantis do Líbano se elevam,  
E as tormentas, e os raios assoberbam  
Contra eles fulminados.  
De nós aprenderão os filhos nossos  
A repetir teu nome, ainda no berço,  
Com inocentes lábios;  
Nossos filhos aos seus, estes aos netos  
Irão passando intacta esta lembrança;  
Como através dos evos  
As colossais pirâmides, que emblemas  
São da grandeza, e da existência eterna,  
Ovantes têm passado.  
Mas é grande ardimento! Ave sem canto,  
Longe de seu vergel peregrinando,  
Em remontado vôo  
Querer modular sons, cantar teu nome!  
Simpática afeição, mágico impulso  
A ti porém me arrasta;  
E de prazer o coração no peito  
Expande-se a teu nome, qual se expande,  
Em perfumado eflúvio,  
O doce aroma do ananás gostoso.  
E tu, qual prazer sentes, quando tomas  
Esse infante em teus braços?  
Esse infante gentil, de heróis progênie,

Filho de Zenowiez, hoje sem Pátria  
Que um Déspota roubou-lha?  
Qual te anima alegria esperançosa,  
Quando de Kosciuszko vês o sangue  
Girar em suas veias,  
E as estranhas nutrir-lhe ainda tenras?  
Oh! como é grato levantar nos braços  
O filho de um guerreiro,  
Que malfadado sim, mas virtuoso,  
Sobranceiro se mostra à sorte adversa!  
Ah, praza a Deus clemente  
Que por ti embalado esse menino,  
Por ti n'água lavado do batismo,  
Raro exemplo seguindo  
De seus nobres maiores, seja um dia  
O que foi Kosciuszko, e o que tens sido.  
Oh! se o porvir contemplo,  
Quem sabe se ainda um dia!... Mas não podem  
Humanas mãos romper o véu de trevas,  
Com que a Providência  
Esconde a mortais olhos o futuro.  
Em sibilino arrojado não pretendo  
Interpretar mistérios.  
Cresça o jovem Emílio sempre ao lado  
Do imortal Lafaiete, e aprenda, e saiba  
Amar a liberdade.

Paris, janeiro de 1834

## ÀS SENHORAS BRASILEIRAS

Nas veias o sangue já não me galopa,  
Nem sacros furores nos lábios me fervem;  
A lira canora do cisne Beócio  
Deixei sobre a trípode.

Os risos fagueiros do Gênio da Pátria  
Agora me inspiram idéias suaves.  
Os vossos encantos, oh belas patrícias,  
Eu canto dulcíssimo.

Império das graças, oh sexo mimoso,  
Vós sois o princípio da nossa existência;  
Dos nossos prazeres orige' inefável;  
Sem vós que seríamos?

A lua que brilha num céu azulado,  
E os raios argênteos no rio reflete,  
É quadro bem lindo! porém vossas faces  
Têm graças mais nítidas.

Os dias que alegres convosco passamos,  
São horas bem curtas, são breves instantes;  
E os breves instantes da ausência saudosa  
São noites bem tétricas.

O canto das aves, que soa nos bosques,  
É grato aos ouvidos do homem selvagem;  
Porém vossas vozes têm mais melodia  
Que as vozes dos pássaros.

A rosa tem cheiro que o ar embalsama,  
A rosa tem cores que esmaltam os prados;  
Porém para imagem da vossa beleza  
A rosa é inválida.

As águas têm perlas, o céu tem estrelas,  
Os campos têm flores, a terra tem ouro;  
Mas vós venceis tudo; vós sois da Natura  
A obra protótipa.

Por vós afinaram mil vates as liras;  
Por vós mil guerreiros à glória voaram;  
E até nações cultas por vós sacudiram  
Seu jugo tirânico.

Oh Anjos da terra, da Pátria ornamento,  
Donzelas, esposas, e mães carinhosas,  
Na luta, que temos co' o vil despotismo,  
Mostrai-vos magnânimas.

Os vossos encantos de prêmio só sirvam  
A quem ama a Pátria, ao sábio, e ao justo.  
Deixai que ociosos, e os nossos imigos  
No lodo revolvam-se.

## XLII

### A MINHA LIRA

Quando o sol era o meu astro,  
E a minha mente inspirava,  
No enlevo do estro inflamado  
Alegre a lira eu vibrava.

Co'a Grécia, e Roma sonhando,  
Colhendo flores da história,  
À minha Pátria querida  
Hinos tecia de glória.

No fogo da mocidade,  
Nessa estação da alegria,  
Cantava gratas mentiras,  
Amores qu'eu não sentia.

Às vezes também chorava;  
E tu, oh lira pressaga,  
Já teu destino previas,  
E o pranto que ora te alaga.

Qual na rosa que emurchece  
Seca o orvalho que a aljofrava,  
Assim secou-se em meus lábios  
O riso que os enfeitava.

Minha voz enrouqueceu-se,  
Meu coração enlutou-se,  
E o astro que me aclarava  
Em densa treva nublou-se.

Antes que o sopro do tempo  
Murchasse a flor de meu rosto,  
A palidez já o tinge,  
Causada pelo desgosto.

A folha na primavera,  
Se pelo inseto é roída,  
Assim perde o verde esmalte,  
Assim murcha, e cai sem vida.

Deixei a prezada Pátria,  
Deixei a mãe carinhosa;  
Perdeu então minha lira

Sua voz harmoniosa.

Ao som das vagas do Oceano  
Foi minha lira aprendendo  
A suspirar quando choro,  
A ir comigo gemendo.

Companheira de meu fado,  
Pelo mundo vagueando,  
Juntos os Alpes subimos,  
Estranhas terras pisando.

Nos Alpes, como num trono  
Que me alçava além do mundo,  
A glória do Onipotente  
Entoei venerabundo.

Entre góticas pilastras,  
Arroubado no infinito,  
Cantei a vida futura,  
Consolo de um peito aflito.

Sentado sobre ruínas,  
Achei um eco na lira;  
E sobre o nada da vida,  
Deu-me sons qu'eu nunca ouvira.

Entre campas, e cipestres,  
Sozinho num cemitério,  
Chorando a sorte de um vate,  
Na lira achei refrigério.

Solitário entre os viventes,  
Do mundo desconhecido,  
Como a planta errante d'água  
Apenas tenho vivido.

A glória, esperança vária,  
Sonho falaz do acordado,  
Febre que os Gênios inspira,  
Só me não tem inspirado.

Amiga melancolia,  
Consumidora saudade,  
Vós envolveis os meus dias  
Desta triste suavidade.

Em cada estação ostenta  
Diverso aspecto a Natura;  
Ora de cristais se adorna,  
Ora de fresca verdura.

As aves também renovam  
Seu canto co' a Natureza;  
Tudo muda, só minha alma  
Conserva sua tristeza.

Único bem qu'eu possuo,  
Oh minha estimada lira,  
Companheira de infortúnios.  
Comigo chora, e suspira.

XLIII

O CANTO DO CISNE

Meus versos são suspiros de minha alma,  
Sem outra lei que o interno sentimento;  
E como o fumo que do fogo se ergue,  
Sobem ao céu, e perdem-se nos ares.

Como o aceso turíbulo balança  
Ante o altar, de incenso alimentado,  
Suavíssimos perfumes exalando,  
Assim minha alma oscila  
Das ilusões do mundo afadigada;  
E suspirando então pelo infinito,  
Humilde a Deus seu pensamento exalça.

Cada pensamento meu,  
Como uma baga de incenso,  
Do turíbulo de minha alma  
Sobe ao alcáçar do Imenso.

Eis por que ainda no da vida exílio,  
Entre o véu de tristeza que me enluta  
Alguns assomos de prazer ressumbram,  
Como do pirilampo  
Na escuridão da selva a luz lampeja;  
Eis por que minha lira  
Inopinados sons desliza às vezes;  
Eis por que ainda para mim um riso  
A Natureza enfeita;  
Eis por que a noite presta-me seu bálsamo,  
E na aurora que surge encantos acho.

Eco para meus suspiros  
Eu acho na Natureza;  
E para a voz de minha alma  
Um acento de tristeza.

Ah! porventura a lira abandonada,  
Que rota e muda jaz de pó coberta,  
Porventura ainda vive?  
A lira morre, quando mais não soa,  
Morre, quando, estalando a última corda,  
Evapora o seu último soluço.

Assim sou eu sobre a terra;  
É minha alma como a lira,

Que morre, quando não geme;  
Que vive, quando suspira.

Como vive o proscrito em riba estranha?  
No pensamento apenas,  
Nos quadros de sua alma, tristes quadros,  
Como a noite sem lua, e sem estrelas;  
Quadros nublosos, pela mão traçados  
Da pálida Saudade.  
Oh mundo, oh mundo, exílio de minha alma!  
Vida, cruel tirano que me prendes!

O que é a vida? Um contínuo  
Passar das trevas à aurora;  
Cadeia que nos arrasta,  
Turbilhão que nos devora.

Eis a vida!... E depois?... Mistério horrível!  
Infinito, onde o espírito se perde,  
Como um átomo no espaço;  
Deserto, onde vagueia a fantasia,  
Repouso, e asilo incerta procurando,  
Como nos areais da ardente Arábia  
O peregrino afadigado busca,  
Para a sede aplacar, mesquinha fonte,  
E um ramo que lhe abrigue os lassos membros.

Talvez que amanhã se ultime  
A sentença do proscrito,  
E que livre das cadeias,  
Vagueie nesse infinito.

E quem sabe se a voz da Eternidade  
Agora me revela,  
Que este manto, que enoita a Natureza,  
Como do esquife o mortuário pano,  
Para sempre a meus olhos cobre a terra?  
Quem sabe se ao raiar da aurora crástica,  
A seu hino de vida  
Um eco faltará de minha lira,  
De minha alma um gemido?

Cada minuto da vida  
Pode ser o derradeiro;  
Da vida ao nada há um ponto,  
E o homem passa-o ligeiro.  
O Cisne que desliza à flor do lago,

Perlas formando co'o bater das asas,  
Mudo a garganta alonga,  
E só da morte a voz nela ressoa;  
Como uma flauta que do tronco pende  
Por amoroso voto,  
Pelo vento agitada,  
Embalança, e suaves harmonias  
Exala de seu tubo:  
Assim a voz do cisne se desata,  
Pela morte inspirado;  
Assim se melodia,  
Para doce entoar o hino extremo.

Mas acaso sabe o Cisne,  
Terno canto desferindo,  
Que em cada acento que solta,  
A vida lhe vai fugindo?

Companheiro do Cisne, o tenro arbusto  
Que uma só vez floresce,  
E quando assim se adorna, murcha, e morre,  
Como no dia nupcial a esposa,  
Sabe ele porventura que essas flores  
São as galas da morte?  
A lâmpada que expira, e um clarão solta,  
Acaso sabe se lhe minguia o óleo?  
O rio que no prado se resvala,  
Acaso dizer pode:  
Amanhã terá fim minha corrente?  
E o zéfiro que brinca saltitando  
Sobre as frescas corolas, sabe acaso,  
Se ainda existirá no sol seguinte?

Nós acaso conhecemos  
Melhor que eles nossa sorte?  
Podemos dizer: este hino  
É nosso hino de morte?

Eu canto como o Cisne, sem que saiba  
Se é meu último canto;  
Como o arbusto que brota mortais flores,  
Minha alma se dilata, e aromas verte;  
Como a luz que falece, e se afogueia,  
Em sacro amor meu coração se inflama;  
Como o rio que manso se desliza,  
Como o ligeiro zéfiro que adeja,  
Devolvem-se meus dias,

Como vagas do mar, um após outro,  
E não sei qual será o derradeiro.

Inda um suspiro, minha alma,  
Como o Cisne hoje exalemos.  
Se amanhã virmos a aurora,  
Novos hinos entoemos.  
Cantemos, cantemos  
Co'a noite, e co'o dia,  
Seja nossa vida  
Contínua harmonia.

Fim dos Suspiros poéticos

## AS SAUDADES

### I

#### INVOCAÇÃO À SAUDADE

Tu, que n'alma te embebes magoada,  
Melancólica dor, e gota a gota  
Vertes no coração tóxico acerbo,  
Que entorpece a existência, e a vida rala!  
Tu, tirana da ausência, que retratas  
Em fugitiva sombra, em negro quadro  
    A imagem do passado;  
Que ao filho sempre a mãe anosa antolhas,  
A pátria ao peregrino, o amigo ao amigo,  
O esposo à esposa; e ao malfadado escravo,  
Que sem futuro pelo mundo vaga,  
Mostras a liberdade, e o lar paterno;  
E a cada simulacro que apresentas,  
Com farpado agulhão rasgas o peito  
    Do triste que te sofre;  
E nos olhos sanguíneos, encovados,  
    Não lágrimas destilas,  
Mas fel, só atro fel, bárbara, espremes.

Oh saudade! Oh martírio de alma nobre!  
Malgrado o teu pungir, como és suave!  
Como a rosa de espinhos guarnecida  
Aguilhoa, e apraz co' o doce aroma,  
Tu feres, e mitigas com lembranças.  
Mas ah! o teu espinho ainda é mais duro;  
E essas tuas lembranças são falaces,  
Flores são que o punhal de Harmódios cobrem.

Para agora oprimir-me tudo se ergue;  
Tudo agora de encantos se reveste,  
Para mais agravar minha saudade.  
Sítios qu'eu desdenhei, sítios que amava,  
Templos que orar me viram respeitoso,  
Estes céus de safira, estas montanhas  
Cobertas de cocares de palmeiras,  
Pais, amigos, irmãos, ah! tudo, tudo  
Me está representando a fantasia,  
Como que pouco a pouco quer matar-me.

Que cena há aí que mais encantos tenha,

Que ver lânguida virgem, pudibunda,  
Pálida a fronte, as faces desbotadas,  
Baixos os olhos, revoando a coma,  
E uma terna expressão de oculta angústia  
    Que lavra-lhe as entranhas?  
Que cena há aí que mais encantos tenha,  
Que vê-la num baixel, segura ao mastro,  
Suspiros exalar, longos suspiros,  
Que voam murmurando, e se misturam  
Co'os ventos que sibilam nas enxárcias?  
De vez em quando olhar, e só ver nuvens,  
Nuvens que o céu encobrem, retratando  
Fugitivas imagens, que recordam  
Terras da pátria; quem, meu Deus, quem pode  
    Resistir a tal cena?

Tu matas, oh saudade!... Às crespas ondas,  
Delirante Moema, e quase insana,  
Por ti ferida, se arremessa... e morre...  
    Que não pode a mesquinha  
Longe viver do fugitivo amante,  
Que tanto amor pagara com desprezo.  
Lindóia, entregue à dor, desesperada  
N'ausência de Cacambo, mal lhe soa  
Do caro esposo o último suspiro,  
Também suspira, odeia a vida... e morre...  
E tu, Clara infeliz, filha dos bosques,  
    Gerada entre palmeiras,  
Nada pode aprazer-te, nada pode  
    Extinguir-te a lembrança  
Da rústica cabana, onde embalada  
Em berço foste de tecidas varas.  
De diurnas, domésticas fadigas  
Descansada, lá quando alveja a lua  
Em fundo azul, mil vezes te enxergaram  
Num tronco de coqueiro reclinada,  
Cantar da infância tuas árias saudosas,  
Árias bebidas nos maternos lábios.  
    Ai... minha mãe, dizias,  
Ai... minha mãe... quem sabe se ainda vives!  
Aldeia onde nasci, pobre cabana,  
Rede que me embalavas, eu vos choro!

Oh terra do Brasil, terra querida,  
Quantas vezes do mísero Africano  
Te regaram as lágrimas saudosas?  
Quantas vezes teus bosques repetiram

Magoados acentos  
Do cântico do escravo,  
Ao som dos duros golpes do machado?

Oh bárbara ambição, que sem piedade,  
Cega e surda de Cristo a lei postergas,  
E assoberbando mares, e perigos,  
Vais infame roubar, não vãs riquezas,  
Mas homens, que escravizas!  
Mil vezes o Senhor, para punir-te,  
Opôs ao teu baixel ondas, e ventos;  
Mil vezes, mas embalde,  
Nas cavernas do mar caiu gemendo.  
Á voz do Eterno obediente a terra  
Se mostra austera e parca,  
Que a lágrima do escravo esteriliza  
O terreno que orvalha.  
A Natureza preza a Liberdade,  
E só franqueia aos livres seus tesouros.

Oh suspirada, oh cara Liberdade,  
Descende asinha do Africano à choça,  
Seu pranto enxuga, quebra-lhe as cadeias,  
E adoça-lhe da pátria a dor saudosa.

Oh palavras! oh língua! quão sois fracas,  
Para d'alma narrar os sentimentos!  
Oh saudade, aflição dura e suave!  
Oh saudade, que o rosto me descoras,  
Saudade, que me apertas, que nos lábios  
Decas-me o almo riso,  
E o pensamento meu absorves todo,  
Como uma esponja o líquido, e o repartes  
Co' o passado, o presente, e co' o futuro.  
Oh saudade! Oh saudade!  
Minhas endechas mal carpidas colhe;  
Dá-me um lúgubre som, como o das vagas  
Que nas praias se quebram  
Sem ordem, como os meus chorados cantos;  
Uma voz sepulcral, como a da rola  
Que em solitária selva se lamenta;  
Um acento funéreo, um eco lúgubre,  
Como o eco das grotas, quando a chuva  
Goteja reboando.

Ah! corram minhas lágrimas, ah! corram  
A quantos meus gemidos escutarem.

Oh saudade! Oh saudade!  
Pois que em minha alma habitas,  
E sem cessar me lembras pais, e Pátria,  
Minhas tristes endechas serão tuas,  
Saudade, serei teu... Saudade, és minha.

## II

### ADEUS À PÁTRIA

Adeus, oh Pátria amada,  
Terra saudosa, onde eu abri meus olhos  
Pela vez prima ao sol americano;  
Onde nos braços maternais suspenso,  
O teu amor co'a vida  
No albor dos anos meus fruí gostoso.

Oh margens do Janeiro,  
Eu me ausento de vós com mágoa e pranto!  
Adeus, brilhante céu da terra minha!  
Adeus, oh serras que vinguei difícil!  
Adeus, sombrias várzeas,  
Que vezes passei meditabundo.

Adeus, augustas torres  
Do templo, onde lavei-me do pecado!  
O som funéreo dos sagrados bronzes  
Ainda vem magoar os meus ouvidos,  
E n'alma despertar-me  
Tristíssimas, cruéis reminiscências.

Eis ali a montanha  
Cujos pés beija o mar que em flor se esbarra.  
Quantas vezes ali triste, sentado,  
Minha alma no infinito se espriava,  
Os olhos vagueando  
Sobre este mar, que deve hoje levar-me!

Sim, eu te deixo, oh Pátria;  
E deixo-te lutando co'as procelas,  
Que no teu horizonte se abalroam.  
Ah! quanta dor o coração me punge,  
Por ver alguns teus filhos,  
Baldos de pundonor, como te olvidam.

Teus filhos... Ah! cubramos,  
Se algum há, com desprezo o seu opróbrio.  
Feras serpentes qu'entre mansas aves  
Se aqueceram nos ovos, e mal nascem  
Dilaceram os filhos,  
E as próprias aves que lhes deram vida.

Malévolos sicários,

Raça espúria, sem Pátria, ermos de brio,  
Já traidores alfanges afiando,  
O ensejo só aguardam favorável  
De ensopá-los no sangue  
Daqueles a quem bens, e honra devem.

Não é pavor, nem susto  
De aos pés calcado ser de intrusos Neros,  
Nem de rojo levado ao cadafalso,  
Que hoje arrancar-me de teu grêmio pode;  
Nem a ambição me acena  
Qu'eu vá mercadejar por longes terras.

Não, eu não temo a morte,  
Nem dos tiranos temo a catadura;  
sei firme assoberbar adversos fados;  
Que o varão, que o dever toma por norte,  
Sempre a Pátria antolhando,  
Morte honrosa prefere à vida escrava.

Amor da sapiência,  
Desejo de colher lições do mundo  
Leva-me às margens do soberbo Sena,  
Para, se me não for avessa a sorte,  
Ante o altar da Pátria  
Meus serviços prestar vir respeitoso.

A ti me voto inteiro,  
Tu és o meu amor, minha alma é tua.  
Só para te ofertar flores cultivo  
Nos mágicos jardins da Poesia;  
Se te apraz seu aroma,  
Ah! como fico de prazer ufano!

Ah! praza a Deus que a nuvem,  
Que obumbra ora teu céu, tão belo sempre,  
A cólera do Eterno não desabe  
Sobre as tristes cabeças de teus filhos!  
Ah! praza a Deus que nunca  
Teu Anjo tutelar fuja a teus lares!

Oh Senhor, tu protejes  
O povo que se vota à Liberdade;  
A Liberdade é dom que nem tu mesmo  
Aos homens tiras; como um mortal ousa,  
Erguido pó da terra,  
Eclipsar os teus dons, manchar teu nome?

Cara Pátria, sem susto  
Tua fronte levanta majestosa,  
Como tuas montanhas, e teus bosques!  
Não sejas só no mundo conhecida  
Por teus ricos tesouros,  
Pelos prodígios da sem-par Natura.

Oh Pátria, ovante marcha;  
Já em teu seio encerras Varões dignos  
De renome imortal; não te envergonhes  
De cingir-lhes as frentes, de apontá-los.  
São eles que te escoram,  
E que te hão de elevar à Eternidade.

As solitárias ondas  
Que hoje sonoras tuas: praias beijam,  
Já outrora, não pedras, não espuma,  
Mas cadáveres, e sangue arremessaram,  
Cadáveres, e sangue  
Dos nascidos nos teus sagrados bosques.

Se inimigos ousarem,  
Armados contra ti, em frágeis lenhos,  
Expelir o trovão, o raio, e a morte,  
Abrir-se-hão estes mares a sorvê-los;  
Seus lívidos cadáveres  
Tuas areias juncarão de novo.

O coração pressago  
Veemente palpita, e voz suave  
Em meu peito ressoa, e me anuncia  
Que o céu destes horrores te preserva;  
O coração não mente;  
A paz firmou-se em ti; seja ela eterna.

Como a enchente do Nilo  
Que estendendo-se sobre a terra Egípcia,  
Deixa após si fertilidade aos campos,  
Assim, propicia paz, tu vivificas  
O povo que te hospeda,  
E por ti bafejada a indústria medra.

Como serei ditoso  
Se dado ainda me for correr teus campos,  
Beijar de anosos pais as mãos rugosas,  
Abraçar os amigos, e arroubado

Nesse celeste instante  
Novos, oh Pátria, cânticos tecer-te.

Rio de Janeiro, 3 de julho de 1833

### III

#### À MINHA FAMÍLIA

Choram por mim... Por mim a mãe querida  
Em soluços — adeus — nem dizer pode...  
Debalde balbucia; os lábios tremem,  
E a dor a voz lhe embarga...  
Banhado tem o rosto  
De cristalino pranto, e cor de sangue  
Os olhos já cansados.

Lá vejo o caro pai sisudo e grave,  
A quem anos as faces enrugaram,  
E a fronte encaneceram;  
A mão ao filho estende, e a bênção lança:  
Boa viagem, diz, boa viagem;  
Deus te guie, e te traga  
Na sua santa guarda,  
Sempre digno de mim, da Pátria digno.

Memorandas palavras!  
Palavras de meu pai... n'alma do filho  
Ausente, eternas ficarão gravadas.

Ternos irmãos — adeus — me estão dizendo  
Com tão fúnebre acento,  
Como se eu condenado à morte fosse.  
Um por um os abraço, e adeus lhes digo.  
Quero partir... forcejo; os olhos cerro...  
Porém a dor que o coração me preme,  
Forças me tira, e me fraqueia os passos;  
Em borbotões rebentam  
Lágrimas, que enxugar em vão pretendo.

Que mão gelada é esta, que me embebe  
Duro alfange no íntimo do peito?  
Que mão desapiedada me retalha  
O coração magoado?  
Mão da saudade, és tu, eu te conheço.

Oh momento de ausência, como és agro!  
Mais agro não me foi aquele dia  
Em que co'a morte ao lado,  
Quase caí do leito à sepultura.

Já brilhava a meus olhos moribundos

A luz de bento círio,  
Que ante um sagrado Crucifixo ardia.  
Chorava minha mãe, e seus cabelos  
Sobre meu frio peito debruçavam-se.  
Colocado entre o mundo e a Eternidade,  
Meu ser se dividia, e ingente peso  
O aflito coração me comprimia,  
Como se férreos braços me cerrassem.  
Ah! porque inteiro conservou-se o estame  
Em luta tão cruel? E' qu'eu devia  
Sofrer mais este golpe, e da existência  
Não estava inda o círculo completo;  
Assaz não tinha o Mundo conhecido,  
Conhecê-lo devia.

Neste instante que a dor absorve todo,  
Não me vigoram de um porvir brilhante  
Lisonjeiras lembranças,  
Sonhos falaces, esperanças loucas,  
Que embriagam a mente do acordado.

Quisera aqui morrer, quisera nunca  
Estranhas terras visitar, que outrora  
Eu tanto cobiçara,  
Antes que os pais deixar, irmãos e Pátria.

Mas uma estrela guia  
A seu destino o homem.  
Quem de Deus penetrar pode os arcanos?  
Quem do Eterno à vontade opor-se pode?  
Cumpra-se a minha estrela... E nós choremos,  
Que num vale de lágrimas estamos.  
Chorando nossas mães vida nos deram,  
Chorando à luz nascemos, e mil vezes  
Esta vida choramos, e na morte  
Uma lágrima ainda se desliza  
Dos revirados olhos:  
Das lágrimas a fonte só se estanca,  
Quando da vida apaga-se a centelha.

Pais, irmãos me rodeiam.  
Onde estão os amigos? Um ao menos  
Não me vem abraçar neste momento?  
Um só não terei eu, que me acompanhe  
Até à triste praia,  
E o ósculo da amizade aí me imprima  
Na hora da partida?

Eu vos conheço, amigos!  
Convosco fique a paz, fique a alegria,  
Venha o pesar comigo.

Caro pai, boa mãe, irmãos queridos,  
Meu último suspiro vosso seja...  
Adeus... adeus; eu parto.

Rio de Janeiro, 3 de julho de 1833

## IV

### A TEMPESTADE

Desaparece o sol, o céu negreja,  
O rígido aquilão em fúrias brama,  
E em cada vaga a morte armada se ergue.

Hei de eu morrer, oh Pátria,  
Sem que um suspiro teu sequer mereça?  
Sem que minha existência útil te fosse?  
E este mar cavará o meu sepulcro?  
Meu corpo rolará entregue às ondas,  
Té que os marinhos tigres o devorem?  
Não terei uma campa, um epitáfio,  
Onde no dia aos mortos consagrado  
As lágrimas de amigo se deslizem?

Eu estava tranqüilo...  
Como um brando regato serpenteia  
Entre florida, perfumada relva,  
Ou como a lua plácida fulgura  
Na abóbada celeste,  
Recamada de nítidas estrelas,  
Assim os dias meus se devolviam  
Em suaves vigílias, brandos sonos.

Tinha um pai, uma mãe, irmãos, amigos;  
Debaixo de meus passos se movia,  
Sem qu'eu sentisse, a terra;  
Ora de humana voz ternas cadências  
As passageiras mágoas me adoçavam,  
Ora coberto com dosséis de folhas,  
Que em chuveiros de flores me cobriam,  
Terno cantava ao som da fruta agreste  
Que o sabiá simula.  
Se no cume da serra a tempestade  
Caliginosos braços estendia;  
Se nas torres dos templos se esbarravam  
Lampejantes coriscos;  
Na paterna mansão, ermo de susto,  
Escutava o trovão, e o hino excelso  
Que entoavam meus pais venerabundos.  
Oh! com que rapidez tudo se muda!  
O homem nem prevê próximos males!

Aqui, neste Oceano,

Sem que sequer um só prazer desfrute,  
Tudo é horror, e um vasto cemitério.  
De cada lado gigantescas vagas,  
Irritadas elevam-se, curvando  
Sobre o navio que sem tino vaga.  
Negras nuvens do sol a face enlutam;  
Soltos trovões se embatem, troam, bramam;  
Rijo sibila o vento nas enxárcias;  
Ante a proa em montanhas espumosas  
Pulveriza-se o mar, roncando horríssonos;  
    Gemendo as vergas beijam  
A onda que se empola, ou já se afunda,  
Quais débeis canas que o tufão acurva.  
Que horror, oh céus! Que sorte nos aguarda!

Se é nossa estrela que morramos todos,  
    Quero ser o primeiro  
Em quem, oh ondas, sacieis a fúria.

Procuo embalde, cintilar não vejo  
    Santelmo de esperança;  
Só vejo a morte abrir a foz medonha  
Em cada vaga, que engolir promete  
O lenho, surdo à voz do palinuro.

As velas ferram desmaiados nautas,  
Rouqueja o capitão, soa a buzina,  
Mulheres tremem, criancinhas choram,  
E sobre a bomba passageiros curvos  
    Arquejando se afanam.

Fitas de fogo ardentes, inflamadas,  
Entre rotos listões de negras nuvens,  
    No horizonte se estendem;  
Vasto lago de sangue o mar parece;  
Relâmpagos mil chovem, mil se apagam;  
Raios dardeja o céu enfurecido,  
E os vermelhos coriscos no ar se cruzam,  
Como cipós que os bosques emaranham,  
Ou qual num rio amontoadas serpes,  
Curvilíneas se enlaçam, sobem, descem.

Oh meu Deus! Oh meu Deus, teus olhos volve  
    Sobre os filhos dos homens.  
É verdade, Senhor, eles ingratos  
No tempo da bonança se esqueciam  
    Da tua onipotência;

Ousamos, ímpios, profanar teu nome;  
Mas piedade, Senhor, hoje invocamos.

Como filhos rebeldes,  
Que os são conselhos paternos desprezam,  
Zombam mesmo dos pais, e de delírio  
Em delírio à desgraça se encaminham;  
E quando já no poço da miséria  
Lhes brada a consciência,  
Então os pais invocam;  
E se os pais os não salvam, ali morrem.  
Tu és pai, oh meu Deus! Misericórdia!

Um sopro de teus lábios foi bastante  
Para armar contra nós a tempestade;  
Um sopro de teus lábios  
Basta para acalmá-la.

À tua voz, Senhor, tudo se humilha,  
O mar, a terra, o céu, o vento, o raio;  
Fala, seremos salvos.

Amaina o vento, o mar se tranqüiliza!...  
Maravilha de Deus!... As nuvens subam  
A teus pés os meus hinos,  
Hinos acesos nos transportes d'alma;  
Voem de mundo em mundo, de astro em astro,  
De Anjo em Anjo, até qu'eles se harmonizem,  
E dignos sejam, oh Senhor, que os ouças.

Glória! glória ao Senhor! estamos salvos!  
Desaparece a morte,  
Raia o sol, ri-se o céu, o mar se aplanam!  
Glória! glória ao Senhor! estamos salvos!  
Afaga-me a esperança,  
Que renasce no fundo de minha alma,  
Como a fênix das cinzas.  
Oh Pátria, serei teu; minha existência  
Ao louvor do meu Deus, a teus louvores  
De ora avante a consagro.

## O DIA 7 DE SETEMBRO, EM PARIS

Longe do belo céu da Pátria minha,  
Que a mente me acendia,  
Em tempo mais feliz, em qu'eu cantava  
Das palmeiras à sombra os pátrios feitos;  
Sem mais ouvir o vago som dos bosques,  
Nem o bramido fúnebre das ondas,  
Que n'alma me excitavam  
Altos, sublimes turbilhões de idéias;  
Com que cântico novo  
O Dia saudarei da Liberdade?

Ausente do saudoso, pátrio ninho,  
Em regiões tão mortas,  
Para mim sem encantos, e atrativos,  
Gela-se o estro ao peregrino vate.  
Tu também, que nos trópicos te ostentas  
Fulgurante de luz, e rei dos astros,  
Tu, oh sol, neste céu teu brilho perdes.

Oh fantasia, reproduz se podes  
O enérgico quadro, que meus olhos  
Outrora extasiara;  
As cenas reproduz de entusiasmo,  
Que o coração abrasa  
Como o sol quando a pino os homens fere;  
Memória, hoje recorda aquelas vozes  
Dos brasileiros peitos escapadas,  
Como do Chimborazo ardentes lavas,  
E no templo de Deus gratas soavam.  
Recita aqueles hinos,  
Que angélicas donzelas, varões probos  
Alternos entoavam neste Dia,  
Da Liberdade em honra.

Mas em vão, que nos ares embruscados  
O mimoso colibri não adeja,  
Nem longe do seu ninho o canto exala  
O sabiá canoro.  
Ah! se ao menos a dor que me alma punge,  
E a existência me azeda,  
Um pouco se aplacasse, e doce riso,  
Filho do coração, subisse aos lábios,  
Quiçá na ausência da querida Pátria

Pudesse, inda que rouco,  
Mais um hino ajuntar aos outros hinos,  
Com que de meu amor lhe fiz ofrenda,  
Quando no grêmio seu prazer gozava.

Lá, no teu seio, a vida respirando  
Tranquilo e sossegado,  
Ou no mar agitado, à morte exposto,  
Ou aqui nesta plaga tão remota,  
Fiel te sou, oh Pátria; não te olvido  
Pelas grandezas que me oferece a Europa.  
Estes eternos monumentos d' arte,  
Estas colunas, maravilhas mortas,  
Estas estátuas colossais de bronze,  
Estes jardins soberbos, estes templos  
São belos; mas não são de minha Pátria.  
Tuas virgens florestas, e teus templos  
Mais me aprazem que tudo que aqui vejo.

Ah! quem me dera agora, em grato sonho  
Iludido, cuidar que me revolvo  
Ignorado entre os meus, entre o tumulto  
Do povo que no rosto traz impressa  
A glória deste Dia!  
Quem me dera que os meus rústicos hinos  
Por ele ouvidos fossem,  
E por ele aplaudidos  
No delírio do sacro amor da Pátria!

Oh! como é doce memorar os tempos  
Da passada alegria!  
Como é doce escutar ternas cadências  
De branda voz de pudibunda virgem,  
Quando fora da terra a alma vagueia  
No celeste infinito!  
Mais doce é celebrar os claros feitos  
Dos seus concidadãos, e unido a eles,  
Beber na mesma taça o entusiasmo,  
E no divino arroubo  
Os céus congratular, render-lhes graças!

Aqui da Liberdade repetido  
Não soa o mago acento em meus ouvidos;  
Nem o auriverde pavilhão tremula,  
Imagem das riquezas  
Da terra minha, fértil, abundante;

Nem o canhão ribomba, que assinale  
Que este Dia ao Brasil é consagrado.

Só o estridor ressoa  
De turbulento povo, indiferente  
Da Pátria minha à glória.

Dia da Liberdade!  
Tu só dissipas hoje esta tristeza  
Que a vida me angustia.  
Tu só me acordas hoje do letargo  
Em que esta alma se abisma,  
De resistir cansada a tantas dores.  
Ah! talvez que de ti poucos se lembrem  
Neste estranho país, onde tu passas  
Sem culto, sem fulgor, como em deserto  
Caminha o viajor silencioso.

Mas rápidos os dias se devolvem;  
E tu, oh sol, que pálido me aclaras  
Nestas longínquas plagas,  
Brilhante ainda raiarás na Pátria,  
E ouvirás meus hinos  
Em honra deste Dia, não magoados  
Co'os fúnebres acentos da saudade.

ADEUS AO MEU AMIGO  
M. DE ARAÚJO PORTO ALEGRE

Não posso duvidar, nem tu duvides;  
Há uma estrela que ao porvir nos guia,  
Malgrado as ondas do inconstante mundo.  
Os destinos dos homens são patentes  
Da Providência aos olhos,  
Pois que aos olhos de Deus não há futuro;  
Duvide embora o ímpio.

Com insolúvel nó a ti me liga  
Sagrada, oculta força.  
Fitos na Pátria os olhos, sempre avante,  
Araújo, marchemos.

Amamo-nos; que importa Grécia, e Roma  
Vás ver sem mim? <sup>11</sup> Assim stá destinado.  
Na Pátria de Platão, e de Lionides,  
De Rafael na Pátria  
Não, não te esquecerás do teu amigo.

Vai; sapiência colhe em solo estranho;  
Depois conosco pródigo reparte.  
Assim de flor em flor errante abelha  
O néctar frui, que em mel oferece aos homens;  
Assim de gotas pluviais se embebe  
O ancho seio do monte,  
Que em límpidas correntes depois mana.

Vai; ao Parnaso sobe; aí meu nome  
Entoa para o céu, e atento escuta;  
Se os ecos responderem,  
Junto do nome teu meu nome grava  
No mármore que achares.  
Ah! lembra-te de mim quando de Tasso  
Visitares o cárcer.

Quando do longo meditar cansado  
Estiveres de Roma nas ruínas;  
Quando só passeando n'Ápia estrada,  
Ou da morte os segredos contemplando  
Dos Mártires Cristãos nas catacumbas;  
Quando ouvires soar de amigo o nome,  
De mim te lembrarás, dirás contigo:

Quem sabe se por força da amizade,  
Em mim pensa ele agora, como eu nele?

Vai; teu gênio alimenta.  
Breves os dias são, os anos breves,  
E dos filhos dos homens breve corre  
A vida afadigada,  
Como nos ares rápido meteoro.  
Ah! quanto a missão custa  
Cumprir na terra, onde atalaias somos!

Na começada empresa  
Somente ao fraco arrepiar é dado;  
Não se releva ao campeão donoso,  
Que desde o albor da idade  
N'alma ferveu-lhe em turbilhões o engenho,  
Que lhe inspirara a Pátria.

Enganados num dia os mortais podem  
Às mãos de um néscio confiar o mando,  
Com que depois os curva;  
Podem coroas repartir, e cetros,  
E púrpuras reais, e tit'los nobres;  
Podem rolar seus ídolos dos tronos,  
Tomar os louros que iludidos deram;  
Mas tu, raro no mundo, dom sublime,  
Gênio, quem te reparte?

Deus só, Deus só te envia a seus diletos.  
Gênio, filho de Deus, fogo celeste  
Baixado à terra em prol da Humanidade!  
Aquele em cuja frente resplendesces,  
Cujos lábios inflamas,  
Um Homero será, Platão, ou Fídias,  
Radiantes padrões, astros de glória,  
De estrelas escoltados,  
Que como o sol, do oriente ao ocidente,  
Giro farão eterno.

Sinal em tua fronte tens do Gênio;  
Não pertences a ti, tu és da Pátria.  
Com teus pincéis divinos  
Deves seus feitos esmaltar, preclaros;  
Eu a teu lado cantar-lhe-hei a glória.  
Unidos, sempre amigos, sempre à mesma  
Vontade obedecendo,  
Que doce nos será então a vida!

Tempo, tempo, não voes; Pátria, aguarda;  
Araújo, marchemos.

.....

<sup>11</sup> Mal sabia eu, escrevendo estes versos e preparando-me para dar o abraço da despedida ao meu amigo, que as circunstâncias tão repentinamente se mudassem, e que deixaria Paris, para acompanhá-lo na viagem à Itália. Como ignora o homem o que tem de fazer no dia seguinte! É esta uma das fases de minha vida que eterna ficará na minha lembrança; e estes versos me despertarão sempre essa triste recordação; triste pelas circunstâncias que motivaram a viagem.

## VII

### NO ÁLBUM DE UM JOVEM AMIGO

Amigo, eu parto, e deixo-te saudoso.  
Pois que sempre tua alma bem formada  
Minhas vozes ouviu, vozes sinceras;  
Pois que sempre os conselhos da experiência  
Com prazer escutaste,  
Inda que às vezes duros;  
No momento do adeus recebe, atende  
Esta, de amor, não lisonjeira prova.

É qual sereno rio a mocidade,  
Que as imagens retrata, e não conhece  
O bem, e o mal, e as ilusões do mundo:  
É como verde, flácida vergôntea,  
Que a forma toma que o cultor lhe imprime,  
E boa, ou má, não mais depois se muda.

Quem, como tu, da Pátria longe vive,  
Longe dos paternais, úteis ditames,  
Assaz tem que lutar, se à glória aspira.  
Filósofos não faltam que te instruam;  
Mas da vida, nas páginas de um livro,  
Não se aprende a ciência.

Estuda, sim estuda, mas pratica  
Dignas ações de ti; e eu te asseguro,  
Pois que a Natura te protege, e inspira,  
Qu'inda um dia serás brilhante estrela  
Entre os astros que a Pátria nossa adornam.  
A Deus praza que a Pátria não iludas,  
E os votos de teus pais, e dos amigos.

A todo o instante que este livro abrires,  
Lendo estes versos, dize: hei um amigo.

## AO DEIXAR PARIS

Sim, a custo te deixo, augusto alcáçar  
Do progresso, da luz, da liberdade.  
Vivífico remanso, onde perene  
Bebe o estrangeiro quanto apraz à mente,  
Do néctar das ciências sequiosa.

Sim, com justa razão te ornas de orgulho,  
Pátria de heróis, refúgio de infelizes,  
Vítimas do erro, que ainda a Europa preme  
Com cem braços de ferro; fugitivos,  
Em teu grêmio cabal abrigo encontram.  
Mãe desvelada não mais pronta acode  
Com bondadoso peito ao tenro infante.

Qual da torrente que de alpestre fraga  
Jorrando em catadupas marulhosas  
Se ala equóreo vapor que o campo orvalha,  
E em rios dividindo-se, e em regatos  
A longes terras nutrimento envia;  
Assim os sábios, que em teu seio abundam,  
Manam nome, e saber aos outros povos.

Para teatro de espantosas cenas  
Teu solo assinalou a Providência.  
Aqui rompeu esse vulcão terrível,  
Que o mundo inteiro alumiou co'as lavas,  
E à fileira dos reis alçou os homens;  
Aqui o rei dos reis, terror da Europa,  
No trono colossal, firme no povo,  
Honras, louros, e cetros repartia.

O jugo antigo, que a razão curvava,  
Quebrou, em ti nascido, esse Descartes,  
Que por novo teor, método novo,  
Sublime estrada abriu à Inteligência.  
Malebranche o seguiu, também teu filho.

As boas Artes, do progresso amigas,  
Filhas da Liberdade, irmãs da glória,  
Foragidas da Itália, atravessaram  
Alpes, e Reno, em ti seu templo ergueram.

Paris, citar teu nome é pôr remate

Aos elogios teus; eu te venero.  
Lições em ti frui; como eu mil outros  
Brasileiros, que a Pátria hoje adereçam,  
Em ti juvenis passos amestraram.  
Da sapiência o brilho ofusca o do ouro;  
Só de alma estreme a gratidão é paga;  
Grato te sou no tributar encômios  
Não lisonjeiros, que a verdade os sela.

Arando o cresco Oceano, à Pátria minha  
As ciências passaram triunfantes  
Do santuário teu, nas mãos levando  
O archote da razão; ali brilhante  
Luz difundindo, as trevas sacudiram,  
Que em nossos horizontes negrejavam.

No facundo clarim soa a Verdade;  
Então do avaro Lusitano as peias,  
E as erguidas barreiras rotas caem,  
Quando Montesquieu, Rousseau troando,  
As cidades, e os campos repercutem.  
Assim de Jericó outrora os muros,  
Das Hebréias trombetas sons ouvindo,  
Caem aos pés de Josué submissos.

Então pautando os seus pelos teus passos,  
Mais e mais o Brasil terreno avança  
Na escala das Nações, que no orbe avultam.

Como da lira consoante vibra  
Uma corda, quando outra foi ferida,  
O Brasil teus triunfos aplaudindo,  
Co'as tuas explosões harmonizando,  
Assim empeços vence, e igual triunfa.  
Oh Brasil, porventura lisonjeiro  
Serei no meu dizer? Donde te veio  
A Ciência das Leis, a Medicina,  
A Moral, os costumes que hoje ostentas?  
Quem te ensinou a perscrutar teus campos,  
A pesquisar segredos, que a Natura  
Em cada verme, em cada flor oculta?  
Quem teu gênio subiu ao firmamento,  
E os mistérios dos astros revelou-te?  
Quem a tela, de cores matizando,  
Mostrou-te retratada a Natureza,  
Teus heróis, tua história, teus costumes?  
Responda a gratidão. — Avulta, oh França!

Marcha, prospera; e tu, Brasil, prospera;  
Estes meus votos são, outros não tenho.

Um povo sempre é filho de outro povo;  
Um homem sem cultura não avança;  
Sem ensino os espíritos não brilham.

Quem, Paris, sem amar-te pode ver-te?  
E quem pode deixar-te sem saudade?  
Ah! não beberei mais as eloqüentes  
Lições, que me apraziam, de teus mestres!  
Não verei mais teu Louvre apinhado  
De maravilhas tantas! Teus colégios,  
Onde vozes troavam sapientes!  
Ainda a mente me pinta os de Sorbonne  
Vastos anfiteatros coroados  
De atenta juventude! — Tudo deixo...

Ah! deixo ainda mais, deixo um amigo,  
Que raros são, e que tão poucos tenho!  
Sabes com que pesar te deixo, oh Sales!  
Companheiro da infância; às portas, juntos,  
Da Ciência batemos; ela ouviu-te,  
Abriu-te, e franqueou-te os seus tesouros.  
Ainda jovem, da Pátria és já um astro,  
Que no seu horizonte alto rutila;  
Eu mísero, fosfórico meteoro  
Sem nome vago. — E morrerei sem nome?

E tu, pintor dos brasilenses bosques,  
Tu, que em quadros múltiplos ao mundo  
Nossos costumes eloqüente mostras;  
Venerando Ancião, amigo, e mestre,  
Por quem já uma vez chorei saudoso,  
E tu também choraste; hoje de novo  
Se reproduz tal cena; mas ao menos  
Tu ficas no teu lar, co'os teus, e eu parto,  
Parto, não para o meu. Debret, teu nome  
Comigo eterno irá, como ele eterno  
Passará de uma idade à outra idade.

Adeus, Paris; adeus do mundo empório.  
Adeus, Sales, Debret, adeus... Amigo,  
Que ao teu o meu destino unir quiseste,  
Hoje a minha saudade igual te punge;  
Não agravemos mais nossos pesares;  
Vamos, meu Araújo; é tempo, vamos.

## IX

### À SUÍÇA

Tal como o caçador afadigado,  
Depois de em vão correr ingratos montes,  
Se alfim vê belo pássaro que poussa  
    Sobre um tronco do bosque,  
Alegre e duvidoso a arma prepara;  
E quando cuida já que é presa sua,  
Manso o vê que se escapa, e que desliza  
Nos leves ares co'as talhantes plumas,  
Triste, desesperado à casa volta:  
Ou como terno amante, que de longe  
O bem-amado avista, passeando  
No jardim de seus pais; contente investe,  
Já em doces idéias engolfado;  
    E quando perto chega,  
E cuida ir desfrutar gratos momentos,  
Ela modesta e temerosa, os olhos  
Brandamente volvendo, se retira,  
    E o malfadado deixa  
Entregue à dor, carpindo-se saudoso;  
Assim eu, oh belíssima Suíça,  
Vi teus montes, teus bosques de pinheiros,  
Teus campos férteis co' o suor dos homens;  
Vi teu lago tranqüilo, onde se espelha  
De cima desse trono de alabastro,  
O sol, mal que amanhece faiscante.  
Assim jovem guerreiro de ouro armado,  
No polido pavês atento se olha,  
E contempla seu garbo, antes que saia  
A discorrer os campos, coruscante.  
Vi a tua cidade de Genebra,  
Tão linda como o lírio junto d'água,  
Tão graciosa como pura virgem,  
Que a roca empunha, e que meneia o fuso.  
Vi-te, e meu coração portas abria  
    Ao prazer fugitivo,  
Que mais ligeiro corre que o teu Ródano.  
Alma alegria a mente me orvalhava,  
    Tão seca de pesares;  
E a saudade da Pátria que me punge,  
Como que adormecida, menos dura,  
    A farpa descansava.  
Esquecido de mim, do meu destino,

Começava a gozar-te; — e já me foges!  
Mas se tu de meus olhos desapareces,  
Desenhada na mente a imagem tua,  
Jamais consentirei que se esvaeça.

Oh Suíça, oh Genebra, oh país livre!  
Culta Cítia da Europa, solo honrado  
Pelos Euler, Rousseau, Haller, e Géssner,  
Recebe inda este adeus de um estrangeiro;  
E praza ao céu que o último não seja,  
Que a ti volte, e te veja uma, e mais vezes.

Genebra, 11 de outubro de 1834

## O GÊNIO E A MÚSICA

À Senhora Catalani

Sim, é certo; a Natura não se esgota;  
Mas providente de seu seio tira  
Um a um esses Gênios, que benigna  
    Co'os séculos reparte;  
Assim, sem fatigar, encômios cobra,  
E co'a força do mágico artifício  
Os homens doma, os encadeia, e guia.

Dos Gênios a importância se conhece  
Quando, enchendo a missão, desaparecem.  
Se os rios as campinas fertilizam,  
    Os lavradores folgam;  
Mas extintas as fontes d'alma veia,  
    Atenuam-se os campos,  
E a Natureza em torno empalidece;  
Aos pedregosos, descobertos leitões,  
O homem chega, e d'água uma só gota,  
Para a sede aplacar, não acha, e chora;  
Mas lágrimas a sede não saciam!  
Então do bem se lembra que gozara,  
    Do bem que já não goza.

Quem não respeita o Gênio? Quem não sente  
Bater-lhe o coração inopinado,  
Quando escuta os angélicos acentos  
    Do ser misterioso,  
    Que a Natureza inspira?

Na culta Grécia, na guerreira Roma  
Endeusada a Harmonia cultos teve;  
Entre bárbaros povos, Galos, Francos,  
Celtas, Bretões a música divina  
Os cruentos costumes adoçava.  
Nos Brasíliaos sertões, duros Tamoios,  
Intrépidos Caités ao som se curvam  
    Da harmonia selvagem;  
Como divinos, de Tupã mimosos,  
    Seus músicos respeitam.  
    A iluminada Europa  
Não desdenha entoar sagrados salmos  
No Templo do Senhor; atado ao remo

O pescador ao som das vagas canta,  
Canta o proscrito sobre estranhas plagas,  
E o peregrino em solitárias selvas.  
O canto maternal o infante acalma,  
E a cólera dos homens se desarma,  
Quando escuta suave melodia.

Eis em campo o guerreiro;  
Como brioso marcha, quando troa  
A bélica trombeta!  
Patrióticos hinos entoando,  
Sente para o valor estreito o peito.  
Entre selvas de lanças, e de espadas,  
Coberto co' uma abóbada de fumo,  
Através de pelouros sibilantes,  
Assoberbando a morte,  
Vai nos braços da glória  
Arvorar os pendões vitoriosos!  
Na guerra hinos guerreiros,  
Na paz canções de amores!  
Tanto, oh música, podes sobre os homens,

Que em toda parte imperas!  
Sim, que os Anjos, os céus, o sol, os mares,  
Os vales, as montanhas, as florestas,  
Aves, brutos, e homens,  
E essas centenas de milhões de mundos,  
Que cadentes vagueiam no infinito,  
É um sistema harmônico, perpétuo,  
Em glória do Supremo Ser dos seres!

Rara mulher, tu viste humildes servos  
Deporem a teus pés dons preciosos,  
Que os Reis, e os Potentados te enviavam.  
Tu viste os próprios Reis, e seus validos,  
E deles homenagem recebeste.  
Viste os povos da Europa arrebatados  
Aqui e ali ao som de teus acordos,  
Que embebiam nos seios d'alma o encanto.  
Viste, sim viste inúmeras coroas  
Lançadas a teus pés; e prosseguias  
Ufana a deslizar as sibilinas  
Dulcíssonas cadências.  
Eis do Gênio o triunfo!  
Glória ao Gênio se dê, perene, eterna!

Sobre um leito de rosas, e de louros,

Hoje repousas, não no esquecimento,  
Mas no arrebo da glória:  
Como o guerreiro que na paz desfruta,  
Vendo os despojos dos vencidos povos,  
Grata consolação que a alma embriaga.

Tudo o que te rodeia manifesta  
Teu imortal renome.  
Altars te ergueria a prisca Grécia,  
Se a prisca Grécia te embalasse o berço.  
Da própria filha tua a voz canora,  
Voz que tão alto sobe, e já promete  
Outro novo milagre de harmonia,  
Também te louva, e exalta;  
Que se o nome dos pais herdarem os filhos,  
A glória filial os pais sublima.

Ah! não desdenhes receber louvores  
Do peregrino incógnito, que passa  
Por estrangeiras plagas  
Sem arruído, como o mudo sopro  
Das matutinas, solitárias auras.

Mil vezes proferir ouvi teu nome  
No novo, e velho mundo, e jamais pude  
Augurar-me a ventura  
De te ver, de te ouvir, e mais ainda,  
De receber de ti sinais de estima.

Longe da Pátria o viajor saudoso  
Bem raras vezes o prazer encontra.  
De cidade em cidade andado tenho,  
Reinos atravessei, cantões, e vilas,  
Vinguei gelados Alpes, e Apeninos,  
Vales descí sombrios, subi torres,  
Sempre co' a Pátria minha na lembrança;  
Como a andorinha que de teto em teto  
Salta, sem que se esqueça de seu ninho.  
Tudo da Pátria a idéia me revive,  
Mas nada me consola;  
Em parte alguma não achei ainda  
Um coração de pai, de mãe, de amigo,  
Que vendo-me partir, pesar sentisse,  
E ao menos me dissesse: — Deus te guie.

Sublime Catalani, tu me honraste!  
Talvez única sejas, que te lembres

Do peregrino errante,  
Quando ele, já na Pátria rodeado  
Dos velhos pais, de irmãos, e dos amigos,  
Refrescando a memória das viagens,  
Entre, os que viu, prodígios,  
Cheio de comoção, citar teu nome,  
E dizer: eu a vi; falei com ela!

Pago ao Gênio um tributo merecido,  
Que a gratidão me inspira;  
Fraco tributo, mas nascido d'alma.

Florença, 20 de novembro de 1834

NO ÁLBUM DA ILUSTRÍSSIMA  
E EXCELENTÍSSIMA SENHORA

D. JOANA MARQUES LISBOA

Um mundo oculto, mais real, mais belo  
Que o mundo exterior, nossa alma encerra.  
Aí a fantasia, hábil pintora,  
Ora mil quadros reproduz da terra,  
Ora de outros mil quadros criadora,  
    Quadros de alma doçura,  
Instantes nos outorga de ventura.

Oh fantasia, oh único refúgio  
    Do mísero proscrito!  
Tu, para consolar o peito aflito,  
Os passados prazeres nos retratas;  
As pandas asas das prisões desatas,  
E pelos pátrios ares deslizando,  
Que sublimes visões nos vais pintando!

Oh! se é belo, sentado à sombra amiga  
    Do pátrio cajueiro  
    De frutos esmaltado,  
Onde o saudoso sabiá se abriga,  
Onde pousa o colibri, e o gaturamo;  
Se é doce ouvir terníssimo reclamo  
    Do lindo coro alado,  
    Da aurora pregoeiro,  
Que à celeste mansão nossa alma eleva  
    Quanto é mais belo, ausente,  
À parca sombra do álamo estrangeiro,  
Ouvindo o rouxinol cantar amores,  
    Da Pátria então lembrar-se,  
    Lembrar-se de um parente,  
De um amigo da infância, de um remanso,  
Onde, fruindo o aroma de mil flores,  
Ao som estrepitoso da corrente,  
Tantas vezes achamos o descanso  
    Às infantis fadigas!

Oh! como é doce então a alma engolfar-se  
    Nas cenas do passado!  
Tudo vem ante nós apresentar-se  
    Nesse querido instante!

Nossa alma, entre mil cenas delirante,  
Ouve a voz da saudade que murmura;  
A saudade, a saudade,  
Esse triste prazer que não se explica,  
Agro prazer de um coração magoado,  
Prazer que se mistura  
Com dor, com aflição, saudosa angústia  
Que nos punge, nos rói, nos vivifica.  
Assim nestas estranhas, longes plagas  
Se nos antolha a Pátria!

E por ela em cada inverno  
De contínuo suspiramos,  
E mesmo na primavera  
Inda dela nos lembramos.

Cada quadro nos desperta  
A cadeia interrompida  
De gratas reminiscências  
Da nossa passada vida.

Assim, assim um dia,  
Já sob o céu Brasília,  
Como um sonho, da Europa a bela imagem  
Ressurgindo na nossa fantasia,  
Despertará saudades deste exílio.

Então entre mil cenas divagando,  
Do passado as idéias refrescando,  
Ante nós se erguerá também Bruxelas,  
Seus parques, seus jardins, e as torres belas  
Dos seus templos, e góticos palácios.

Então, talvez então, vendo este livro,  
Que quadros vos recorda tão diversos,  
Vos lembrareis do errante, jovem vate,  
Que estes versos traçou, saudosos versos.

Os gratos dias,  
Que aqui gozei,  
Ante minha alma  
Sempre os terei.

Os inocentes,  
Gratos penhores,  
Anjos da terra  
Encantadores,

Que tantas vezes  
Eu afagava,  
E em grato enlevo,  
Os abraçava;  
Esta harmonia  
Do par ditoso;  
Em vós beleza,  
Amor no esposo;  
Candura em todos,  
Terna bondade,  
Dotes sublimes  
Da Divindade  
Jamais minha alma  
Olvidará,  
E de vós sempre  
Se lembrará.

Bruxelas, 21 de junho de 1836

## XII

### ADEUS À EUROPA

Adeus, oh terras da Europa!  
Adeus, França, adeus, Paris!  
Volto a ver terras da Pátria,  
Vou morrer no meu país.

Qual ave errante, sem ninho,  
Oculto peregrinando,  
Visitei vossas cidades,  
Sempre na Pátria pensando.

De saudade consumido,  
Dos velhos pais tão distante,  
Gotas de fel azedavam  
O meu mais suave instante.

As cordas de minha lira  
Longo tempo suspiraram,  
Mas alfim frouxas, cansadas  
De suspirar, se quebraram.

Oh lira do meu exílio,  
Da Europa as plagas deixemos;  
Eu te darei novas cordas,  
Novos hinos cantaremos.

Adeus, oh terras da Europa!  
Adeus, França, adeus, Paris!  
Volto a ver terras da Pátria,  
Vou morrer no meu país.

Paris, agosto de 1836

FIM